



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

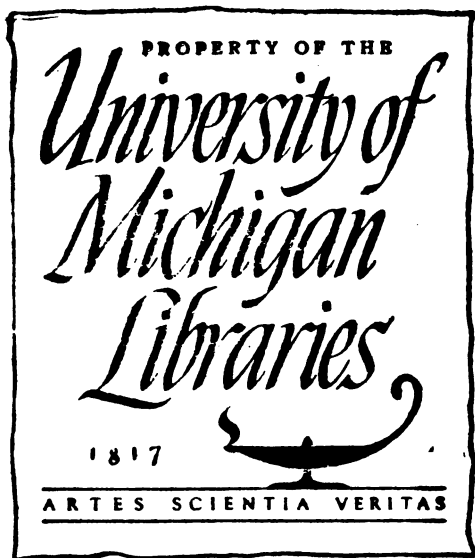
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

A

859,020





OBRAS COMPLETAS

—

ALMA PORTUGUEZA

—

FREI GIL DE SANTAREM



ALMA PORTUGUEZA

Rhapsodias da grande Epopéa de um pequeno Povo

- I. **VIRIATHO** — Narrativa epo-historica. Porto, 1904. 1 vol.
in-8.º de xx — 367 pag.
- II. **FREI GIL DE SANTAREM** — Lenda faustiana. Porto, 1905.
1 vol. in-8.º de xxxii — 370 pag.
- III. **LINDA IGNEZ** — Tragedia classica.
- TRIOLOGIA { 1.ª — A pallida Donzella.
2.ª — Morta e Rainha.
3.ª — A Vingança do Justicelro.
- IV. **OS DOZE DE INGLATERRA** — Poema de aventuras. Porto,
1902. In-8.º de vii — 304 pag.
- V. **O PEITO LUSITANO** — Rhapsodias cyclicas das Navega-
ções.
- VI. **CAMÕES** — Poema epo-lyrico.
- VII. **GOMES FREIRE** — Drama em cinco actos.

ALMA PORTUGUEZA

FREI GIL DE SANTAREM

Lenda faustiana da Primeira Renascença

POR

THEOPHILO BRAGA

Alguns lhe chamci já o nosso **Doutor Fausto**; e é com effeito. — é necessario que appareça como protagonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro.

GARRETT, *Viag. na minha Terra*, c. XXXIX.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores

1905

Todos os direitos reservados

Porto — *Imprensa Moderna*



IDEIA DO POEMA

I

A primeira Renascença — Symbolisação artistica

A historia moderna da Europa começa na grande crise do seculo XII, em que se inicia a dissolução do Regimen catholico-feudal. Manifesta-se o conflicto entre as *Duas Verdades*, a da Rasão e a da Crença; entre as *Duas Espadas*, o Sacerdocio e o Imperio; e entre as *Duas Cidades*, a Igreja com as immunidades do clericalismo, e o Estado com a lei civil, fundamento de toda a auctoridade.

N'esta transição do mundo medieval para a edade moderna, Portugal foi dignamente representado na intensidade *especulativa* ou mental por dois espiritos preponderantes, PEDRO JULIÃO, o condensador da Philosophia de Aristoteles, nas *Summulas logicales*, professadas nas Escolas até ao seculo XVI, auctor do livro de Medicina *Thesaurus pauperum*, ascendendo ao Pontificado com o nome de João XXI; e santo ANTONIO DE LISBOA, que regentou cathedras de Philosophia nas Universidades italianas, transitando da abstracção metaphysica para a elevação mystica, como um dos primeiros cooperadores de S. Francisco de Assis.

Mas, n'estas luctas do pensamento emancipador houve um espirito revolucionario e negativista representado nas lendas de uma Sciencia cabalistica e demoniaca, como as que envolveram os vultos de Sylvestre II e de Rogerio Bacon, esbôços do typo de *Fausto* na primeira Renascença. Este aspecto da crise mental está representado em Portugal na figura biographada nos agiologios — FREI GIL DE SANTAREM. Sob as crostas das narrativas do pacto e arrependimento do escholar que nos Estudos de Paris seguiu a sciencia médica, proverbialmente inquinada de atheismo, é que á luz das correntes philosophicas do seculo XIII se descobre o pensador revolucionario, que merece enfileirar-se ao lado do Doutor Sigier e de Simon de Tournay, pelo terror da audacia mental que os victimou. Só no quadro do seu seculo, se comprehende esta poetica individualidade.

No estudo sobre *Joachim de Flores e o Evangelho eterno*, caracteriza Renan nitidamente a primeira Renascença:

«Depois do seculo XI, dá-se uma Renascença em philosophia, em poesia, em politica, nas artes. Esta renascença, que então se manifesta em França, alcança o seu mais bello momento na primeira metade do seculo XIII; depois estaciona. O fanatismo, o espirito mesquinho da Scholastica, as atrocidades da Inquisição dominicana, o pedantismo da Universidade de Paris, a incapacidade da maior parte dos soberanos, conduzem para uma completa decadencia. Os seculos XIV e XV são para toda a Europa, exceptuando a Italia, seculos inferiores, seculos em que já se não pensa, nem se sabe escrever, em que a arte se enfraquece, e em que a poesia se cala.»¹ E' este o grande quadro, em que appa-

¹ *Nouvelles Études d'Histoire religieuse*, p. 300.

rece a figura de Frei Gil em toda a luz com as suas audacias mentaes e desfalecimento mystico.

Gil Rodrigues de Valadares, filho do Alcaide-mór de Coimbra, frequenta as Escolas do Mosteiro de Santa Cruz. Absorve-se na meditação das doutrinas neoplatonicas, que actuam na primeira Renascença, do seculo XIII, as quaes suscitando a theoria do Amor, que se manifesta no ideal do novo Lyrismo dos *Trovadores*, na acção heroica da *Cavalleria*, no culto mystico da *Virgem*, prestando novos Symbolos á Arte, na contemplação da *Natureza* pelas investigações experimentaes dos Alchimistas que preparam as inducções da *Sciencia*, tambem coincidem com a formação das *Irmadades* e *Jurandas* em que se fortifica o Proletariado.

Entre estas correntes complexas, que determinam a agitação revolucionaria d'esse seculo, Gil de Valadares chega á concepção platonica: O Poder, a Sciencia e o Amor, como as trez manifestações divinas por excellencia.

Pretende ascender por essa escada mystica-especulativa. Sente a necessidade do *Amor*, na floração da sua idade, e segundo as ideias de Platão, no dialogo do *Banquete*: «O principio do *Amor* é a Actividade.» E' assim que o *Poder* de Deus se revelou pelo *Amor* na obra da Creação. Tambem os Mysticos do seculo XIII, realisam pelo Amor a identificação em Deus. E a este fim supremo conduz igualmente a *Sciencia*, conforme pensaram Averroes e os Scholasticos: «O fim da *Sciencia* é reduzir incessantemente o particular ao geral, identificar a alma individual com a Alma infinita, absorvendo a personalidade humana na immensidade divina.» No conflicto dos dois Poderes, o espirital e o temporal, a *Sciencia* conduz á comprehensão da sua harmonia ou reorganisação, e o *Amor*, pelo altruismo, ao Ascendente

moral, que, preparando a nova ordem porá termo á crise de dissolução em uma *Synthese affectiva*.

Quando no meio da sua concentração especulativa Gil de Valadares procurava um objectivo para aspiração affectiva, é que inesperadamente D. Thereza, a esposa divorciada do rei de Leão, vindo tomar posse do Castello de Montemór, que herdara de seu pae D. Sancho I, se hospéda na passagem por Coimbra em Santa Cruz. Dá-se a psychose no joven escholar, e nasce o amor absorvente e desvairado; por ella, vae Gil de Valadares combater no *Cêrco de Montemór*, contra a hoste do rei de Portugal D. Affonso II. Fizeram-se tréguas e o accôrdo do rei com as irmãs, e Gil, tendo posto em suspeição a fidelidade do Alcaide-mór de Coimbra, Ruy Pires, seu pae, este propõe-lhe: que vá servir no Cêrco de Alcacer do Sal, sustentado pelos Cruzados Teutonicos contra os mussulmanos, ou então ir frequentar a Universidade de Bolonha.

Gil prefere antes ir para as Escolas de Paris. Parte subitamente, como Escholar errante, relaciona-se em Lisboa com Thomaz Scotto, e dirige-se para Toledo no intuito de vêr a Rainha divorciada, que elle ama loucamente á imitação dos Trovadores. Thereza estava, pelos seus grandes desgostos e pelas devoções das *Flagellantes*, em um estado de hallucinação, e no seu delirio attonito mal o conheceu. E' então que Gil de Valadares comprehende, que o Amor, nascido da Vontade ou propriamente o *Desejo*, se torna contemplativo pela *Piedade*. Condoído da loucura de Thereza, o Escholar resolve seguir immediatamente para os Estudos de Paris e ahi entregar-se á *Sciencia*, a vêr se consegue trazer aquella mulher amada á rasão, á consciencia. Esta anciedade de saber leva-o a iniciar-se no espirito critico nas *Covas de Toledo*, onde se conservam as tradições da Cabala e da Alchimia. Espera alli o descobri-

mento da Panacêa universal. Em uma insurreição mental reconhece a decadencia do Monotheismo, e consequentemente a necessidade da construcção de uma Philosophia baseada sobre factos *positivos* e não sobre méras relações das cousas ou entidades *cathegoricas*. N'esta tendencia dos espiritos, até os Monges trocam a Theologia pelo estudo da Medicina.

Parte para Paris, e ahí nas Escolas turbulentas da *Montanha Latina* Gil de Valadares reconhece o syncretismo de todas as Doutrinas determinado pelas Cruzadas: o espirito do Oriente no Gnosticismo, confundindo-se com o Hellenismo, com as tradições theurgicas da Chaldêa por via dos Judeus, e com a Alchimia dos Egypcios explorada insistentemente pelos Arabes. A preponderancia objectivista, pela importancia excessiva dada á *Logica*, provoca a elaboraçãõ de uma nova synthese mental ou subjectiva. Predomina o *Organum* de Aristoteles, e pelo emprego do Syllogismo dissolvem-se os Dogmas da Theologia; pelo commentario das *Pandectas* é atacada a Auctoridade privilegiada diante da justiça impessoal. Contrariado no seu amor pela terrivel fatalidade, Gil de Valadares entrega-se por completo ao estudo da Medicina, e quando chega a entrevêr as *leis da harmonia mental*, na justa relação entre o mundo real e a representação subjectiva regulando-lhe a reacção, sabe que a rainha divorciada acaba de falecer. E' então que renuncia a todos os prazeres da vida; meditando no amor de Heresta, sublimado pela morte, reconhece que a paixão simultanea pela *Belleza realista* e pela *Belleza symbolica* é em que consiste a fôrma superior do Amor; e assim na sua alma a lembrança de Heresta se associa ao Symbolo da Virgem, em um imperecível *Amor*, que o eleva á suprema emoção, á pureza de alma, ao extasis e até á santidade. Segundo as doutrinas do Amor, na côrte dos Plan-

tagenetas: «O Amor deve ser a fonte das Virtudes sociaes; d'elle deriva a força nobilitante. — O amante só se torna digno de ser amado pelo duplo exercicio da Valentia e da Cortezia. Por tal preço é que o Amor conduz á perfeição.» A loucura de Heresta elevara-o do Amor-*Desejo* ao Amor-*Piedade*, e pela sua morte inesperada, liberto da fórma material, attinge o Amor-*Ideal*, universalisado no Symbolo poetico ou philosophico — o *Eterno feminino*, a Virgem-Mãe do evhemerismo theologico, mas na sua vindoura expressão esthetica — a Humanidade. E' n'este terceiro Amor, que como em Boecio e em Dante, a paixão pela Verdade natural ou moral é representada pela Philosophia.

Em quanto se entrega a estas concepções, Gil de Valadares é chamado como medico para a Côrte da rainha Branca de Castella, em que assiste o principe Dom Affonso de Portugal, com os Fidalgos e Bispos que conspiravam contra D. Sancho II, preparando a sua deposição, por pretender sustentar a independencia do Poder real contra o clero e contra a nobreza. E' alli que melhor observa a lucta entre os dois Poderes, e reconhece que não sendo constructivo, tendo por ideal o fim humano, o Poder torna-se esteril abdicando no goso material da personalidade. Elle aspira ao Poder, como meio de tornar effectiva a concordia humana pelo affecto, e a libertação das consciencias pela unanimidade da Sciencia. Como alcançar a posse do Poder, no intuito de uma acção social? Na *Côrte de Branca de Castella* predomina a Ordem dos Pregadores, então denominada dos *Irmãos da Virgem*; Jordão de Saxe, seu companheiro de estudos, revela-lhe que essa Ordem é a que dispõe do maior poder social, e a que sustenta a Igreja nos conflictos entre a Rasão e a Fé, sendo o *Bastão de S. Domingos* mais poderoso do que o Sceptro dos Reis. Procura attrahil-o a professar na Ordem

dos Pregadores, mostrando o prestígio de seu Poder, e aproveitando resolutamente o desalento moral pelo falecimento de Heresta.

Como se operou esta crise, em que um espirito que chegara ao livre exercicio da critica negativista, conhecendo que a Sciencia da sua epoca ainda está improficua por não ter conseguido reunir os dois elementos os *phenomenos* e as *relações*, regressa outra vez ás fições theologicas, e se submete á disciplina monachal? Esta crise individual foi a consequencia da crise do Seculo XIII, em que a sua fecunda e generosa primeira Renascença se apagou em um retrocesso pavoroso. A Igreja estabeleceu o regimen da Inquisição, das perseguições contra as Heresias, extinguiu a efflorescencia da Architectura e da Esculptura, fechando-se em um canonismo frio e mesquinho; a Realeza, que se apoiava nas Communas, submete-as á obediencia passiva, e fortifica-se com a guarda de corpo, que se torna no seu destino de oppressão o Exercito permanente.

No estudo sobre o *Evangelho eterno*, Renan caracteriza as forças de reacção reflectidas e disciplinadas que paralisaram todas as energias do seculo XIII: «A Igreja romana, a Universidade de Paris, a Ordem de S. Domingos, o poder civil, tantas vezes inimigos, acharam-se ligados contra pretensões que não se dirigiam a menos que mudar as condições fundamentaes da sociedade humana. A atrocidade dos meios empregados para aniquilar estas estranhas doutrinas nos revolta; uma multidão de instinctos louvaveis foram envolvidos na condemnação que os feriu; pôde-se dizer comtudo, que o verdadeiro progresso não estava com estes bons sectarios. Estava no movimento paralelo e que levava o espirito humano para a Sciencia, para as reformas politicas, para a constituição definitiva de uma sociedade leiga. Desde 1255 pôde-se já reconhe-

cer que o progresso, como o entendem as sociedades modernas, vem de cima e não de baixo, da razão e não da imaginação, do bom senso e não do entusiasmo, dos homens sensatos e não dos hallucinados que procuram em chimericas aproximações os segredos do destino.»¹ Esta liga tremenda das forças conservadoras, é que nos explica como Gil, o escholar do pacto demoniaco, o medico glorioso das Escolas de Paris, cae subitamente na corrente theocratica sustentada sanguinariamente pela Ordem dominicana, e sendo um seu corajoso instrumento. Esta conversão, renegando o passado, o espirito da Renascença, mais do que um phenomeno individual, representa a nova epoca e estado de depressão dos espiritos.

N'esta dissolução de um negativismo, que alliou a insurreição mental ao radicalismo social, dando logar ao conservantismo feroz do Poder catholico-feudal, como achar a vereda para reentrar na phase constructiva? Pelo regresso saudavel e vivificante á *Natureza*, que a apathia ascetica tornara detestavel, repellindo-a como um fôco de podridão. A *Natureza*, segundo o symbolo hellenico, é a Circe encantadora que attrae; é ella que hade dar realidade ao sentimento humano, e fornecer á razão os phenomenos concretos, que relacionados entre si renovarão a Sciencia pela descoberta de uma Lei geral, esbôço primeiro da Synthese objectiva. A Grecia é que suscitou esta segunda Renascença, no seculo xvi, pela emoção das obras primas da Arte hellenica e pela renovação do par scientifico a *Mathematica* e a *Astronomia*, conduzindo para a demonstração da *Ordem physica* no universo. Cabe a Petrarca a gloria de ter preparado a transição da primeira

¹ *Nouvelles Études*, p. 322.

Renascença para a grande Renascença do seculo XVI, impulsionada pela Italia; a *Theoria do Amor* da Edade média, tornada mais profunda pelo idealismo neo-platonico, constitue o thema fundamental do Lyrismo moderno; o Humanismo, ou a paixão pelos exemplares da Litteratura e da Philosophia greco-romana reconstruidos pela erudição, deu uma consciencia da Humanidade, que sem dependencia de revelações divinas, chega a reconhecer-se Providencia de si mesma. Sem essa constituição do primeiro par scientifico, não se teriam elaborado os outros pares que levaram á comprehensão da *Ordem organica*, e á previsão da *Ordem social*. A segunda Renascença fructificou, abrindo á humanidade a éra dos progressos conscientes, pelo concurso de todas as energias, activas, especulativas e affectivas.

Para representar estas duas Renascenças em Symbolos poeticos, não basta o typo do pensador audacioso, tal como fornecem a historia e a lenda popular do Sabio com o seu *pacto* diabolico. N'esta aspiração de tudo saber, de tudo discutir e explicar pela rasão, destituindo a fé, ha a representar esse espirito suggestivo da Negação, que as lendas theologicas identificaram com o Diabo, desligado do seu primitivo Dualismo. Na lenda do *Doutor Fausto*, que synthetisa a segunda Renascença, é *Mephistopheles* que representa esse Espirito contradictorio, em quanto á racionalidade; mas é elle que serve o génio da Renascença acordando a paixão pela Natureza, na energia sensual com que arrebatava o sabio á serenidade especulativa. O nome de *Mephistopheles* exprime este poder da sensualidade, e os escriptores do seculo XVI e XVII, que o adoptaram, tiveram uma intuição admiravel. No texto hebreu dá-se o nome de *Mipheletzeth* ao que na Vulgata se traduz por Priapo, divindade phalica, da qual fô-

ra sacerdotisa a mãe do rei Aza; ás *imagens do sexo masculino*, condemnadas pelo propheta Ezechiel, (16, * 17) e ás columnas phálicas dos Altos logares. Rabelais, no *Pantagruel*, faz de *Mipheletzeth* a rainha do povo da ilha de Andouilles. Para o seculo XVI, esse idolo sexual tomado como Diabo sensual pela maldição da Igreja, foi bem escolhido pelos poetas para representar o aspecto de seducção da Natureza, que caracteriza a segunda Renascença.

Era preciso encontrar um Symbolo caracteristico para representar o facto da insurreição mental da primeira Renascença, sob o imperio do Scholasticismo, do syncretismo doutrinario de todas as theorias philosophicas, theologicas, cabalisticas, do mais anarchico radicalismo social e religioso. Na tradição das Escolas das Collegiadas e das Universidades foi creado esse typo, que encarnara a Dialectica dissolvente; era a entidade malevola *Titiveltarius*, que apanhava na discussão e exposição escolares todas as syllabadas, que tornavam erroneas as fórmulas dogmaticas. Desde que a Verdade se não procurava nos phenomenos, mas nas fórmulas verbaes que os significavam, o erro systematico era uma condição para dar margem á livre critica. Victor Leclerc, o erudito que mais profundamente conheceu a vida das Universidades nos seus usos e conflicto de doutrinas, notou essa Entidade malévola creada sob o terror da Sciencia no seu destino emancipador. *Titiveltus* é pois um Symbolo de origem escolaresca, que, sem o ridiculo do diabo de farça, exprime bem o aspecto da insurreição mental que hallucinou a maior parte dos pensadores da primeira Renascença; e para que essa Entidade tome realidade e actue na agitação das Escolas, encarna-se no typo vulgar do *Escholar pobre*, tão caracteristico pela sua vida errante de Universidade em Universidade, e na turbulencia

●

estudantesca levada ás vezes a plenas revoltas. *Mephistopheles* suscita na segunda Renascença a seducção da Natureza, particularisada na sensualidade feminina; *Titivetus* provoca a insurreição mental, e pelo abuso da Dialectica formalistica arrasta á Negação, que predominou na primeira Renascença.

Gil de Valadares entra na Côrte de Branca de Castella pelo prestigio da **Sciencia**; e alli, quando pela sua tristeza tinha renunciado a todas as esperanças, e o Poder se lhe tornava uma utopia, é alli que o Poder o procura e o investe de uma auctoridade extraordinaria. Os Prelados e Fidalgos portuguezes que estão refugiados na Côrte de Branca de Castella, trabalham para a deposição de D. Sancho II, e obtiveram uma bulla de Honório III retirando-lhe o summo imperio e desligando senhores e vassallos do juramento de fidelidade. O principe D. Affonso é o pretendente ao throno do irmão, e pelo seu casamento com Mathilde, a Condessa de Bolonha, é auxiliado pela rainha Branca de Castella e pelo Papa. Então professo na Ordem dominicana, Gil é mandado a Portugal intimar a D. Sancho II a bulla da deposição, é elle que assigna com D. Affonso III a carta de confirmação de privilegios á cidade de Lisboa, e é o que protege o monarcha contra o interdicto por causa do casamento com a filha do rei Affonso o Sabio, tendo viva ainda sua primeira mulher. Todo este Poder excepcional é representado pelo Symbolo lendario do *Bastão de San Domingos*, que póde mais do que o Sceptro dos Reis: Já na velhice, retirado no seu asceterio em Santarem, Frei Gil reconhece que o Poder sem ideal é esteril, se não se inspirar no fim humano; que a **Sciencia**, reduzida á critica das relações em vez dos phenomenos é improgressiva, e que só pela acção gradativa do tempo, alliando os factos cosmologicos, organicos e sociaes, é que se prestará á concepção posi-

tiva do mundo e da consciencia. A unica luz que nos guia n'esta incapacidade do Poder e incongruencia da Sciencia, é o Amor, realisando-se na sympathia, na liga das Confraternidades, na associação para a cooperação pacifica, definindo a Providencia humana. Por este regresso á affectividade humana, como unico equilibrio nas crises de renovação social, sendo Frei Gil venerado pelas piedosas mulheres, ellas na sua morte proclamam, que a laurea do Sabio murchará, fulgindo eterna a auréola do Santo.



II

A Lenda agiologica e as tentativas de elaboração litteraria

Esta singular figura, que na insurreição mental da primeira Renascença representa a par da corrente mystica (ANTONIO DE PADUA) e da aristotelica averroísta (PEDRO HISPANO) a corrente do negativismo critico e naturalista, pela tradição popular entrou nas Lendas agiologicas do seculo XIII até ao seculo XVI, destacando-se a sua maravilhosa individualidade nas Comedias famosas do seculo XVII, e em um poema didactico do seculo XVIII, até que Garrett teve a intuição esthetica d'este thema nacional.

Citaremos primeiramente as Lendas agiologicas, em que se colheram os elementos tradicionaes para a idealisação artistica :

I. *Legenda Fratris Aegidii, Patria, Partes, Studia ejus et Conversio.* (Em latim barbaro; outr'ora no Convento de San Domingos de Santarem.)

II. *Series Vitae B. Aegidii.* (Nova recensão do Ms. antecedente, e anterior ao seculo XVI: = *Librum vetustissimum membrana scriptum.* =)

III. *Vitae Fratrum*, por Humberto, Geral da Ordem de S. Domingos, no Liv. IV, cap. 2, *De virtute Orationis. — De diversis visionibus.*

A) *Conversio miranda D. Aegidi Lusitani*, lib. 4, por Mestre André de Resende. (Serviu-se das fontes antecedentes, II e III.)

B) *Vida de S. Frei Gil*, pelo P.^e Balthazar de S. João. 1528. Manuscrito, em Santarem.

C) No *Flos Sanctorum*, de Fr. Diogo do Rosario, (1612) seguindo: «um Livro authentico que trata da vida de alguns Santos, da mesma Ordem (dominicana) a qual parece que foi tirada da que está escripta no Convento de Santarem.» Fr. Diogo do Rosario attribue-a a um contemporaneo do santo, por estas phrases: «Tambem em mi experimentei as maravilhas d'esse santo.»

D) Quetif-Echard, nos *Scriptores Ordinis Predicatorum*, (t. I, p. 474) refere-se á Vida manuscripta, citando a auctoridade de Nicoláo Antonio, que diz ter d'ella extrahido Resende o seu texto.

E) Nas *Acta Sanctorum*, Mai, III, tambem vem a vida de Frei Gil; o redactor procedeu a investigações em Portugal, mas já se não encontraram os Manuscritos no seculo XVII.

F) Cardoso, no *Agiologio lusitano*, t. III, p. 251, (Lisboa, 1666), referindo-se a Frei Gil dá-o como conego da Sé de Coimbra, fundado no — *Kalendarium Cathedralis Ecclesiae Conimbricae*. (E' o *Livro das Kalendas da See de Coimbra ... tresladado dos antigos por mandado do Cabido*. Ms. da Bibliotheca da Universidade; a fl. 215 vem a referencia á conesia.)

g) Frei Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, P. I, Liv. 2, cap. 12.

h) David Clément, *Bibliothèque curieuse et historique, ou Catalogue des Livres difficiles à trouver*, vol. IX, p. 179. Fr. Gil de Santarem é ahi notado com uma pequena memoria pelo Cavalheiro de Oliveira.

*

Entre as *Comedias famosas* do Theatro hespanhol do seculo XVII, figuram:

— *El Esclavo del Demonio*, por Mira de Amescua.

— *Caer para levantar* — *San Gil de Portugal*, por João de Mattos Fragoso, Jeronymo de Cancer e Agustín Moreto.

Esta Comedia famosa versa sobre o pacto com o Diabo por causa de uma mulher desejada. A scena fundamental do encontro com a dama é uma reminiscencia da comedia famosa de Calderon *El Magico prodigioso*, em que o estudante Cypriano faz o pacto com o Diabo para lhe entregar Justina; o Diabo não pôde vencer a virtude de Justina, e illude-o com a apparencia, de sorte que quando o apaixonado lhe alevanta o véo, dá com um cadaver. Tambem na comedia famosa de Mattos Fragoso, Gil deseja D. Leonor, que estava para entrar religiosa em um convento em Coimbra; para obtê-la assigna a cédula da sua alma ao Diabo, mas ao entrar em uma caverna onde ella se occulta encontra um cadaver. E' este o lance capital, em torno de que gira a acção pobre apesar de complicada. Um fidalgo D. Vasco tem duas filhas, D. Violante e D. Leonor; a esta diz-

lhe que irá casar com o rei D. Sancho II de Portugal. Declara Violante que está apaixonada por Dom Diogo de Menezes e que lhe jurou casamento. Dom Vasco deblatera, manda chamar D. Gil, que tem fama de Santo, para que intervenha n'esta complicação. D. Vasco consegue desviar D. Diogo de Menezes, e quando D. Violante foge de casa uma noite, D. Gil substitue-se ao amante, que fôra fazer penitencia, e lança-se no peccado com ella. E' depois d'isto que vê a outra irmã D. Leonor e a deseja, fazendo o pacto demoniaco, dizendo que não receiava entregar a alma ao Diabo depois de morto, porque morrendo a alma deixava de ser sua. E' no meio das suas loucuras que D. Violante lhe clama que faça penitencia. Estas exhortações produzem seu effeito; Violante entra em scena de cruz ás costas, Gil arrepende-se confessando os seus peccados, e é perdoado por D. Vasco e por D. Diogo de Menezes.

A Egidea, Poema heroico ou a historia da protentosa vida do grande penitente S. Fr. Gil portuguez . . . Lisboa, Anno m. DCC. LXXXVIII. 1 vol. in-16, de 155 p. (Consta de 9 Cantos em outava rima.) Não tem nome de auctor, mas sabe-se que o escreveu o medico de Santarem João Pedro Xavier do Monte. Termina com esta allusão á profissão do auctor:

Faze pois, que te imite convertido,
Medico e peccador pois tenho sido.

Quando Garrett comprehendeu o valor das tradições para a elaboração esthetica da Litteratura nacional, introduziu no poema *Dona Branca* a figura lendaria de *Frei Gil de Santarem*, que os agiologios medievaes apontavam como tendo, no seculo XIII, feito um pacto

da alma com o Diabo, vindo pela conversão e penitência a sublimar-se na santidade; eis as referencias laticônicas de Garrett:

..... quem sabe
 E tudo póde em coisas taes de encantos,
 Certo, que nomear teres ouvido
Frei Gil de Santarem
 quanto mudado
 Está *Frei Gil!* Do Diabo, a quem vendera
 A alma pelo poder da bruxaria,
 O escripto cobrou, que lhe fizera
 De obrigação, lavrado com seu sangue.
 E agora o Diabo, a quem servira escravo,
 Como a senhor o serve; e é maravilha
 Ouvir casos e cousas que se hão feito
 Por sua intervenção. Peça mais fina
 Nunca santo pregou a um fino Diabo,
 Do que o padre *Frei Gil*: fal-o ir ao côro,
 Resar c'os frades, ouvir missa inteira,
 E confessar-se até.

— Mas quem vê isso?
 «Ninguém senão *Frei Gil*: boa era essa!
 Se o vira alguém forte milagre fôra.

Riram-se os cavalleiros do bom lôgro
 Que pregára ao demonio o santo frade.

(Cant. VIII, est. 1x-x1.)

Garrett, no canto ix da *Dona Branca* apresenta *Frei Gil* em acção, cobrindo o maravilhoso com o humorismo; a sua intervenção magica fica sem relêvo. Nas *Viagens na minha terra*, descrevendo os aspectos de Santarem, lembra-se do *Frei Gil*: «Algueres lhe chamei

já o nosso *Doutor Fausto*; e é com effeito. Não lhe falta se não o seu Goëthe. — Nós precisamos de quem nos cante as admiraveis luctas — ora comicas, ora tremendas, do nosso Frei Gil de Santarem com o Diabo. O que eu fiz na *Dona Branca* é pouco e mal esboçado á pressa. O grande mago lusitano não apparece ali senão episodicamente; e é *necessario que appareça como protagonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro.*

«Então o seu ardente e anciado desejo de saber, os seus vastos estudos, os reconditos mysterios da natureza, que descobriu até penetrar no mundo invisivel, — a sêde de ouro, de prazer e de poder que o perseguia e o fez cahir nas garrás do espirito maligno, — o fastio e a saciedade que o desencantaram depois, — o seu arrependimento emfim, e a regeneração da sua alma pela penitencia, pela oração e pelo desprezo da vã sciencia humana — então essas variadas phases de uma existencia tão extraordinaria, tão poetica, devem mostrar-se como ainda não foram vistas, porque ainda não olhou para ellas ninguem com os olhos de grande moralista e de grande poeta que são precisos para as observar e entender.» (*Viagens*, cap. XXXIX)

Sob esta valiosa suggestão de Garrett, chegou Castilho a annunciar em 1843 na *Revista universal lisbo-nense*, em um prospecto de Obras ineditas que ia dar á publicidade:

— *O Homem do Diabo e de Deus, Santo Frei Gil*, Romance em prosa, em um volume.

(Não levou a effeito a promessa.)

Eça de Queiroz com o seu grande poder de descrever situações de emoção mystica, e sob a impressão do

romance de Gustave Flaubert, *Tentação de Santo António*, começou em 1891 a escrever alguns capitulos de um romance :

— *Vida diabolica e milagrosa de S. Frei Gil.*

Aponta-se este projecto no livro das *Prosas barbaras*; ¹ abandonou o assumpto, porque a simples imaginação e os effeitos de estylo não chegam á riqueza do quadro do seculo XIII, nos differentes e surprehendedes aspectos da primeira Renascença. Garrett comprehendeu admiravelmente a fôrma artistica como devia ser tratado este thema : «é necessario que appareça como protagonista de uma *grande acção* — em toda a luz do quadro.» O quadro não carecia de ser inventado, constitue uma esplendida época historica ; a grande acção é a queda de um rei ante o poder theocratico. Faltava só vivificar estes elementos reaes em uma synthese poetica, seguindo a phase universalista da Arte.

¹ «Ennevoei-me outra vez totalmente no phantastico,— n'aquelle velho phantastico da *Gazeta de Portugal*, feito agora com menos abutres, e em prosa talvez menos barbara que então. Estou escrevendo a *vida diabolica e milagrosa de São Frei Gil*— e por signal — dir-te-hei agora aqui, quando justamente nos achamos sob arvoredos,— que a nossa riquissima lingua portugueza me parece deficiente em côres com que se pintem selvas ; e tambem te conflarei que, tendo mettido, por minhas proprias mãos, o santo bruxo em uma floresta, não sei como o heide tirar de lá.» (*Prosas barbaras*, p. LIII.)



FREI GIL DE SANTAREM

PRELUDIO

Noite cerrada e sem estrellas. Ouvem-se badaladas soturnas na torre do Arco de Almedina; a intervallos destacam-se as phrases cadenciadas da

Canção do Sino corrido

Boa gente! gente boa!
O sino apregôa:
— Ao lar volvei logo;
Apagae o fogo;
E dormi contente. —

Boa gente! boa gente!

Lembrae-vos que o tempo vôa
Repentinamente!
Pois nós d'esta sorte,
Imos para a morte
Desfilando á tôa.

Boa gente! gente boa!

(Ao virar a encrusilhada)

Mesmo o fogo apagado,
A's vezes se ateia !
E inesperado,
Destróe o casal
De quem jaz dormente !

Boa gente! boa gente!

Eis a imagem do peccado:
É fogo latente,
Que nos incendeia ;
Para sempre ao mal
Nossa alma agrilhôa.

Boa gente! gente boa!

Na torre a hora sôa
De volver ao lar ;
O fogo apagar !
E dormir, sonhar . . .

*(A voz perde-se na solidão, ficando tudo
em uma mudez aziaga e temerosa, de-
pois das ultimas badaladas do sino.)*

Retróam pelo Valle de Ribela gargalhadas francas e tropear
de passos. Destacam-se distintamente as Cantilenas da

Tuna de Estudantes goliardos

Emquanto estão dormindo, andamos em vigilia,
Em francas tropelias;
Nós sômos da familia
De Golias.

E' a nossa missão por todas as tavernas
Passar noites e dias,
Improvisar poesias,
Canções ternas.

Ternas Canções entoar á graça feminina,
Que mais nos hallucina!
Almas novas são prêza
Da sensual belleza.

Nossos descantes são consagrados ao vinho,
Que as tristezas nos tira
E ideias mil inspira
Em audaz desalinho!

Rancho de Sopistas

Oh subtis, affectados Trovadores!
Só cantaes allegoricos amores;
Nós, n'esta vida intensa
Sinceros precursores
Sômos da — Renascença.

Oh Mysticos, na ascése macerados!
Andaes do amor divino embriagados,
E idealisaes a cova!
Nós vamos consolados
Para uma Edade nova.

(Os dois Bandos escolarescos juntando-se, em altos brados:)

Claustros, Escolas! sempre em passos tardos
Com pedantismo e hypocrisia alardos
Fazeis da Auctoridade!
Só nós vêmos, Goliardos,
Clarão da Antiguidade.

Não illumina o seculo em seu giro
Dolce color d'oriental Zaffiro?
Já da manhã desponta a claridade,
Regressemos ao monachal retiro.

(O grupo dos Escolares recolhe-se no Mosteiro de Santa Cruz, em silencio.)

PARTE I

—

O AMOR





JORNADA PRIMEIRA

VIGILIA DO ESCHOLAR

1.º Quadro — A NOITE DA TUNA

Cella do estudo froixamente allumiada; encostado á mesa, GIL DE VALADARES concentra-se na leitura de um Codice pergaminaceo; ergue a cabeça subitamente, perturbado pelo ruído dos GOLIARDOS:

GIL:

Na Livraria rica do Mosteiro
Fui topar em recondito escaninho
 Poeirento pergaminho;
Interpreto-o ha quasi um mez inteiro,
 No seu texto latino
Em que se lê o nome de — PLOTINO!

Nasceu-me n'alma este desejo immenso,
 Talvez um desatino?
De penetrar mysterio estranho, denso
Das palavras do excelso alexandrino!

Não é em vão que eu penso
Sobre a apagada letra ;
O espirito penetra
O esotérico senso.

(Abre ao acaso o Livro, para consultar a sorte ; lendo :)

«O Subjectivo ou representação
Na mente que prescrua,
O Objectivo ou a realidade,
Não têm entre si contradição,
Antinomia ou lucta!
Ambos a base são,
Constituindo a sua identidade
Unidade
Absoluta.»

(Fechando o Livro apressadamente :)

Ah! mas para alcançar esta Unidade,
O pensamento debil disparata!
Impotente é toda a meditação.
Só por uma *Intuição* immediata
Egual a á divindade
Ideal revelação.

Existe uma Magia verdadeira,
Prestigiosa atmospherá,
Que leva a desvendar a Lei primeira!
Da unificação que os sêres gera
E' o Amor! a divinal chimera...

O Amor, faz a harmonia do universo,
Que as almas umas para as outras leva,
Luz que irrompe da treva!
Emanação em que anda tudo immerso,
Na ronda sideral
Modalidades da Alma universal.

Invocações e Canticos, imagens,
Lamentos e sorrisos, mil miragens,
Cambiantes de luz em prisma vitrio,
Embalam nossas almas em Poesia!
Mas quem se entrega a essa intima Magia,
Não disporá jámais do Livre-arbitrio;
Da conscienciá plena
A individualidade em si aliena!

Essa força latente
E' uma sedução que ao goso incita
Em anciedade inquieta!
O extasi é a inspiração do Poeta,
Quando ascende ao ideal.
Só o extasi é a fusão completa
Da Natureza eterna e infinita
Com o mesquinho sêr individual.

O Extasi é o Amor,
Por onde póde a alma comprehender
Deus no infindo fulgor,
Na augusta magestade
Da absoluta Unidade,
Fóco de todo o sêr!
O Extasi é a morte antecipada
D'este terreno e transitorio nada,
Pois morrer é viver!

Como chegar ao Extasi? Eu me illudo
 Se acaso emprego unicamente o Estudo,
 Ou a ardente Vontade.
 Faz perceber o Estudo uma unidade
 Na cousa desconnexa a mais incerta,
 E a Vontade? ella é quem nos liberta
 Pela renuncia de emoções terrenas
 Do goso ou dor, da esperança e penas.

N'esta altiva ascensão,
 E' sómente o Amor
 Que entre o goso e a dor,
 Entre a paz e a lida,
 Faz o mysterio da unificação
 Da morte com a vida.

(Fica silencioso e immovel, com a cabeça pendida sobre o pergaminho, e sem ouvir o ruido crescente ao fundo dos corredores claustraes.)

Abre-se repentinamente a porta da cella, entrando de roldão
 o rancho dos GOLIARDOS.

UM SOPISTA, *erguendo-lhe a cabeça:*

Ha quasi um anno que te vêmos mudo,
 Afferrado no solitario estudo.

OUTRO:

Pois se elle aspira de Doctor ao grão!

OUTRO:

Não te fazem taes garatujas somno?

TODOS:

Esta noite é Vigilia do Patrono
Dos Escholares, — de San Nicoláo!
Não nos parece máo
Que o que da noite resta
Seja passado em festa.

(Metem o braço a GIL DE VALADARES, tirando-o do seu extasi:)

Celebremos a Cêa Cypriana
Lá na Adega do velho Tructesindo,
Carrascão e chanfana
A' tripa fôrra devorando, e rindo!
Não percas occasião hoje opportuna,
Gil Rodrigues, de ser o heróe da Tuna.

(Sdem levando GIL d frente, e cantando:)

Celebremos em lubrica vigilia
San Nicoláo, patrono de Estudantes,
Erguendo ao ár as taças espumantes,
Invocando-o em doidas tropelias!
Nós sômos da Familia
Do patriarcha Golias.

(Vão cantando em rythmo de passa-cães :)

Aravia dos Trez Estudantes :

São tres Escholares,
Vão de terra em terra ;
Deserta estalagem
Ao passar da serra,
Para lá seguirem,
A pousada pedem.
Mal entram a porta,
Que encontram aberta,
O estalajadeiro
Com ferrôlho a cerra.
Logo os tres degola,
E em sal os enterra !
Para serem pasto
Dos que alli vierem.
Nunca o negro crime
Fôra descoberto,
Se dos céos justiça
O mal não revela.

Velho peregrino
A passar acerta ;
Pede de comer
Do que á mesa reste,
O estalajadeiro
De tal carne dera.
— Dos tres Escholares
De qual a carne era ? —

A esta pergunta
Logo empallidete!
Poder alto o obriga
Que o crime confesse.
O bom Peregrino
Chama alli por elles;
Da salmoira erguidos
Cada um aparece,
Sorrindo contente
Do ruim sonho espertos!
Ao velho a mão beijam,
Que a benção conceda.

San Nicoláo sempre
Studantes protege.
Pelos Escholares
No Céu intercede;
Fadigas da Sciencia
Protecção merecem.

Chegados os Escholares da Tuna perto do Chão da Figueira
Velha, batem á porta da Adega de Tructesindo; entram
atropeladamente.

TRUCTESINDO:

Ahi tendes, senhores,
Os bons Commentadores!
D'estes toneis repletos
Extrahi toda a ordem de argumentos
Que harmonisam espiritos inquietos
Nos debates violentos;

São pulpitos perfeitos
De singular Verdade . . .

OS ESCHOLARES, *interrompendo-o* :

Pois quem é que não hade
Abrir a mente, os peitos
A tão vitaes Conceitos?
Brilhe aqui a scholar fraternidade.

UM DONATISTA, *para GIL DE VALADARES
apresentando-lhe um copo* :

Tu, que entendes a Subjectividade
De *Generos e Especies*, no delirio
Que estudas em PROPHYRIO,
Dize, — se d'este vinho a qualidade,
Bem carregado e tinto,
Cujo espirito eu sinto,
E' incorpórea, ou tem realidade?

UM SUMMULISTA :

Oh almas transviadas!
Os *Universaes* são
De ordem intelligivel
Fóra do alcance fraco dos sentidos,
Os typos da rasão
De ser das cousas creadas,
De sempiterna Essencia indefinivel,
Que é Deus, para os mais cridos.

O DONATISTA :

Rio-me d'essas vagas Entidades
Ad rem ou *In re*,
Loucas visualidades ;
No meu simples conceito, o que é — é.

*(Leva á bocca um grande cangirão de
vinho:)*

Cantemos agora a Missa
Secundum Marcas argenti;
Sanctificando a cobiça
Que a lei dá *Primi capienti.*
Lá diz o rifão, senhores :
Res, anima et mores,
Sensus, corpus et honores,
Quod perdidit vere
Bonus clericus in muliere.

*(Assentam-se todos em volta da mesa ; o
DONATISTA conserva-se de pé offician-
do em parodia da Missa:)*

In principio — silentium ;
In medio — stridor dentium ;
In fine — rumor gentium !

*(Levantando entre os dedos ao alto um
Morabitino de ouro, como ostia do sa-
crifício:)*

Consagração do Dinheiro

Do vil faço nobre,
Do malvado bom ;
De ouro, prata ou cobre,
Conforme é o som,
Quem manda sou eu!

De uma voz suave,
Seduz tanto o tom ;
Da argentina clave
Mais grato é o som ;
Quem manda sou eu !

A magica Vára,
Das Fadas o dom,
A potencia rara
Não têm do meu som ;
Quem manda sou eu !

Os dourados sonhos
Da Ilha Avalon,
Muito mais risonhos
Fal-os o meu som ;
Quem manda sou eu!

A' traição infame
Do vil Ganelon,
Quem ha que lhe chame
Ouvindo o meu som ?
Quem manda sou eu!

Milagres fez tantos
A v́ara de Aaron;
Hoje mais encantos
Produz o meu som;
Quem manda sou eu!

As Leis força enorme
Têm desde Solon;
Verga-as conforme
Ao caso, o meu som;
Quem manda sou eu!

Philosopho austero
Mais do que Zenon,
Vencido o espero
Se ouvir o meu som;
Quem manda sou eu!

As honras, as glorias
Que vão ao Pantheon,
Não são illusorias,
Se as ergue o meu som;
Quem manda sou eu!

Não tem a magia
Do canto de Amphion,
A minha valia:
Pois sem tom nem som,
No mar, terra e céu
Quem manda sou eu!

O SUMMULISTA :

Basta! Eu faço mais fiusa
Em que cada um sem pêjo
Diga o seu maior desejo,
Como quem a Deus se accusa.

TODOS:

Vamos aos *Souhets!* Bella ideia!
Como philosopho insigne,
Gil Rodrigues, nos designe
Que desejo o incendeia,
O mais audaz e altaneiro!
Seja elle a fallar primeiro.

*(Abeiram-se todos em volta da mesa, e
falla de pé:)*

GIL DE VALADARES:

Qual o maior desejo que me anima?
O *Amor*? Ascendo ao Empyreo, e lá de cima,
De lá, d'essa eminencia
Eu entrevejo a *Sciencia*,
Que me faz comprehender
Que o mais supremo goso é — o *Poder!*

Por estes tres desejos eu me agito,
Anhelante palpito;
Solitario medito,
Soffrendo a sêde immensa do infinito.

O DONATISTA, *continuando a parodia da Missa:*

Quem, como eu, adore
A feminina graça,
Erguendo ao ar a taça
Dirá: *Bibo amore*
Sancti Johannis! Com tal philtro passa
Incólume e isento
Do veneno mais rábido e violento.

TODOS:

Os mysterios do Amor não investigues,
Que falla Gil Rodrigues;
Ninguem melhor tal fórmula define,
E que mais nos fascine.

GIL:

Pois que quereis ouvir fallar de Amor,
Inesgotavel thema
De um eterno poema,
Eis a primeira estrophe...

CODECISTA:

E' de primor.

GIL:

Eu vos direi agora a Boa Nova:
Abala o mundo uma emoção latente;
Que o seculo ou o mundo se renova!

O homem governado antigamente
Foi por Lei inflexivel e escura,
Lei da fatalidade atra, premente ;

Lei do instincto, que empolga a creatura,
De paixões brutas, de odios e rancorês
Das raças sobre a terra árida e dura ;

Lei dos Dogmas, de trépidos horrores,
Dos Costumes, das Tradições sagradas,
Lei do arbitrio dos fortes, dos senhores.

Os Povos ou Nações eram manadas
Que ao mando do Deus-Pae eram na vida
Aos Sceptros, aos Oraculos votadas !

Mas um dia essa Lei foi infringida !
Feliz culpa ! Começa o Sacrificio,
Que o sangue derramado nos decida,

A dar em tanto soffrimento inicio
A' concordia e á doce união fraterna ;
Do homem o destino é mais propicio ?

A expiação os animos governa,
O pranto é uma sensualidade,
Sonha-se uma outra vida vã, superna !

O tedio da existencia á soledade
Leva as almas sinceras ; n'esse trilho
A cova é berço, a Morte a realidade.

Tal foi o longo Spasimo do Filho!
Soffreu a humanidade este soturno
Eclipse da rasão!

Mas, outro brilho

Fulgura no horisonte, e por seu turno
E' chegada uma Nova Edade agora,
Depois d'esse collapso diurno.

Vem allumiar o mundo um'outra aurora,
Chamma de Amor, que as almas unifica
Em mutua compaixão consoladora!

Do Espirito Santo significa
A voz o impulso á confraternidade
Universal! a terra em Eden fica.

A Lei cruenta da Antiguidade,
O Sacrificio pelo sangue nosso,
Não nos deram a Paz e a Verdade!

Jazeu a humanidade n'esse fosso;
Agora pelo Amor ergue-se altiva;
Logo que o homem para outrem viva
Submette a Natureza, eil-o um colosso.

O DECRETISTA :

Pelo que escuto ao inspirado moço,
São as doutrinas de Joachim de Flores,
Que andam cantando os ledos Trovadores;
Conformar-me não posso
Com o sophisma dos ideaes amores.

O CODECISTA :

Fallae-nos no desejo da *Sciencia*,
D'esse vedado pômo . . .
Queremos saber como
Em nós acorda a propria consciencia.

GIL, *com ironico sorriso* :

Houve um tempo feliz, tempo de outr'ora,
Em que altiva Senhora
Era a Theologia ;
Muda, atraz d'ella, bem submissa ia
Por altas regiões fóra
Ser̃va a Philosophia.

Soberana a Theologia arrasta
Cauda de triumphal manto ;
E dominava tanto,
Que os horisontes da Rasão devasta ;
E a cauda pela tréva
Philosophia a leva.

*

Chega o momento emfim, que um dia a Serva
Adiantando seus passos,
Illumina os espaços,
Abre caminho, todo o ambiente observa,
E audaz independencia
Suggere á Consciencia !

Do Dogma obscuro no insondado abysmo
De uma absoluta essencia,
Sobre a negação firma
A unanimidade da Sciencia!
Na Synthese do mundo, que a confirma,
Em vez da Theologia,
Põe a Philosophia,
Reconhecida agora
Universal Senhora.

(Gargalhadas dos Escholares; são instantaneamente interrompidas pelos rufos de tambores e toques de cornetas.)

Os Escholares saem bruscamente da Taverna, para vêrem a Cavalgada que se approxima, e já vem na Ponte do Mondogo. Apparece entre elles a figura mysteriosa do

ESCHOLAR POBRE, *respondendo a um da Tuna:*

Vêm ahí as Infantas portuguezas,
Dona Thereza, a esposa divorciada
Do Rei de Leão, e Sancha, a irmã mais nova;
Vêm ambas tomar pósse da herança
Que lhes coube em paterno testamento,
E o Rei de Portugal . . .

GIL:

Recusa a entrega ?

ESCHOLAR POBRE:

E' esse o feito indigno do monarcha,
De mais a mais irmão! Tendo jurado
Cumprir o testamento, como consta,
Nas mãos do Bispo de Coimbra, e Abbade
De Alcobaça . . .

TODOS:

Ahi chega a comitiva!
Saudemos as Infantas donairosas!
Não ha Princeza que não seja linda.

*(Abraços de Cavalleiros; vivas enthusias-
ticos:)*

GIL:

Das irmãs ambas não sei qual mais bella!
Sancha, a mais nova, acorda-me o desejo;
Thereza inspira-me a piedade ao vê-la,
Seu casto e suave pêjo
E' magoado harpejo;
Metia um pé no inferno para tel-a.

ESCHOLAR POBRE:

Percebi teu occulto pensamento!
Surge um dia o ensejo
Ao mais audaz intento:
O que aspiras, não são torres de vento?
De mais, possuindo tu coração terno,
Que te impelle a meter um pé no inferno . . .

(A Cavalgada dirige-se para o Mosteiro de Santa Cruz; raia o dia. Repiques de sinos d entrada das Infantas.)

GIL, *vendo passar as Infantas ao perto, sentindo-se apaixonado pela Rainha divorciada :*

N'um extasis de intermina surpresa,
Sob emoção de estranha intensidade,
Viram meus olhos tua ideal beldade,
Alliando o genio, a graça, a gentileza.

Erma estrella, da terrea sombra illeza,
Banhou-me em luz de etherea claridade,
Revivesce a illusão da ardente idade,
N'um sorriso ficou minha alma preza.

Sorriso de insondavel amargura,
De mudo aneio confidencia pura,
Que amor inspira, ainda que o não queira.

Oh, alta apparição, doce, graciosa,
Essa expressão dorida, silenciosa,
Fixa-me o enlévo da impressão primeira.

O INFANTE D. PEDRO, *saudando o Prior-mór :*

Eil-as minhas irmãs, Thereza e Sancha;
Vêm procurar n'este Cenobio santo
Gasalhado ás fadigas da jornada
Lá desde o reino de Leão; pretendem

Agora em Portugal entrar na pösse
 Dos seus Castellos do bom pae herdados.
 Fazer a entrega o Rei actual recusa,
 Faltando ao mais sagrado juramento
 Prestado junto ao leito da agonia . . .

O PRIOR-MÓR:

No aprisco do Senhor tereis abrigo!
 Como o Papa Santissimo Innocencio,
 Pelo proprio pedido das Infantas,
 Como Bens protegidos de San Pedro
 Tomou suas heranças, — n'este Claustro
 Terão as reaes pessoas honra, amparo.

*(Dirigem-se para a Capella-mór; e em-
 quanto fazem oração, preludiando o
 órgão:)*

GIL DE VALADARES:

Pela augusta penumbra
 Do templo ouve-se em côro
 Cantico celestial;
 Sobre a mudez resumbra
 Mais vehemente e sonoro
 Saudando Parsifal.

O que sôa lá dentro
 Sobrehumano é,
 De extático fervor! . . .
 No imo d'alma o concentro:
*Feliz o que tem Fé,
 Feliz quem tem Amor.*

No mundo tumultuario
Nunca a ventura passa
Quando vem d'alto ideal!
Entremos no santuario,
A Fé a Amor se enlaça
Em um côro nupcial.

Fé — é sinceridade,
Que pura divinisa
Indizível sentir!
O Amor fica Piedade,
Como exprime a divisa:
Espoir sans plus joir!

(A Rainha divorciada, terminada a oração, percorre os altares; GIL, contemplando-a :)

Do gothico Mosteiro entrando a porta,
Das abobadas sob a sombra densa,
D'entre as columnas pela renque immensa
Ella vaga n'um sonho que conforta.

Toda em silencio religioso absorta,
Do passado recorda a fé intensa,
Aspirando o perfume de uma crença
Que a Arte anima, e é já nas almas morta.

Como santa descida da capella,
Apparição surprehendente e bella,
Fechando os olhos, vêr-te assim comsigo!

Como eu quizera divagar contigo
Sob amplas naves, n'estes claustros velhos,
E go fallar-te de amor cahir de joelhos!

*(As Infantas e a Comitiva recolhem-se no
Mosteiro. Grupos de Escolares no
Claustro do Silencio:)*

SUMMULISTA:

Que pena! Breves são os feriados!

DONATISTA:

Dizem, que amanhã parte a Comitiva.
Vão para Monte-Mór...

CODECISTA:

Porque tal pressa?

O ESCHOLAR POBRE:

Dona Thereza, a esposa divorciada
Do Rei de Leão, quer breve entrar na posse
Dos Castellos de Monte-Mór e Esgueira.
Dom Affonso o Segundo, d'esta feita
Tem de empregar a força, e em campanha
Hade encontrar as hostes leonezas,
Obrigando-o a que o testamento cumpra.

GIL, *passando meditativo entre os demais Escholares:*

Sonhos de *Amor* ou de *Poder*, e *Sciencia*,
Tudo isso é futil, fria inanidade ;
Mas este odor de feminil essencia
Deixa-me agora em tal passividade,
Que o meu desejo, não podendo obtel-a
Ao grado da vontade,
Será morrer por ella.

(Acabada a refeição no Mosteiro de Santa Cruz, a Cavalgada dos Infantas põe-se a caminho para Monte-Mór; seguem-a os Escholares até ao Valle de Cozelhas.)

2.º Quadro — O CASTELLO DE MONTE-MÓR

Na cella, em Santa Cruz. Sobre a meza de estudo está ainda aberto o livro de Plotino. Fuzilam relampagos de quando em quando; oppressão de uma atmosphera pesada de tempestade.

GIL DE VALADARES:

O Extasi! Jámais eu comprehendera
Este poder latente,
Que torna o individuo,
De material residuo,
Na Alma universal força immanente!
Julgára-o metaphysica chimera,
Sonho vago n'este vital torpôr;
Um rosto de mulher fez-me sapienté,
O Extasi é o Amor.

Para ascender ao Extasi, buscava
A imagem subjectiva na abstracção;
Na escuridão ignava
Da escandecida mente
Nunca attingia a anciada *Intuição* ...
E um gesto de mulher
De luz n'um rosicler
A alma inunda-me em perennal visão.

Ví-a! ao perto, estatura soberana;
Como *Yseult la blonde*, os seus cabellos
São fios de ouro em meadas, em liana,
Prenderam-me esses élos.

Olhos verdes! que bellos!
Um céu; cariz de limpida atmospha, -
Com fulgor que fascina, em que se abysma
O desejo, que scisma
Inebriado ao vêl-os!
O Extasi não é uma chimera.

Vi n'aquelle semblante
Um sorriso, em que logo se adivinha
Funda magoa de uma alma desolada!
Ingenua, insinuante,
Minha vontade a ella é vinculada.
Mas... Princeza e Rainha...
A que aspiro? é casada.

*(Fecha o Livro, como se lhe suscitasse esta
obsessão; dirige-se para a janella e
escuta attento:)*

Tropear de cavallos ouço a esta hora!
Não será illusão de meus sentidos?
Instantaneos relampagos esboçam
Distante ainda a ingente Cavalgada.
Desfraldados balsões eu vejo ondeando;
Que floresta de lanças!... No Mosteiro
Deram já pelo inópino successo.
Incurião de Agarenos, casualmente?
Campa tangida a claustro a todos chama.

*(A's primeiras badaladas sae precipita-
damente.)*

No Claustro do Silêncio: Conegos, Escholares, Mousinhos e
Leigos oblatos.

O PRIOR-MÓR:

Não tendes que temer. Por carta regia
Eu sei que passam hostes do monarcha,
Pôr cêrco a Monte-Mór vão; e ás Infantas
Extorquir os Castellos . . .

CONEGOS:

Que injustiça!

Os Castellos que Elrei seu pae deixara
Em testamento a cada uma d'ellas:
Monte-Mór e Esgueira, de Thereza,
Do Rei de Leão a divorciada esposa;
E' Alemquer da Infanta Dona Sancha.
Brada aos céos a tremenda iniquidade.

O CHANTRE:

Dom Affonso Segundo bem jurara
Cumprir do pae o testamento, e quebra-o?

O CRASTEIRO:

Dizem homens de Leis, que o Rei procede
Mantendo a causa da Soberania,
Direitos da Corôa e Summo Imperio!
Não esbulha as Infantas dos Castellos
De herança paternal, mas quer que prestem
Homenagem ao Rei, quaes feudatarias,
Que reconheçam as Justiças suas.

O PRIOR-MÓR:

Bem entendo! São as doutrinas puras
De infernaes Regalistas, que trabalham
Pelo Poder civil, dando á Realeza
Preponderancia sobre o Sacerdocio,
Contraminando a Senhorial Potencia.
Grandes perigos corre a Ordem hoje;
Vejo a revolução sobre o horisonte!
Chamam Renascimento a este cáhos...

O CRASTEIRO:

Pelo que oiço, anda o Rei aconselhado
Por um Jurisconsulto italiano,
Leonardo Milanez...

O PRIOR-MÓR:

Ah! já me tarda
Forte anáthema fulminado a tempo
Contra o monarcha iniquo, que só trata
De sustentar suprema a Realeza
A' custa das odientas dissidencias
Na familia real! Um Interdicto
Sobre o Reino seria bom remedio,
Para contêr a audaz Soberania.

MANSAGEIRO, *offegante*:

Vão as hostes do Rei já mui distantes
Para além do Arnado, em desfilada
Correndo pelos campos de Coimbra.

O PRIOR-MÓR:

Louvor aos Céos, por termos escapado
De hospedagem prestar a tanta gente!
Os celleiros e a adega, que estão cheios,
Ficariam exhaustos . . .

GIL DE VALADARES, *afastado e fallando
consigo:*

Tresvario!

Que impetos de vontade me suscitam
N'este momento o indomito desejo
De ir para Monte-Mór! brandir as armas,
Luctar, bater-me pelas fracas Damas,
Morrer pela Rainha divorciada,
Que o irmão expolia . . . e por mão d'ella
De Cavalleiro receber a insignia!
A hesitação me prende! Bem conheço
Que meu pae é o Alcaide mór de Coimbra,
Adstricto á fé real por Dom Affonso;
Parecerá traição minha partida
Para o Cêrco de Monte-Mór agora?
Esperar mais uns dias . . . é vileza
Permanecer indifferente á lucta
Contra Princezas delicadas, bellas.

*(Embrenha-se pela Tapada espessa de
Santa Cruz, meditando na obra de
PLOTINO:)*

Depois que vi aquelle rosto claro,
Oval, e de uma estranha suavidade,
De ethereo palôr raro,

Que me lança em febril cogitação,
Eu compreendo a verdade:
Entre o *Real* e a *Subjectividade*
Não ha contradição!

Quando viu Dante a Beatriz no empyreo,
N'um extasi ineffavel, surprehendente,
Reconheceu em mystico delirio
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Oh visão suave! alma expressão do sonho
Ideal, indefinivel, mas presente;
Exclamo a sós, se em ti os olhos ponho:
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Quem sente o Bello, e arde em sua chamma,
Quem torna o espirito angustiado crente?
Quem tanto ardor de inspiração derrama?
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Se o canto escuto, ou se te absorvo a falla,
Se o ár te aspiro, ou se te evoco ausente,
E's sempre, oh vibração que o sêr me abala,
Quella ch'emparadisa la mia mente.

O ESCHOLAR POBRE, *apparecendo inesperado:*

Bem sei em quem estás pensando a esta hora;
Em Thereza! a Rainha divorciada!
Venho de Monte-Mór, do seu Castello.

Na Torre de Menagem, penserosa,
Os campos de Coimbra olhava ao longe;
Seu coração pressente . . .

GIL:

Não admira!
Divorciada de um Rei indigno, odioso,
Deixando o throno, que ella exaltou tanto;
Roubada pelo irmão, outro monarcha
Expoliando-a da paterna herança!
E não heide ir bater-me pelos fracos!
Sacrificar-me á Ordem Santa e heroica?
Combater contra Mouros e Agarenos
Aqui, ou Além-mar pelo Sepulchro,
Não é aos Céos mais grato, que o amparo
Prestado agora á innocencia oppressa.

O ESCHOLAR POBRE:

Não estão as Infantas portuguezas
Tão sós como tu cuidas. Contra o Cêrco
Que Affonso poz a Monte-Mór, pediram
Auxilio ao Rei de Leão: hostes sem conta
De leonezas tropas vem talando
O luso territorio, confiadas
Ao Infante Dom Pedro, destemido,
O Cavalleiro mais audaz que existe
Presentemente em todas as Hespanhas.
Onze Fortes já foram assaltados,
E ao poder do Rei de Leão entregues.
E' vindo o Arcebispo de Strigonia,
Com o Bispo de Zamora, em cumprimento
De ordem papal, saber das dissidencias

Da familia real; e estão armados
Com as Bullas de anáthema e Interdicto!
Tu, Gil, ainda hesitas na partida?
Que futuro te espera! Amor e gloria . . .

GIL, *fitando o* ESCHOLAR POBRE:

Acho-te, o quer que é de extraordinario;
Ora te vejo, ora desapareces,
Sem eu saber aonde é que assim te occultas,
Desde a noite da Tuna, em que fallámos!
Vinhas na Cavalgada das Infantas;
Tu informas de tudo; n'este instante
Vens do Cêrco de Monte-Mór, . . . e contas
Cousas que me deslumbram! Quem és? Dize!

O ESCHOLAR POBRE:

Sou um pobre Escholar, que vago errante
Por Universidades d'essa Europa,
Cumprindo o árduo fadario da Sciencia!
Pobreza é santidade! Hoje no mundo
Tem a Pobreza celestias thezouros.
Não vês os Minoritas Mendicantes,
Como se alastram sem possuirem mealha?
O Estudante pobre segue um voto
Egual ao dos fallados Franciscanos:
Vive á custa dos outros nas Escholas,
E passa vida solta, divertida!
Eu estive em Paris, na rua Fuárre,
Na Montanha Latina, em convivencia
Com todas as Nações dos Estudantes,

Codecistas, Legistas, Donatistas,
 Summulistas e os das Escolas baixas,
 N'esse cadinho ardente de argumentos
 Que elabora o moderno Pensamento
 Heterodoxo e livre! Isso é que é vida!
 Vim ha pouco de Hespanha: Salamanca
 As Escolas Geraes de Italia eguala:
 Se lá vi os Juristas combatendo
 Pela Ordem civil, cá os Doutores,
 Como João de Moron, Pedro de Luna,
 Alvar Pelagio e Denis de Murcia,
 Raymundo Lullo, intrépidos, dissolvem
 Em Dialectica pura — a Theologia!
 Embala-me este vento de revolta
 Do Pensamento humano, que eu respiro:
Credibile non scibile! eis o lemma.

GIL:

Attrae-me a nova arena de combate;
 A intelligencia pede essa luz viva;
 Mas obedeço ao sentimento agóra.
 Para o Cêrco de Monte-Mór me impelle
 O coração, um doido amor; intento
 Morrer, viver pela mulher que adoro.

(Devaneando:)

Toada esparsa de uma eólia lyra,
 Loira menina e moça,
 Que o meu desejo esboça,
 Ella excede o que a mente minha vira.

ESCHOLAR POBRE:

Tu amas a Rainha divorciada?
Dona Thereza, a loira, a gentil dona?
Poderia o futuro desvendar-te...
Mas, não ousou... receio...

GIL:

Falla! falla!

ESCHOLAR POBRE:

Eu ouvi-te dizer — que um pé no inferno
Meterias pela graciosa diva...
Se sustentas teu dito, eu mostro o Livro,
Onde verás do teu amor a sorte.
Não viste nunca os *Naibs*?

GIL:

Nunca!

ESCHOLAR POBRE:

Olha,

Estas folhas illuminadas, sôltas,
Se baralham á tóa e á ventura.
As figuras que saem representam
A successão de eventos, revelando
As relações incognitas das cousas.

(*Vae com GIL sentar-se no tronco de um
cedro derrubado; ahí deitando os
Naibs:*)

Sahiu esta figura. Vês? E' o Louco...

GIL, *com espanto* :

O *louco* serei eu . . . este amor doido,
Sem esperança, e todo de piedade . . .

O *ESCOLAR POBRE*, *tirando as Cartas* :

O *Signo de Leão* ! Agora entendo
Essa insondavel magoa, que o semblante
A' Rainha divorciada véla ;
E' um prenuncio triste . . .

GIL :

Mais não digas ;
Que me aterras !

O *ESCOLAR POBRE*, *tirando ainda as Cartas* :

Contempla os Elementos :
O *Fogo* ! é a paixão, que te domina ;
A *Agua* ! hasde correr regiões extranhas ;
A *Terra* ! a penitencia, ou mil prazeres ;
O *Ar* ! região etherea, a beatitude.

GIL :

Eu não posso fugir ao meu destino.
Amor, *Sciencia* e *Poder*, são tres desejos
Que me exaltam a sêde do infinito.
Para o Cêrco de Monte-Mór partamos.

(Saem da matta de Santa Cruz e dirigem-se para os Campos de Coimbra.)

Proximo do Castello de Monte-mór, cercado pelas hostes de D. Affonso II.

GIL DE VALADARES:

Como entraremos para a Fortaleza?
E' apertado o cêrco!

ESCHOLAR POBRE:

Facilmente;
A Porta da Traição só eu conheço.

(Já dentro do Castello, o INFANTE D. PEDRO encontra GIL DE VALADARES, que lhe é desconhecido.)

INFANTE D. PEDRO:

Quem és? e d'onde vens? Responde presto.

GIL:

Sou o filho do Alcaide mór de Coimbra,
De Ruy Pires de Valadares; venho
Das Escolas de Santa Cruz fugido.
Quero servir a causa generosa
Da Rainha e da Infanta; dar meu sangue
Vindicando dos fracos o direito.

INFANTE D. PEDRO:

Teu pae deve homenagem ao monarcha
Dom Affonso Segundo! E tu . . .

GIL:

Eu devo
Meu sangue, vida e honra á alta Senhora
Que tanto tem soffrido.

INFANTE D. PEDRO:

Vem commigo.
Quero á Rainha, minha irmã, levar-te;
Teu enthusiasmo inspira confiança.

*(Os dois dirigem-se para a quadrella do
Castello de Monte-Mór, aonde esta-
vam D. THEREZA e D. SANCHÁ.)*

O INFANTE D. PEDRO, *appresentando-o á
Rainha leonesa:*

Feliz agouro! . . . O joven cavalleiro
Abandonou d'ElRei o estandarte,
E a vida prazenteiro
Veiu sacrificar-te,
Por teus direitos combatendo aqui.

D. THEREZA, *fitando-o meigamente:*

Acceito o sacrificio por inteiro;
Eu tenho fé em ti.

GIL:

Se abaixaes os vossos olhos
Apartando-os de mim,
Senhora, é quando protestam
Uma ternura sem fim.

A luz diaphana e pura
De uma refulgente estrella,
Baixando de lá da altura
Cá na terra ainda é mais bella:
Senhora, vós sois assim,
O vosso olhar é como ella:
Quando o abaixaes, revela
Uma ternura sem fim.

Nas sombras a vista cega
O deslumbrante clarão:
Vosso meigo olhar no chão
Se descuidado se emprega,
Toda a sua luz me nega . . .
Que mal! se a conhecer vim
Essa alma que se me entrega
N'uma ternura sem fim.

D. SANCHA:

Sois trovador, e saboroso! Eu peço
Que nos digaes uma Canção sentida.
Que saudades da Côrte me desperta!

GIL, *olhando a furto para D.*

THEREZA :

Não penseis, meu pensamento,
Tanto na ideal formosura ;
Do amor immenso que inspira
Hão de dizer que é loucura.

Eu bem sei que o pensamento
Nenhum olhar o penetra ;
E' de todo o laço isento ;
Mas, se a ancia, o desalento,
Se a alegria, ou a ventura,
Mais expressivas que a letra,
Revelam meu sentimento,
Hão de dizer que é loucura.

N'um simples olhar, n'um gesto
O pensamento é legível ;
Sempre o amor indefinível
Quando o inspira é manifesto.
Ante essa ideal formosura
Logo se adivinha o resto . . .
Se o immenso amor não tem cura,
Podem dizer que é loucura.

*(GIL DE VALADARES retira-se respeitosa-
mente, cahindo-lhe por descuido uma
folha de papel com algumas estro-
phes, que o vento approxima das In-
fantas.)*

D. SANCHÁ, *erguendo furtivamente a
folha:*

Talvez uma Canção? e é, com certeza.

D. THEREZA:

Lê-me as estancias; devem ser vehementes.

D. SANCHÁ, *maravilhada:*

Intitula-se *Heresia!* um anagramma . . .

(Lendo com interesse:)

No seu berço côr de rosa
Fadaram-a com surpresa
Trez Fadas! Deu-lhe a primeira
Graça, bondade, — realza.

Outra, deu-lhe voz maviosa,
Poder do canto, harmonia,
Da Arte intuição verdadeira,
A flor virgem da Poesia.

A ultima Fada, anciosa
De ser nos dons mais completa,
Segredou do berço á beira:
— Terás o amor de um Poeta.

(Continuando a leitura da)

Canção a Meresta

Tracei teu nome sobre o areal da plaga,
Quando a revôlta, rugidora vaga
Vem de longe, espumante,
E espraçando-se o apaga
Com fragor, n'um instante!

Com mais paixão o delicioso nome
De um alto plátano eu gravei no tronco;
Que tufão ha que o dome?
Mas cresce, enorme, bronco,
No ár o nome some.

Insculpir esse nome sobre a rocha
Inabalavel, firme, que o mantenha,
Com mais ardor ensaio!
Eis, que a rocha despenha
Esmigalhando-a o raio!

Onde inscrever teu nome, da alma emblema,
Que o mar, o tempo, o raio não delira;
Nem que se extinga eu tema?
Só no immortal Poema
Que immenso amor inspira.

D. THEREZA, *córando*:

Sómente os poetas podem dizer tudo;
E encanta sempre a sua liberdade.

D. FERNANDO, *rejubilando com as novas que traz*:

Bellas novas! Já onze Fortalezas
Sob o poder de ElRei de Leão cahiram!
Contra Affonso ha chegado o Interdicto
Que lhe fulmina o Papa, já que o Cêrco
De Monte-Mór não levantou ainda.

(Ouve-se grande rumor de povo; marchas tocadas por Menestreis que se aproximam.)

INFANTE D. PEDRO, *para as irmãs*:

Da Virgem da Assumpção a festa é hoje.
Celebra o povo o Auto do Milagre
Do *Santo Abbade João*; quer d'esta fôrma
Prestar á Soberana leoneza,
De Monte-Mór Senhora, o vivo preto
De a ter gloriosa dentro dos seus muros.

(D. THEREZA e D. SANCHÁ dirigem-se para a Capella da Virgem da Assumpção, e em quanto na praça se reúnem as figuras do Auto.)

D. THERIZA, *então o*

Cantico das Creaturas:

«Oh alto, omnipotente, bom Senhor!
Os loôres som teus, a gloria e o honor.
Todas as benedições em ti confino,
E nulho ome de nomear-te é dino.

Loado seja Deus e meu Senhor,
Com tudo de quanto elle é Creator!
E ao nosso irmão Sol em especial,
Pois por elle nos dá luz divinal.»

GIL DE VALADARES, *aproximando-se da
Capella:*

Como esta voz me vence,
Me enlouquece e apaixonava!
Expressões da Madona
Em sua face vêem-se.

Este piedoso Canto,
Que suavemente diz,
Compôl-o com espanto
O Seraphim de Assis.

Ao ditar a poesia
Na santa singeleza,
Antonio a escrevia
Na lingua portugueza . . .

DOM PEDRO, *saindo com o irmão:*

Venceremos pelo poder de Roma.

Em frente da quadrella descobre-se o Tablado em que se vae representar o

AUTO DO ABBADE JOÃO

O Tablado semelha o Castello de Monte-Mór cercado pela Mourisma.

ESCALCA, voltando de uma sortida:

O Rei Almançor
Lá vem avançando;
Formam o seu bando
N'um doido furor,
Infantes sem conto,
Cavallos aos mil;
A mourisma vil
O golpe tem prompto.

ABB. DE JOÃO:

O Kalifa ha muito
Destruir intenta
Fóco que sustenta
Da Fé santa o fruto.
A scismar me perco
Como, sem vidualhas,
Darei mais batalhas,
Defendendo o cêrco.

UM BÊSTEIRO:

De trigo e centeio,
De agua estamos faltos;
Da fome os assaltos
E' que mais receio.

ABBADE JOÃO:

Chamem a conselho
A todo o bom homem,
O moço e o velho
Resolução tomem.

*(Ouvem-se toques de corneta, em signal
de alarme.)*

*(Reunem-se em volta do ABBADE JOÃO ho-
mens de armas e homens validos.)*

ABBADE JOÃO:

Eu ouço distantes
Eccos do anafil!
De Almançor infantes
Vêm quarenta mil.
Ao cerco pôr termo
Procura de vez;
Que Monte-Mór ermo
Fique, em que lhe pez.
Cumpre-me dizer,
Já sem esperança,
Qual é mais pujança:
Viver ou morrer?

BÊSTEIROS e ALABARDEIROS:

Contra a dura sorte
Em que o céu nos deixa,
Bradamos sem queixa
E'-nos doce a morte.

ABBADE JOÃO:

Sentença terrível
Que as almas enluta.

TODOS:

Vemos bem que a lucta
E' já impossivel.

ABBADE JOÃO:

Para a morte vamos
Com risonhas caras,
Mas todos vendamos
Nossas vidas caras.

CAVALLEIRO:

Quem assim arrasta
A combates loucos?
Doentes e poucos,
A morte nos basta.

INFANÇÃO:

Mas nossas esposas
E filhos pequenos,
Fragoas affrontosas
Terão de Agarenos?

ABBADE JOÃO:

D'esses transe duros
Hãode os filhos vossos
De crueis destroços
Quedar-se seguros.

CAVALLEIRO:

Aonde o abrigo
Na calamidade?
Só na escuridade
Do feral jazigo.

ABBADE JOÃO:

Virgem da Assumpção,
Mãe de poder tanto,
Dar-lhes ha seu manto
Toda a protecção.
Quem morrer n'essa hora,
Martyr no escarcéo,
Chamal-o-ha ao céo
No aceno a Senhora.
Filhos e mulher,
Pessoas queridas,
Ceifemos-lh'as vidas
Quando a manhã vier.

D. GARCIA, *creado do Abbade:*

Na Virgem fiae-vos,
Será certo o tomo...

ABBADE JOÃO:

Cala-te, homem rombo!
Tu de impio tens laivos.

TODOS:

Oh bicho damnado,
Por tal malvadez,
Chegámos ao estado
Em que tu nos vês.
Seja posto fóra
Do Castello, ao menos!

(Arrojam o creado da muralha abaixo.)

Que se vá embora
Para os Agarenos!

ABBADE JOÃO:

Virgem da Assumpção,
Fica ao vosso amparo
Quanto nos é caro,
Almas, corpos não.
A' espada passadas
Mulheres, crianças,
Já por malandanças
Não são ultrajadas!

Depois de feito isto,
Sangue encharque a terra;
Todos logo á guerra
A morrer por Christo!

TODOS:

Já que outro remedio
Achar ninguem pensa,
Cumpra-se a sentença
No final do assedio.

ABBADE JOÃO:

Passados á espada,
Dando-lhes resgate,
Saia-se ao combate
Presto, na alvorada.
Seja de Innocentes
Novo Sacrificio!
Negro precipicio
Attrae-nos contentes.
Findem os desgostos
D'esta vida anciada!
Tocando a alvorada,
Todos a seus póstos.

TODOS:

Pela Cruz da espada,
Cada um jura e beija,
Que cumprida seja
A ordem votada.

(Retiram-se da scena, que escurece.)

Corrida a cortina do fundo da scena apparecem corpos estendidos a esmo, e ao esclarecer-se a alvorada, reconhece-se terem sido degolados. — *(Toques de marcha vão a perder-se ao longe.)*

(No meio do silencio apparece radiante a VIRGEM DA ASSUMPÇÃO, tocando com o seu Ramo de Lirios cada um dos mortos, e desaparece, quando volta:)

ABBADE JOÃO, *d frente dos Cavalleiros e homens de armas:*

Por tomar vingança
Da morte dos nossos!
Que enormes destroços,
Faltando a esperança!
Grande é a victoria
Contra o Almançor;
Mas, que dor! que dor!
Pena em vez de gloria!
Ao que em terra jaz
De nada aproveita
A derrota feita,
A imposta paz!

UM HOMEM BOM, *vendo os corpos mortos:*

Venceu-se o inimigo;
Tristes os christãos
Pelas proprias mãos
Dão-se atroz castigo...

ABBADE JOÃO:

Voltemos á guerra
A buscar a morte . . .

OS MORTOS, *erguendo-se*:

Por milagre á terra
Veiu a Mulher forte!
A Virgem-Mãe santa,
Santa Virgem-Mãe,
Do chão nos levanta
Pelo summo bem.
Cada um adore-a,
Cada qual proclame-a
Causa da victoria
Da Agarena infamia . .

*(Abraçam-se jubilosos ao som de uma
marcha triumphal. Rumor de ap-
plausos.)*

O ESCHOLAR POBRE, *para Gil*:

Tem bom sabor esta piedosa historia ;
Era em verdade o Abba de sanguinario,
Mas, catholico, olé!

GIL DE VALADARES:

Não ouvi nada.
Durante o Auto, eu tive os olhos n'ella ;
Absorvi-me no Extasis, levado
A estranhos mundos pelo mago encanto.
Quando contemplo Heresta devaneio :

Dormindo por horas mortas,
O coração sempre vela,
Abrindo do Sonho as portas
Por onde radiante entra ella,
Ideal das visões absortas.

Como alva pomba esvoaça
Indo do par á procura,
Rosto inundado de graça,
Excelsa de formosura,
Em todo o meu sêr se enlaça.

Com que voz meiga confessa:
— Tenho em ti fé . . . — Expressão
Que me desvaira a cabeça !
A creatura como essa
Pouco é mesmo a — adoração.

Abertas do Sonho as portas
Do extase e miragens bellas,
Dormindo por horas mortas,
A que mundos me transportas,
Coração, que sempre velas ?

ESCHOLAR POBRE, *com ironia* :

Se é assim como dizes,
Que vela o teu coração,
Para seres dos felizes
Do mundo, á louca paixão
Falta só a — occasião.

*(Desapparece entre a multidão que as-
sistira ao Auto e se dispersa.)*

D. THEREZA, *achando-se junto de Gil*
DE VALADARES:

A Musica e Poesia
Em um noivado santo,
Unem-se na magia
Do expressivo canto.

A fé, a sympathia
De uma a outra alma passa,
Amor sublime enlaça
A ambas no mesmo encanto.

GIL:

Poder do Pensamento!
Pela evidencia guia
A' unanimidade.

Tambem o Sentimento
Pela sinceridade
Se eleva á sympathia,

Que amor se torna um dia!
Mas, o dever isento
Contradita a Vontade.

Sendo o amor harmonia,
Como é que o amor hade
Mudar-se em soffrimento?

Pela Arte — ideal momento —
O amor faz-se piedade,
A dor fulge em Poesia.

D. THEREZA :

Sois Trovador e moço; em vossa falla
Ha balsamos de suavidade infinda!
Que ternura se exhala
Sobre a dor muda n'essa Canção linda!
Quizera ouvil-a ainda.

GIL, *recitando a meia voz* :

Da Cruzada longinqua do Oriente
Regressou ao fim de annos, mas doente,
Desalentado heroe.

Chegara á sua aldeia; vendo-a, chora.
Quem seja o forasteiro a gente ignora;
Ah, quanto isto lhe dóe!

Ninguem hoje o conhece no povoado;
Moços de outr'ora, tudo está casado,
Descantam outras vozes;

Têm os sitios ainda o mesmo encanto,
Fallam-lhe do passado tanto, tanto;
Mas, ha lances atrozes :

Chega ao seu lar, e vê fechada a porta;
Soube logo que a mãe estava morta.
Seu pae, o proprio irmão,

Não conhecem o vulto que arde em febre!
Alguem se lembra d'elle ainda . . . e alegre
Vem festejal-o . . . o cão.

Assim baixaste ás regiões terrenas,
Na dor suprema, e sob mudas penas
Submersa no escarcêo,

Alma sedenta do que é bello, da Arte,
De Poesia, de Amor! ao encontrar-te,
Reconheci-te . . . eu.

D. THEREZA, *tira do seio um relicario,*
que entrega a GIL DE VALADARES:

Guarda o sagrado Espinho
Da Corôa do Martyr-Salvador;
Como expressão de Dor
Merece-o o Poema de gentil carinho.

(GIL, *ajoelhando, beija a reliquia e a
mão que lh'a entrega.*)

(Ouvem-se extraordinarios rumores; movimentos de tropas. Chegam os Infantes D., PEDRO e D. FERNANDO; DONA SANCHA aproxima-se da irmã, seguida do ARCEBISPO DE STRIGONIA e do BISPO DE ZAMORA. Formam conselho:)

UM TEMPLARIO:

Dom Affonso Segundo aqui me manda
A declarar — que o Papa reconhece
Direitos proprios da Soberania!
Que a lucta sustentada é simplesmente
Por dignidade que á Corôa impende;
E para a Paz taes condições declara:

«Integral paga em maravedis de ouro,
«Ou em florins, a herança das Infantas!
«Praças, Castellos serão logo entregues
«Em mutua fé á Ordem dos Templarios,
«Penhor mutuo do cumprimento pleno.»

(Emquanto cada membro do Conselho medita as condições da paz, apparece subitamente monologando sobre o Dinheiro)

O ESCHOLAR POBRE:

Os temerosos Despotas nos thronos,
Arrotando poder e auctoridade,
Dando morte ou falaz felicidade

Com soberbos entonos,
 Proclamam como doésto á humanidade,
 A razão affrontando:
 — Eu quero! posso! e mando.

Mas d'esse Imperio no sombrio abysmo
 O Dinheiro luziu, appareceu . . .
 Nas graças, no terror do Despotismo,
 Diz: — *Quem manda sou eu!*

*(Aproximando-se de GIL DE VALADARES,
 com malicia:)*

Profligam as Nações, luctam as raças,
 N'um odio antigo, que não cansa, herdado!
 Ensopa a terra o sangue derramado
 Nas monstruosas caças!
 Da Consciencia no bruto cataclysmo,
 Clamam os bravos — que o Patriotismo
 Quer o holocausto das humanas massas!

Mas, n'esses Arcos triumphaes das praças
 Falla o motor que a crimes taes moveu:
 O Dinheiro, na insanias d'esse abysmo,
 Submettendo as vontades mais escassas,
 Diz: — *Quem manda sou eu!*

O LEGADO DO PAPA, depois de lêr as
 condições da paz, fita com ardil o AR-
 CEBISPO DE STRIGONIA e o BISPO DE
 ZAMORA:

Foi o ouro, que ateou a dissidencia
 Na Familia real, o ouro a congrassa;
 Que bellas Fundações vão ter inicio
 Para gloria da Egreja! a piedade
 Pode dar largas a efficazes votos,
 Dotações de Mosteiros opulentos . . .

O EŒCHOLAR POBRE, *monologando d parte:*

Dá-se o Papa de Deus por delegado
 Sobre a terra, e no espirital governo
 Dispõe de sua colera e vingança,
 Com que arroja ao inferno,
 Ou eleva a seu grado
 A' bemaventurança!

Mas através dos Symbolos piedosos,
 Dogmas impondo, ou trucidando o atheu,
 Dá volta á Chave com que elle abre o Céu
 O Dinheiro, e espalhando ethereos gosos,
 Diz — *Quem manda sou eu!*

Concilios, Tribunaes e Parlammentos,
 Academias sabias e Congressos,
 Leis, Codigos de textos bem expressos,
 Com toda a claridade;
 Magistrados, de vis paixões isentos,
 A's normas sempre attentos
 Da integra Justiça,
 De inconcussa Verdade,
 Invocam a consciencia n'esta liça.

Mas, as opiniões mudam com os ventos!
 D'essas fórmulas ôcas
 Enchendo então as boccas,
 Quem, de invocar a Lei já se esqueceu?
 O Dinheiro, effectuando as habeis trocas,
 Diz — *Quem manda sou eu!*

OS INFANTES, *segredando com os Prelados:*

Entreguemos as Praças aos Templarios,
 Já que o Thezouro real em florins paga!
 Um de vós as Princezas leve a Hespanha.
 Ao Tejo é uma Armada de Cruzados
 Chegada ha pouco; a gloria lá nos chama,
 Vão ao Cêrco de Alcacer dar auxilio . . .

(Arvora-se a bandeira branca. As tropas reaes entram no Castello de Monte-Môr e fraternisam com os homens de armas das Infantas.)

O ESCHOLAR POBRE, *rindo com descaro:*

Corôas, palmas de uma immortal gloria,
 Honras do Capitolio,
 Altas façanhas de imponente solio,
 Nomes inscriptos no Pantheon da Historia,
 Grandezas estupendas,
 Em longa admiração de edade em edade;
 Valentia, talento, santidade,
 Estas estranhas Lendas
 Da ingenua e popular credulidade,
 Incitam com descaro
 A' torpe exploração do vulgo ignaro.

Mas, com sinceridade,
 Francamente o declaro:
 O Dinheiro, alastrando o denso véo
 Das ficções na explorada sociedade,
 Diz — *Quem manda sou eu!*

*(As hostes desflam, deixando Monte-
 Mór, fazendo sequito de honra ás In-
 fantas, que são levadas para Hespa-
 nha.)*

O ESCHOLAR POBRE, para GIL, que está
 triste, vendo a partida :

N'esta Babel humana
 De vãos orgulhos, de ambição insana,
 Convence a todos uma mesma falla,
 Que as vontades eguala,
 Que os attritos aplaná,
 E cada qual entende . . .

Hoje, emfim, se comprehende
 Que os temporaes e espirituaes Poderes,
 Virtudes, honra de homens e mulheres,
 Tudo ao influxo numismal se rende ;
 Solios, consciencias, opiniões abala !
 Com gloria ou com desdouro
 Põe todos rasos, como a mortal vala,
 A idolatria do Bezerra de ouro.

Renegue agora o Stoico o que apprendeu ;
 Fique sabendo: aonde bota o arpéo,
 Onde quer que o Dinheiro se intercala,
 Diz — *Quem manda sou eu!*

(Vendo os BISPOS DE STRIGONIA e ZAMORA e as INFANTAS seguirem para Coimbra.)

Olha! a caminho de Coimbra os Bispos
De Strigonia e Zamora e as Infantas,
Partem juntos . . . Não sabes qual o plano
Que os leva lá? A mim nada é occulto.

GIL:

Voltam por esse mesmo itinerario
Que trouxeram.

ESCHOLAR POBRE:

Não vês adiante um palmo.
A Infanta Dona Sancha fez o voto
De erigir um domínico Mosteiro
De sua herança á custa, ahí em Coimbra;
Offerece a Rainha divorciada
Todo o terreno para a grandiosa obra.
O que é piedade! Aos Bispos vão dar posse.

GIL:

Quero assistir á inesperada festa
Em que a primeira pedra vae ser pósta,
Posso outra vez ainda contemplal-a.

(Seguem no encalço da Cavalgada.)

ESCHOLAR POBRE, *com ironia*:

Conta-nos velho mytho,
Que enroscada Serpente
Do éden n'Arvor' florente,
Esse reptil maldito
A Mulher seduzira,
E pela tentação,
Do Deus chamou a ira
A' humana Geração.

Do passado inconsciente
O Mytho da Serpente
Que incita á tentação,
Tem melhor expressão
Que ao seu intuito quadre:
E' na idade presente
O influxo do — Padre.

Sorrateiro e astuto,
Nas mulheres impera:
Hallucina-as c'o fructo
De sensuaes devoções
De mystica chimera!
Por ellas se apodera
Das novas Gerações.

GIL DE VALADARES, *seguinto pelo Valle
de Ribella para Coimbra*:

Foi um sonho! febril impaciencia,
Mal me posso contêr;
Voto agora a existencia
Ao Amor, á Sciencia,
Ao mundano Poder,
Plenas sublimações do humano sér.





JORNADA SEGUNDA

OS IRMÃOS DO LIVRE ESPIRITO

No Castello de Coimbra o velho Alcaide mór conferenciando
com o filho depois do seu regresso do Cêrco de Monte-
Mór.

RUY PIRES DE VALADARES:

Não te reprehendo, nem sequer condemno
O generoso impulso que seguiste;
E' natural em um coração puro!
Teus sentimentos de nobreza estreme
Fizeram-te abraçar com fé a causa
D'essas fracas Infantas portuguezas,
Que de El-rei seu irmão se lamentavam
Como expoliadas da paterna herança.
Seguindo o intimo impulso generoso,
Os Estudos de Santa Cruz deixaste,
Para ir com ardor lutar por ellas
Do Castello de Monte-Mór no cêrco!
Eis felizmente as tréguas por um anno;
Todas as Fortalezas retomadas
Por El-rei Dom Affonso á viva força,

São confiadas á Ordem de Templarios,
Até que a herança em maravedis de ouro
A's chorosas Infantas seja entregue.
Tu, no tropel das ambições violentas,
Nos successos confusos te envolveste,
Sem penetrar o intuito que os motiva.
A mim creaste a situação difficil,
Pois como Alcaide-mór de Coimbra, ignoro
Se hoje ainda eu mereço a confiança
De que El-rei me investira . . .

GIL DE VALADARES:

Comprehendo.

RUY PIRES:

Bastante novo és, para comprehenderes
Da familiar politica estes casos.
Dom Affonso Segundo, hoje, a Corôa
De Portugal sustenta com firmeza,
Tem da Nação toda a Soberania,
Tornou-se d'ella seu depositario;
O dever é mantel-a illeza sempre,
Contra o assédio do Clero e Fidalguia,
Na grande lucta da moderna idade!
N'este egoismo de classes, a Realeza
Na Lei Civil intégra o Summo Imperio.
Conservando os Castellos, as Infantas,
Sem prestarem ao rei a homenagem,
Invadiam a Soberana esphera!
Dom Affonso exigindo-lhes o preito,
Só reclamava o reconhecimento
Da indivisa e actual Soberania.

GIL:

Nunca eu vi esse aspecto do Direito;
Que poder novo o da Rasão escripta!

RUY PIRES:

Só os Bispos e o Papa fomentaram
A dissidencia na real familia;
Fizeram que as Infantas recorressem
A' protecção theocratica, e os Castellos
Logo aos Bens de San Pedro equipararam,
Por tremendos anáthemmas guardados!
Teve El-rei de mostrar quanto podia:
Um a um conquistou esses Castellos
Isentos de homenagem; elle proprio
Capitulos de Paz offerecendo,
Paga ás Infantas toda a herança em ouro!
Como viste, foi logo a paz acceita,
Por que em mãos femininas, é sabido,
O ouro é gasto em fundações piedosas,
Mosteiros e Capellas, Votos, festas . . .
Bem vêes que te illudiu o sentimento.

GIL:

Fui pelos fracos combater sincero.

RUY PIRES:

Agora, por esse acto desvairado,
Tomando armas contra El-rei, seguindo
A causa das Infantas, és incurso
Em lesa-magestade; e eu perdendo

Talvez a Alcaidaria de Coimbra!
Dom Affonso Segundo é generoso;
Para obter seu favor tens um caminho:
E' chegada a Lisboa a grande Armada
De Cruzados Teutonicos; commandam-os
Dois bravos Condes, o de Widde e Frisia;
O destemido Paladino branco
Gil de Lewes arrasta esses guerreiros
Pela fé com que préga e com que lucha.
Mas antes de irem para a Palestina,
Resolveram prestar ao Rei auxilio
Em Alcacer do Sal no longo assédio.
Estreito é o cêrco! Os Arabes de Hespanha
Alli convergem com as forças todas!
E' momento magnifico, em que ostentes
Os teus heroicos brios, no serviço
Do Rei que a terra patria audaz alarga.
Se em vez das Armas, tua mente absorvem
As Lettras, o Saber, é essa arêna
Egualmente gloriosa! e em tal caso
Pódes partir em breve para a Italia,
A frequentar Bolonha!

GIL:

A Ideia encanta.

RUY PIRES:

Ahi cursarás Leis, lições ouvindo
De Leonardo Milanez, famoso
Jurisconsulto de alta auctoridade!
A Lei escripta póde mais que a Espada;
Junto dos Reis, o homem que a cultiva,

Como seu Chancellor de puridade,
Effectiva Soberania exerce,
Ficando os mortos Symbolos ornato
Do estulto e vaidoso egoismo regio.
Medita com vagar no meu alvitre,
E livremente delibera.

GIL:

Eu peço
Tres dias para a decisão da escôlha:
Armas ou Lettras! meu destino e vida,
Consagrarei a uma das Divisas.

1.º Quadro — O PACTO DA NEGAÇÃO

No campo da Figueira Velha, junto das obras do Mosteiro de San Domingos.

GIL DE VALADARES:

Estes longinquos sons, võem plangentes
Acordar-me a saudade
D'aquellas horas mortas e silentes
De estudos insistentes,
Na intuição da universal Verdade.

Comprehendia do livro de Plotino
A ideia manifesta;
Mas quando vi o rosto seu divino,
Aquella expressão mystica de Heresta,
Rainha divorciada,
E' que me foi á mente revelada
A plena identidade
Da visão subjectiva e a realidade.

O mundo real é sempre incomprehensivel
Através de mil fórmás incompletas;
Da unidade incoercivel
Têm consciencia os Poetas.
Impressões fulgurantes
Representam-me em todos os instantes
A imagem que trago n'alma impressa,
E que o sangue me inflamma,
Interpretando o olhar, muda promessa
Do espirito que tanto soffre, e ama.

ESCHOLAR POBRE, *aparecendo repentinamente*:

Oh pensador acerrimo,
Andava a procurar-te,
Doido, por toda a parte;
Em meu viajar asperrimo,
Correndo pelo mundo
Aqui vim' dar contigo,
Serenos n'este abrigo,
Ermo e meditabundo:

Venho de Hespanha! Tantas
Legúas transpuz n'uma veloz carreira,
Por povoados, sem mesmo conhecel-os!
Parti na companhia das Infantas,
Quando se fez a entrega dos Castelllos
De Monte-Mór e Esgueira!

Não as largam os Bispos, ao presente;
Tinir maravedis de ouro luzente
Cada um d'elles sente.
Ah! preguemos-lhe um lôgro, suggerindo
Uma paixão terrena á que é mais bella;
Que faceta esparrella
A' devoção sensual o amor unindo.

GIL:

Quem és tu, que de subito appareces,
E rapido te escondes?
Já te inquiri, mas nunca me respondes;
Se Espirito do Mal não és, pareces...

ESCHOLAR POBRE:

Vae ser o teu desejo satisfeito :
 Sempre é conveniente
 O trato com um ente
 Mysteroso, quando nos dá proveito!
 O Amor, Gloria ou Riqueza
 Dirão de meu influxo, ao teu serviço;
 Não hesites; por isso
 Ordena, e finde essa intima tristeza.

GIL:

Meu pae receia decalhir da graça
 Do seu rei Dom Affonso, que lhe dera
 A Alcaidaria-mór de Coimbra; e espera
 Que o meu feito justa ruina faça.
 Para obstar ao desfavor, que o aterra,
 Propoz-me ir para a guerra
 No exercito real,
 Que em Alcacer do Sal
 Põe assédio contra a Mourisma pêrra.

ESCHOLAR POBRE:

Confia, em que eu te sirvo com vontade;
 Trago o *Livro*, que vês, e se intitula
Do Santo Nome, o nome de *Ogdoade*,
 Nome, que em sete letras se articula.
 A Moysés se attribue!
 Por esses sete sons em tudo influe,
 Como os Planetas sete,
 As sete côres que o Iris nos reflete,
 E os tons da escala, com que te apoderas
 Da infinita harmonia das espheras.

Tem este Livro phrases
Que fazem abalar do orbe as bases ;
Torna invencivel a qualquer pessôa ;
Fal-a transpôr o espaço como o vento,
Como o espirito glorioso vôa ;
Faz lêr o mais occulto pensamento !
Paralisa a serpente, e cala a inveja ;
Attrae toda a mulher que o homem deseja
No enlêvo de um momento !
E pacifica os Reis em crú egoismo,
Restituindo logo
Sem mais supplica ou rogo
O cortezão ao seu favoritismo.

(Rasga uma pagina do Livro e entrega-a a GIL DE VALADARES.)

GIL, *com surpresa:*

Mas, quem és tu ? que fazes tanto alarde .
De incognitos poderes ?

ESCHOLAR POBRE:

Sou um *Escholar pobre*, ou quem quizeres,
Vago no mundo inerme ;
Já que em ti tanto arde
O desejo que tens de conhecer-me :
Como o occulto verme
Que opéra a destruição,
Meu sêr seja-te emfim patenteado :

Eu pertenço á anonyma phalange
Do Proletariado,
Que se ergue da miseria e escravidão,
E em seu immenso numero hoje abrange
Os elementos da Revolução!
Do *Pobre Homem* descendo,
Pae dos servos da gleba . . .
Quem ha que ahi perceba
O impulso da revolta que ora rúe!
Eis dos seus privilegios
Os Barões destitue,
Apêa as Thiaras e os Thronos regios,
Vendo o vasio dos Symbolos egregios!

Ante a desgraça e a iniquidade,
Affirmando no fundo d'este abysmo
A fraterna — Egualdade,
Proclama o anarchismo!
Por toda a França, vão-se erguendo em bando
Os *Pobres Jacques*, dando
Para a Allemanha a mão ao desgraçado
D'esse *Pobre Conrado*!
Os *Turlupins*, *Golfinos* e *Begards*,
Os famintos *Lollards*,
Quantos soffrem da sorte o menoscabo,
Chamam-se com desdem *Pobres de Christo*.
D'este tropel no cabo
Tambem a ignobil multidão avisto
Por nome *Pobre Diabo*!
Mas, uns aos outros estendendo as mãos
Por França, Italia, Allemanha e Hespanha,
Formam a liga estranha,
Do *Espirito livre* são *Irmãos*!

Já vês quem sou. Pertença
A esse grupo immenso
Que espalha os germens da Revolução!
Na Religião, na Sciencia,
Eu sou a dissidencia,
Duvida e Negação!

O Seculo dissolve-se na lucta
Da humana Consciencia
Que aneia a liberdade!
Ataca a força bruta,
Discutindo dos Reis a Auctoridade;
Já não crê, não escuta
Por ficticia a theologica Verdade.
Tudo isso a Rasão sóme,
Como ás trévas a luz! Abre-se agora
Um mundo novo, fulgurante aurora,
De harmonia, de Confraternidade!
Queres ser grande? Inscreve pois teu nome
Do *Espirito Livre* na *Irmandade*.

GIL:

Bem que a ambição me tome
Na minha ardente idade,
Devo ainda a resposta
A meu pae; elle gosta,
E quasi que me obriga,
Que a carreira das Armas eu prosiga,
Indo para a Cruzada
Que em Alcacer do Sal é sustentada.
Ou, então, se á Sciencia me disponha,
Se o Saber me agrada,
Que frequente Bolonha.

ESCHOLAR POBRE :

Gloria das Armas e de Academias,
São chimeras, estultas phantasias ;
Vêem-se em nossos dias
Os Symbolos da Fé e do Imperio
Perderem o prestigio,
Destituídos de sentido sério!
Do influxo da Rasão cresce o prodigio,
Na discussão das concepções chimericas ;
Ha um combate acerrimo no mundo
Mais acçeso e jocundo
Que as batalhas homericas !
Considera, repara :

E' entre os *Dois Poderes* esta guerra
Tremenda, que os separa !
Deus dividiu na terra
O Poder seu por uma fôrma clara :
Deu o *Espiritual* ao Sacerdocio,
Contemplativo no ocio ;
O *Temporal* por sua vez confere-o
Aos Reis, o Summo Imperio.

Mas estes dois fragmentos,
Tornados entre si incompativeis,
Cada qual pucha para a sua banda ;
Invadem-se violentos,
E entre baldões terriveis
A vida social anda !

Vês a *Heresia* dissolvendo a Igreja,
 Que sanguinaria almeja
 A temporalidade!
 A *Revolução* cresce, dia a dia
 Minando a Monarchia;
 Aos *Dois Poderes* vão abrindo a cova!

GIL, com espanto:

D'onde emfim hade vir a *Ordem* nova?

ESCHOLAR POBRE:

Um grande ideal te acorda o enthusiasmo;
 Sacerdotes ficções
 Incitam o sarcasmo
 Do natural bom senso!
 Da despotica Espada
 As arbitrariedades,
 Fazem unir as Ghilds e Irmandades,
 Trazendo aos fracos um poder immenso.
 Em uma aberta liça,
 E com audacia insana,
 Affirma-se a Justiça
 Com a concordia humana!

= Sem Reis, nem Padres! = lucida divisa
 Da liberta Consciencia,
 Que torna a Humanidade uma, indivisa,
 De si a — Providencia.
 A voz: *Destruam et edificabo,*
 Que solta o *Pobre Diabo,*

Fecunda orientação
 Dá a tua existencia.
 Pende o Seculo para a Negação
 Que o governa latente!
 Tens de um enorme campo o andito em frente.

GIL:

Eu agora comprehendo a inanidade
 D'esta sangrenta lucta
 Disputando o dominio
 De um Sepulchro vasio, escura gruta
 Da morta Divindade!
 Ao frio raciocinio,
 Os Symbolos da Cruz e do Crescente,
 A ideia absoluta
 De um Deus unico exprimem egualmente.
 Na agitação hodierna,
 Para fazer concordia, união fraterna,
 E' a Crença impotente.

Attrae-me a lucta viva das Idéas,
 Das Escolas Geraes, das Assembléas;
 Nas discussões eu sinto-me feliz!
 A guerra verdadeira é o pensamento,
 As armas — o argumento,
 A estacada — Paris!
 Em Paris! n'um oceano de Sciencia,
 Do Saber n'esse abysmo,
 Lá, com que gloria, scismo
 Afundar a existencia!
 Vibrando com denodo — o Syllogismo!

ESCHOLAR POBRE:

Paris! Paris! que immensa luz espalha!
Ahi grande batalha,
Das ideias se fere.
Ao que á ruidosa Eschola chega á porta,
Conhecer esse estranho mundo importa;
Para ter nome o que é que se requere.
Eu t'ó revelo azinha:
Ha duas Sciencias n'uma Sciencia; ólha:
A que se lê no Livro em cada folha,
E a que se adivinha
Lendo na entrelinha . . .
Os crédulos estudam com paciencia
Morta, apagada letra;
Nenhum d'elles penetra
A esoterica essencia
Que ha em toda a Sciencia.
Saber quadrivial immovel jaz,
E mil pedantes faz!

Existe imo prestígio na Palavra -
Vehemente proferida;
Viva luz na alma accende, brilha, lavra,
E' o Verbo da vida,
Que novas fórmulas cria,
E a novos mundos ala,
Eis o que é a Magia!
Auscultatio, que chamam a *Kabala*,
Lá da antiga Chaldêa
Transmittida na tradição hebrêa;
Um thezouro infinito,
Arte de fazer ouro, a *Chrysopêa*,
Tambem a *Argyropêa*,
Conservam-se em Papyros do Egypto!

Mandou queimar o Imperador de Roma
 Diocleciano, outr'ora,
Da Alchymia os Livros, que aos Egepcios toma,
 Cuidando que assim doma
A nação ao servil jugo romano,
 Podendo-o lançar fóra
Se possuírem do Ouro o grande arcano.

Eu sei onde se guardam essas Obras!
De Marcos os Discipulos dilectos,
 Conservam Panacretos,
 Desvendando-lhe as dobras
 Dos seus véos mais secretos!
N'esse Livro, a Moysés attribuido,
 Citam-se velhos Magos,
Tphé, o Hierogrammata, e Evenus
 Abertamente pagos
 De Sciencia infinita;
Erotylo, e Zminis Tentyrita,
 Ostanes entendido,
 E gloriosos não menos
Agathocles, Pebechius, eminentes
 Por fórmulas potentes
 - Em seu influxo infindo!
 Micres e Mirnefindo,
Arthefius, Comarus Byzantino,
Avicena, Calib e Morienus
 O segredo divino
Da mystica Serpente sem venenos,
 Proclamam-o com brilho!
Géber, Zadith de Hamuelis filho,
 A Lei de Hermes explicam:
Omnia ex Uno procedunt! Que trilho
 Para os que Ouro fabricam!

Mesmo o proprio San João Evangelista
O castissimo ágno,
Meigo, suave e louro,
Tambem foi Alchymista,
Como canta o seu Hymno
Do inexhausto Thezouro!
Vicente de Beauvais, Alberto Magno,
Arnaldo Villa Nova e Hortolanus,
Por esta Sciencia occulta dos Arcanos
Possuiram da Luz clarão divino!
Como elles tambem tu podes ser grande,
Com gloria o nome teu no orbe se expande.

Na Sciencia das Escholas,
Dos Syllogismos e doutrinas tolas,
Sempre hade ser ahí teu nome obscuro.
Nenhuma gloria assoma,
Que hoje offusque a que nimba GIL DE ROMA,
O *Doctor fundatissimus*, seguro,
Mestre afamado de Philippe o Bello!
Ai de ti! outro nome o teu domina:
Gil de Corbeil, subtil na Medicina,
E Medico do Rei Philippe Augusto;
Como Theologo tem renome justo.
Ah, pobre Gil! até como poeta
Olha *Gil de Paris!*
Seus Poemas ao Principe Luiz
Dedica; a sua fama hoje sem custo
De revolucionario se completa.
Tens *Gil le Chantre*, que entre estas querellas
Chefe dos Turlupins,
Irmãos do Livre Espirito, em Bruxellas
Prosegue d'esta lucta os altos fins!

E' elle que sustenta :
 — Vale o Peccado mais que a Oração!
 A fragil vida augmenta ;
 Porque o Prazer na doce seducção
 Satisfaz a Alma dos desejos prêza,
 Realisa a Lei da livre Natureza! —

GIL DE VALADARES :

Como posso alcançar nome glorioso
 N'este Seculo revolucionario ?

ESCHOLAR POBRE :

Tens de seguir um novo itinerario !
 Aqui affirma-o ousa.
 Na gloria militar teu nome offusca
Gil de Lewes, agora em Portugal ;
 Em Alcacer do Sal
 Para as hostes da Cruz o triumpho busca,
 Guerreiro e prégador d'esta Cruzada
 Que passa á Palestina.
 Se acaso a santidade te domina
 A alma transviada,
 Não és n'isso feliz ;
 Confundida verás a tua fama
 Com o humilde e piedoso *Gil de Assis*,
 Auctor da *Aurêa verba*,
 Onde ao mundo proclama
 As virtudes que elle em Francisco observa.

GIL:

Contra este fatalismo do acaso
Que o meu nome confunde,
O que ha que o secunde,
E á gloria me dê azo ?

ESCHOLAR POBRE:

Tu, sómente! Pelo individualismo,
Investigando da Sciencia o abysmo,
Com mais coragem e talvez acerto
Do que esse Magno Alberto,
Ante o conflicto da Rasão e a Fé!
Ou Simon de Tournay,
E Siger de Brabant,
Mostrando inâne o Dogma dominante.

GIL:

Esses problemas têm-me hallucinado.

ESCHOLAR POBRE:

A Natureza é pura e sem peccado!
Voltemos com franqueza
A' santa Natureza.
O individuo é o sêr perfeito,
Social e independente;
Serenos, consciente
Eis do *Espírito livre* o Irmão eleito.

GIL:

Como inscrever-me pois n'essa Irmandade?
Para tal tudo faço!

ESCHOIAR POBRE:

Assignando com o sangue do teu braço
Pacto válido, e sem hesitação
No espirito de plena Negação;
Da absoluta e inteira liberdade:
— Anarchismo contra o Poder da terra
E a Crença do Céu!
Contra a Sciencia formal, que absurdo encerra,
Aos seus Sophismas guerra,
Dyocolo ou atheu,
Tendo por arma o arguto Syllogismo,
Que com desdem sepulta
Sabedoria estulta.

GIL:

Se a Verdade encontrar na Sciencia occulta,
Assigno o Pacto, e trilho esse caminho.

ESCHOLAR POBRE:

Confia-me o Espinho
Da Corôa do Christo Redemptor,
Que te deu a Rainha divorciada
Ha pouco em Monte-Mór,
Como reliquia santa venerada
Por lembrança de amor . . .

Com o sangue da leve picadura
Em tenuíssimo jacto,
No teu braço, farás a assignatura
Do teu jurado — Pacto.

(GIL confia o *Espinho da reliquia* ao ES-
CHOLAR POBRE, que o troca pelo *Es-
pinho da carne*.)

Com credices bem sei que não te illudes;
D'este Espinho, reconhecer convem
Os poderes que tem!
Prodigiosas virtudes!

Mas, reparando bem,
Esta reliquia, que nenhuma eguala,
E' o *Espinho da carne!* de que falla
San Paulo, em uma Epistola eloquente.
Deixa que levemente
Toque o Espinho o teu braço.

GIL, *offerecendo o braço, sorrindo:*

Um convulsivo frémito me abala,
Prostra-me em torpôr lasso!
Parece que do centro visceral
Irradia uma sensação intensa,
De mais delírio quanto mais se pensa;
E d'esse goso ideal
Ao prolongado enlêvo
Dá-lhe a consciencia inda um maior relêvo.

O ESCHOLAR POBRE:

Não é uma illusão o que sentiste,
 Um prestigio ou chimera;
 Por isso é que San Paulo deblatera,
 E clamoroso insiste
 Contra o *Espinho da carne* amaldiçoado!
 Por esse talisman que o infeitiça
 O Apostolo tambem foi dominado,
 Quando o encontrou na mão da Diaconissa
 Phebe, que elle amou quando já velho.

E's novo! tens um mundo de prazeres.
 Podes vêr n'este Espelho,
 De Petosiris a afamada Esphera,
 Que ha tanto se esquecera,
 As imagens de todas as mulheres,
 Que a capricho quizeres.

(*Mostra-lhe o Espelho espherico.*)

GIL:

O Espinho da Corôa de Jesus
 Feito *Espinho da carne*! Que obra é esta?
 Recebi-o da mão pura de Heresta!
 A que sonhos, a quanto ardor me induz!

O ESCHOLAR POBRE, enquanto GIL mira
 o *Espinho*:

Fez o grego esculptor
 Junto á estatua da bella Galathêa,
 Com delicada ideia,
 Corpo infantil, que allegorisa o Amor.

Na breve mão foi pôr
Uma flexível, delicada flécha,
Que, se a criança a desfecha,
Faz nascer do Desejo o infindo ardor.

N'um espasmo subtil
Mil delicias suggere
Em quem, de leve, fere
A ponta d'esse hastil.

Na Igreja nascente
O *Espinho da carne* com recato
Aos Presbyteros deu goso vehemente,
No ermo celibato.

Desde essa hora a Igreja
Detestou a Mulher! viu na belleza
O Mal, que se deseja;
Amaldiçôou a alegre Natureza.

GIL, *conservando o Espinho:*

Quero de Petosiris vêr a Esphera,
Se ella me representa
A doce imagem que me encanta e alenta
Na anciedade do amor que desespera.

ESCHOLAR POBRE:

De todo o véo isenta,
Tens a visão sincera
Da mulher que occorrer á tua mente
Por um desejo ardente.

GIL, *contemplando com espanto* :

Núa se manifesta
 Conforme o meu desejo . . .
 E' com certeza Heresta,
 Que radiante eu vejo !

ESCHOLAR POBRE :

Tu pasmas do que vês ! Por certo ignoras,
 Das cinzas fluctuantes
 D'esse povo Albigense,
 Que a Igreja com ferro e fogo vence,
 Nasceram seitas hallucinadoras,
Beguinos, Fratricellos, Flagellantes !
 São do Espirito Livre Irmãos, sem medo
 Em vez do Logos tem do Amor o credo .

Fm Toledo, no paço da Galiana,
 Vive Heresta, a Rainha divorciada,
 Penitente dormindo sobre a palha !
 Logo de madrugada
 Com vehemencia insana
 Para os pobres vestir ella trabalha.

Fervor religioso de Beguina
 Apoderou-se d'ella . . .

GIL, *olhando a Esphera de Peto-*
siris :

Esse corpo de alvura ideal, divina,
 Que mão crúa o flagella ?

ESCHOLAR POBRE:

E' uma Fratricella.

GIL, *com magoa*:

Religião que enlouquece e hallucina!

Ouvi-lhe lêr com voz de ethereo arpêjo
De um Monge, que encontrou loiro cabelo
De mulher em um livro, acaso, — e ao vê-lo
Cae d'amor fulminado n'um lampejo.

Como se acorda o indomito desejo,
E a vida extingue em devorante anhelos!
N'uns ondados cabellos, mais suave élo,
Em extremo enlêvo fios de ouro vejô.

Bem perto da visão que me extasia,
Mais que o Monge, que o livro abriu defronte,
Sinto do *Odor di femina* a magia.

E sem morrer! sem que um soneto o conte,
Afogado n'um hausto de Poesia,
Junto á nevada, alabastrina Fonte.

ESCHOLAR POBRE, *sorrindo*:

Essa psychose torna-se obsessão.

GIL:

Quero fallar a Heresta, ir a Toledo . . .
O Pacto d'alma assigno já sem medo:
Professo a — Negação.

*(Fere-se no braço, e assigna uma cédula
que lhe apresenta o ESCHOLAR.)*

ESCHOLAR POBRE, *guardando a cédula:*

Ignota coincidência! Observa: o chão
Que vês n'este momento,
De alicerces profundos excavado,
Em que se erguem os muros de um Convento
De Frades Prégadores, — foi doado
Por Thereza, a Rainha de Leão.
Dos cavoucos, em meio do destroço,
Tu por ella firmaste o Pacto nosso!

GIL, *devaneando:*

Entre Deus — Infinito
E a terrea pequenez,
Que insondavel abysmo!

E quanto mais medito,
E quando anciado scismo
N'esta contradicção,

Eu sinto que a união
De Deus e a Natureza
Se faz pela Belleza.

Contempla novamente a Esfera de Peto-
siris, absorto na imagem de HERESTA:

Tal como é formada
Na concha, em fundo mar,
Fulgente, desmaiada
A pérola ao luar ;
Amor de uma casada,
Que viu para seu mal,
O Poeta d'esse ideal
Faz um poema sem par . . .
O que é saber amar !

Decantou n'esta toada
Dolente, sem igual,
Arnaud de Miraval
Com a alma enlevada
No amor da casada
Que tornára immortal:
Concentrou o viver
Na angustia desolada,
Porque — amar é soffrer,
Sem que aspire a gosar! —
Isto é saber amar !

ESCHOLAR LOBRE, *interrompendo-o:*

Se antes de vêr Heresta
Queres philosophar sobre o Amor,
Como pensam Platão e Hermas Pastor,
Voêmos a Lisboa,
Onde está preso em enxovia infesta
Thomaz Scotto, o mais audaz Doutor,
Cuja fama pelas Escholas sôa.

GIL:

Porque está preso Scotto entre os horrores
Da masmorra sombria ?

ESCHOLAR POBRE:

Por citar com ousadia
LIVRO DOS TRES IMPOSTORES,
Coram multis Scholaribus
In scholis Decretalium,
Quando estava a lêr um dia.

GIL, *com curiosidade:*

Eu nunca ouvi fallar no Livro horrendo,
N'essa obra de malicia!
Com que ancia pretendo
Me dê Thomaz Scotto já noticia
D'esse Livro, onde com certeza existe
Espírito de fria — Negação,
De toda esta mental insurreição
A que, pávido o Seculo hoje assiste.

(O ESCHOLAR POBRE *apresenta-lhe a*
Flécha de Pythagoras, e desfilam am-
bos no espaço.)

2.º Quadro — OS DOIS LIVROS

Em Lisboa: *Diante da multidão apinhada, está cantando um Segrel. GIL DE VALADARES e o ESCHOLAR POBRE aproximam-se, escutam:*

SEGREL, cantando:

Baralha-se a razom contr'aquesta vontade,
Que me forçou a amar unha clara beldade;
E com certeza,
Ende fica-me mal, pelo que sinto e vejo,
Leixar assi voar, voar o meu desejo
A tanta Alteza.

Solamente compete a Reis e grãos Senhores
A groria e o rijo affan de serem servidores
Da graça d'ella!
Mas, na coita de amor com que passo os meus dias,
Pois que não reconhece Amor as gerarchias,
Suspiro ao vê-a.

Todo o homem que ama e traz de amor cuidado,
Pelo que soffre fica, ao certo, bem pagado;
E amor merece;
Porque, perante Deus, que lê nos corações,
Nom valem nulha rem nomes ou distincções,
Núa a alma vê-se.

Já que imagem perfeita sois da divindade,
Imitae taste em graça e doorida piadade
Vosso modelo!

Por quanto, em cabo val a Rey e a Duques quem
Busca a divina luz que se reflecte bem
N'um rosto bello!

GIL DE VALADARES:

Gósto d'esta Canção! desenha ao vivo
O meu estado d'alma, e até parece
Composta para me alentar no enlêvo
Da loucura de amar uma Rainha!
Mas, quem será o Trovador que sente
Como eu este impossível da existencia?

ESCHOLAR POBRE:

O segrel eu conheço: é Sueyr'Eanes,
Que andou por muitas Côrtes das Hespanhas,
Pela Provença e Italia.

SEGREL, *aproximando-se*:

Esta Cantiga
Achou sabor em vós, pelo que observo;
Do Trovador quereis saber o nome?
Compôl-a ha pouco Arnaldo de Merveil
A' Condessa Adelaide, que é casada.
Anda louco por ella! ella é que inspira
Os doces sons, as deliciosas rimas,
N'esta sêde de Amor que agita o mundo
E eguala as almas pelo sentimento.
Em Paris, junto a Branca de Castella,
A rainha viuva, os Trovadores
Em ardentes Canções loucos disputam
Seu coração, embora arrefecido...

ESCHOLAR POBRE:

Já te vi em Paris; és Sueyr'Eanes?

SEGREL:

La fallámos; és Títivetilarius,
No rumor das Escolas conhecido
Mais por Titivetilus, e apupado
Na Montanha Latina entre sarcasmos.

*(A multidão exige que o Segrel continue
a Canção trobadoresca interrompida;
os dois afastam-se.)*

GIL:

Quantas vezes eu tenho perguntado
Quem és? Como é teu nome? Illudes sempre
As respostas. És Títivetilarius!
Um nome arrevesado; só por isso
O occultavas, talvez?

ESCHOLAR POBRE:

E' outra a causa.

Dizem: *Credibile, non autem scibile!*
Observando que em ti prevalecia
O espirito da Sciencia em vez da Crença,
Não me exhibi sob o apparente aspecto
Do mysterioso Sêr que eu sou. Escuta:
Se frequentasses em Paris os Cursos
Da Montanha Latina, ou as Escolas
De Padua e de Bolonha, saberias

Qual a minha importancia : Escholar pobre,
Parodío a feição parasitaria
Das Ordens Mendicantes, que hoje exploram
A Pobreza na santa ociosidade!
Dão-me o nome de *Titivetiliarius*
Por eu ter encetado uma carreira
De andar pelos Conventos e por Claustros,
Por Collegios, nas Universidades,
Mal proferidas Syllabas colhendo
Das Orações latinas e discursos
De Conegos, de Frades e Doutores,
Lentes de *In sacra Pagina*. Eu mesmo
Transporto os meus alforges carregados
De tantas syllabadas pedantescas
Para a Mansão dos prantos — o Inferno.

GIL, *mirando-o com espanto* :

Comprehendo-te a missão : n'essa bagagem
Bom gaudio levas á perda gente.

TITIVETILUS :

Sou o Sarcasmo, a Troça das Escholas,
No fundo — o Pobre Diabo! Tentei sempre
Juntar todas as Syllabas, formando
Com ellas as insólitas Palavras,
A vêr se algum Vocabulo coincide
Com o angelico Verbo proferido
No Trisagio perenne! D'esse modo,
Pelo poder da Fórmula sagrada
Regressaria á gloria que hei perdido.
Bem vês, de *Negação* é o tempo hodierno;
Desempenho a missão de revoltado,
Suggerindo nas almas este impulso.

E' o Bem absoluto um mal patente;
Pode o Mal relativo em bem tornar-se:
A rasão do meu sêr contem-se n'isto.
Tudo no mundo é relativo! Tudo
Se transforma e renova, constituindo
A Evolução instavel, progressiva.
A Verdade absoluta feita Dogma
Immutavel, na mente oppressa péza,
Transvia e atraza a triste Humanidade.
A Justiça absoluta eguala o crime;
Mais que o pessoal Arbitrio é sempre iniqua,
Porque ella abstrae do tempo e do motivo!
Religião e Politica arvoraram-se
N'esses dois Absolutos monstruosos,
Antagonicos, — lueta interminavel
Do Sacerdocio e Imperio!

GIL:

N'esta crise,
Que durará por seculos, ao homem
Quem trará o resgate, a ordem nova?

TITIVETILUS:

A Negação audaz, libertadora,
Heresia e Revolução, que actuum
Na decomposição dos Dois Poderes.
Irmãos do Livre Espirito nós sômos,
O pacto que assignaste a mim me obriga
Do outro poder a revelar-te a origem:
Mais que as Fórmulas santas, portentosas
Que se encerram no Livro de *Ogdoáde*,
E' a Palavra viva inda mais forte:

E' o *Mot d'ordre*, a Senha, o Verbo augusto
 Que liga o fraco em decisiva alliança,
 E apoio presta ao foragido e extranho!
 N'um momento as vontades unifica;
 Dá á força da Associação secreta
 A omnipotencia que avassalla o mundo!
 Uma Palavra o jugo e algêmas quebra
 Dos Tyrannos; o condemnado salva.
 Por Escolas, por Curias e Castellos,
 Entre os *Golphines* da Extremadura,
 Entre os *Pobres Conrados* da Allemanha,
 E o francez *Pobre Jacques* e *Bagaudes*,
 Uma Palavra mysteriosa pode
 Abrir todas as portas, á vontade,
 Os Thezouros, e até mudar sentenças!
 Que Poder sobrenatural na terra
 Ao da Associação secreta eguala?
 Como os bons Companheiros da Juranda
 Formando a Irmandade do Trabalho,
 Das Nações alargando-se as fronteiras,
 Hoje novos Obreiros constituiram
 A Liga activa da Humanidade
 Na construcção da Jerusalem nova;
 Não com pedras, com almas edificam;
 E' o cimento o affecto, em que se funda
 Este Templo da Providencia humana,
 Que do Oriente ao Occidente fulge!

GIL:

E' tempo de mostrar-me quanto podes.
 Hoje a Thomaz Scottto fallar quero;
 Quero que me revele o conteúdo
 Do horrendo *Livro dos TRES IMPOSTORES*.

TITIVETILUS:

A' cadêa do tronco da Cidade
Acompanha-me; em lôbrega masmorra
Entraremos seguros. Necessito
De ir levar ao Doutor a liberdade.
Fallarás á vontade lá com o sabio;
Depois, iremos todos a Toledo,
A Toledo, á cidade dos Thezouros,
Da Hermetica Philosophia centro.

*(Caminham ambos, e ao chegarem ds
grades da Cadêa do Tronco, TITIVETI-
LUS profere a Palavra da senha asso-
ciativa; todas as portas se lhes abrem.)*

THOMAZ SCOTTO, erguendo a fronte aba-
tida:

Estava já cansado de esperar-te
Na abjecta e infecta aposentadoria!
Longo silencio e as trévas me forçavam
A mil cogitações que me fatigam.
Quero ár, quero luz! quero-me longe
Do monastico fanatismo bronco.

TITIVETILUS:

Nunca abandono quem em mim confia.
Vim eu acaso tarde? Desejaste
Vêr Portugal, porque dizer ouvias
Que se morre de amor cá n'esta terra.
A historia do Trovador fidalgo
Que morreu em Galliza por amores

Da Infanta portugueza, impressionou-te.
 Comprazendo outra vez ao teu empenho,
 Trago-te aqui mais um apaixonado,
 O donzel Gil Roiz de Valadares,
 Filho do Alcaide-mór de Coimbra; elle anda
 Derretido de amor não por Princeza,
 Mas por uma Rainha divorciada . . .
 Como usam Trovadores d'este tempo.
 O Amor realisa a Egualdade humana.

(THOMAZ SCOTTO abraça o nobre Escho-
 lar.)

GIL DE VALADARES:

Mestre! Eu pelas doutrinas de Plotino,
 Em que medito ha muito, estou na posse
 Da comprehensão do Extasi, esse estado
 Da psychica intuição do universo!
 O Extasi é o *Amor*, que identifica
 O Subjectivo com a Realidade;
 Que objectiva o Ideal dando-lhe fórma.
 Eis por que o Amor me absorve, enleia e exalta.

THOMAZ SCOTTO:

Sobre as doutrinas de Plotino pensas,
 De Plotino, que instituiu a Eschola
 De Alexandria! Agora me parece
 Conhecermo'-nos já de longos annos!
 Das especulações no alto enlêvo,
 Que transcendem do vulgo a intelligencia,
 Respiro na atmosphaera de Plotino,
 O portentoso espirito, que soube
 Pela penetração sobre-humana

De Philosopho e Poeta, unir na mente
Platão e Aristoteles de accôrdo!
N'um mesmo e unico Espirito elle funde
A Sciencia hierática do Egypto
E as Tradições brahmânicas da India,
Dos Mobedes da Persia sapientes.
Plotino é élo intimo que liga
O pölytheico Olympo, que se extingue,
Com o Christianismo, que elabora,
No tropel de syncreticas doutrinas,
A Tradição dos Povos, que aspiravam
A' Egualdade e á concordia humana.
N'esta grandiosa Crise das Consciencias,
O Espirito a orientação procura
Da Tradição e da Philosophia,
Alliando-se o Passado e o Futuro.
Phase poetica, organica, fecunda!
Nova Ordem social se esboça em nome
Da Entidade ficticia, que designa
Esta corrente do Christianismo!
Para vantagem de uma egoista classe
As doutrinas em Dogmas se definem,
Constituindo a Egreja! Fria, explora
A Confraternidade, convertendo-a
Na egualdade do soffrimento humano,
Que submette á resignação passiva,
Ao tedio da existencia. Em longo eclipse
Cáe a rasão, e a sociedade immerge
Entre as sombras da mystica apathia.
E' força resurgir do fundo abysmo!
Sobre as Leis das instituições antigas,
Sobre as Crenças de Religiões austeras,
Sobre as Doutrinas das Academias,
Sobre a tradicional Auctoridade,
Passou-se *um traço em cruz* de Christo em nome.

Eis o facto estupendo! Esta anarchia
A *Loucura da Cruz* se denomina
Na bocca do Apostolo, annullando
As enredadas pêas de Hierophantes,
Dos Sophistas inânes raciocinios.
N'esta libertação, Novo Mandato,
Veiu metter entre os Irmãos a Espada
Em vez da Paz! Chegado é o tempo agora
De edificar as almas na concordia,
No ardor do Santo Espirito reunidas!
O *traço em cruz* foi materializado
No cêpo de supplicio e de ignominia
Pela Igreja, que fez Symbolo horrendo
Da Religião em sanguinosas guerras,
Nas fogueiras da Inquisição, levando
Ao Oriente o lugubre estandarte
Nas Cruzadas phantasticas, estultas!
No resignado desalento, a Igreja
Amolda os povos á passiva sorte,
Doê chefes temporaes sob o governo;
O *Santo Espirito* hoje insufla esta ancia
De Paz e de Verdade! insurge as almas
Para a dissolução dos Dois Poderes!
Do medieval collapse a Humanidade
Pela revolta social resurge;
Pela audacia mental tudo examina,
E pela Negação serena, franca,
A Consciencia moderna se emancipa.
Dois Livros guardam os fecundos germens
D'esta renovação da nova idade.

GIL:

Dois Livros? Mas não é por um sómente
Que jazeis aqui prezo?

TITIVETILUS:

Conversámos,
Pouco ha, no *Livro dos TRES IMPOSTORES*;
Agucei-lhe a febril curiosidade.

GIL:

D'esse quizera eu ter conhecimento.

THOMAZ SCOTTO:

Prégadores catholicos alludem,
De longe, com horror a esse Livro!
Quem pretende tornar alguém odioso,
Divulga com ardil, que a occultas lêra
O hediondo *Livro dos TRES IMPOSTORES*.
Muitos affirmam, que ventila a these
Tres fuisse in mundo deceptores.
Rarissimos leitores tel-o-hão visto.
Em verdade, pode existir um Livro
Sem mesmo estar escripto . . .

GIL, sorrindo:

Paradoxo.

THOMAZ SCOTTO:

Não o é! Na tradição oral subsistem
Vastos Poemas cyclicos, Hymnarios,
Apophthégmas moraes, Canções e Contos:
São a Biblia dos Povos, não escripta,

Archivada na retentiva ingenua.
A não ser no dominio da Arte, a fórma
E' accidente ephemero...

GIL:

Compreendo.
Ha um Saber, que se conserva e passa
Na transmissão oral, é a *Auscultatio*,
A Kabala, que inda os Judeus cultivam.

THOMAZ SCOTTO:

O Saber, quando expresso na Palavra,
Melhor se imprime n'alma, com verdade.
Não escreveram grandes pensadores;
Socrates e Jesus fizeram Livros,
Por ventura? Quem agitou mais almas?
Posso, quando quizeres, revelar-te
Súmmula clara dos TRES IMPOSTORES.

GIL:

Esse o maior empenho, que me incita
Vivo interesse, a curiosidade.

THOMAZ SCOTTO, *passa no carcere, discursando*:

Trez homens doestavam-se raivosos;
Accaloradamente deblateram,
Sem conseguir na colera entenderem-se,

De oppõem argumentos a argumentos
 Já cansados, mas enredados sempre
 Em hypotheses e affirmações gratuitas,
 Em capciosos sophismas, resolveram :

— Consulte-se um Philosopho, que sabe
 Bem deduzir pela abstracção a norma
 Geral, a Lei implicita na immensa
 Complexidade primordial das cousas. —

O Philosopho accólhe-os sereno,
 Aguardando a consulta :

— Só tu sabes

Da unidade immanente que subsiste
 Entre o que é *objectivo* e *subjectivo*,
 Evidenciar a pratica Verdade.
 Para ti appellamos; tens recursos
 Para nos conciliar em mutuo accôrdo.

«Fallae, pois; ouvirei, serei sincero.

— Sigo a *Lei de Moysés*; (disse o primeiro)
 Essa o tronco sagrado, d'onde brotam
 Religiões novas universalistas:
 Christianismo e Islamismo monotheicos,
 Ramos florentes da vetusta seiva.
 Os dois Credos se dão por verdadeiros,
 Toda a verdade lhes provêm da origem. —

Falla o segundo :

— Eu sigo a *Lei de Christo*,
 Que sellou a Verdade com seu sangue.
 Tal não fizeram os Instituidores,
 Que outros cultos e Credos proclamaram. —

Por sua vez disse o terceiro:

— Eu sigo
 A *Lei de Mahomet*, que as tribus liga,
 Quando errantes pelo deserto andavam;
 A' civilização as trouxe, e torna-as
 Entre os povos actuaes iniciadoras. —

E todos trez ao mesmo tempo inquirem :
 — Qual das Trez Religiões mais verdadeira
 Seria ? Respondei com lealdade ! —

«São os trez Credos outras tantas burlas !
 Trez Falsarios fizeram que no mundo
 A humana rasão se desviasse
 Dos dados objectivos, em que assenta
 Todo o Conhecimento, e a confundiram
 Nas miragens do Mytho e do mysterio.»

O grupo dissidente se despede
 Commentando a resposta. No caminho
 Os Crentes de Moysés e de Mafoma
 Com valentia foram espancados
 Pelo que do Perdão a Lei professa,
 Que tornou ao Philosopho, com sanha :

— Declara com franqueza, que Verdade,
(Pela qual como Christo dou meu sangue),
Ha na Fé que sustento.

«Se me entendes,
Tu tens a Fé explicita, que basta
Para obter as absolvições da Igreja.
Ouve um caso, que corre por novella:
Na varanda do Vaticano o Papa
A multidão immensa contemplava,
Que viera a Roma ao Jubileu, e espera,
Cabeça descoberta ao sol ardente,
A benção receber. Acolytado
Por Cardeal-sobrinho, o Papa exclama:
Minor Dei sou eu, mas *Major hominum!*
E ao erguer o braço, abençoando,
A multidão ajoelha reverente,
Levando a fronte á terra. Então o Papa
Disse para o sobrinho, que segura
A dalmática de ouro recamada:

— De que é que viverá toda esta gente? —
•Vivem de se enganarem uns aos outros.»

De intuição moral em um relance
Espontaneo, invencivel, torna o Papa:
— Tambem nós, da grandeza no fastigio,
Com nossas Bullas, Dogmas e Mystérios,
Vivemos de enganar a elles todos. —

Eis dos TRES IMPOSTORES o conteúdo.»

GIL:

A synthese do Livro é, que o bom senso
Com seu clarão penetra a propria Igreja.

THOMAZ SCOTTO:

Faltando á Igreja a unanimidade
Dos crédulos, impõe a Fé com sangue;
O mesmo: *Crê, ou morre!* do Islamismo.
Para accudir á dissolvente crise,
Erguem-se as Ordens novas, Franciscanos
E os *Domini-Canes* Prégadores.
Que mortandade essa do sul da França
Por mandado do Papa, porque os povos
Criam mais no *Amor* do que no *Verbo!*
Não é sómente a Igreja, que hoje soffre
A dissolução intima: — a Realeza
Na propria Auctoridade anda abalada:
E' o inicio de uma Era nova!
O Livre Pensamento busca apoio
Na realidade; e emtanto a alma humana
Divorciada se vê da Natureza;
Quando com ella um dia se congrasse,
Achará a verêda franca, infinda.
Hoje vae por atalhos tortuosos,
Na missão critica e demolidora;
Os aríetes são esses *Dois Livros*...

GIL:

Como eu anciava que me desvendasses
O Poder novo que se esboça agora!
O que são os *Dois Livros*, de que fallas?

TITIVETILUS, *sarcastico*:

São duas invencíveis catapultas,
Que demolem as Fortalezas ambas
Do Feudalismo e da Theocracia.

THOMAZ SCOTTO:

O que são os *Dois Livros*? Um é o *Organum*,
Do grande Stagirita, em que se adestra
Do Raciocinio a acuidade e a força.
E' o outro esse Livro das *Pandectas*;
Do Direito romano eis o resumo,
Que da Justiça a eterna norma encerra.
Na Logica deu á Rasão humana
Aristoteles a arte que destrinça
A réde dos mysterios, e illumina
Os absurdos dos Dogmas e das Crenças.

TITIVETILUS:

Eu afio essa arma nas Escolas,
E' o audaz Syllogismo, que disseca
Até o proprio Deus! e meto á bulha,
Da subtil Dialectica nas pugnas,
Os Realistas com Nominalistas,
Assegurando ao mundo a liberdade
Do Pensamento activo, e da Consciencia.

THOMAZ SCOTTO, *continuando*:

E por esse outro Livro das *Pandectas*,
Em Amalfi ha pouco descoberto,
Chega-se á noção pura da Justiça

Pairando sobre o individual Arbitrio.
 Poder, Auctoridade, são mandato
 Transitorio, condicional, confiado,
 Mas sempre revocavel. Esta a origem
 Dos Poderes da terra, torpe abuso,
 Dando-se por delegação divina !

TITIVETILUS:

A *Heresia*, que dissolve os Dogmas,
 E a *Revolução*, que a Auctoridade
 Apeia e arrasta, têm alto objectivo:
 Abrem de um mundo novo os alicerces.

GIL DE VALADARES:

Quantas vezes volvi esses *Dois Livros*,
 Sem penetrar o assombroso alcance !
 O Amor, o Amor, que emparadisa a mente,
 Dá-me um novo clarão ao pensamento :
 E' o Amor do Saber — Philosophia.
 Aonde irei saciar a ardente sêde
 Que me abrasa ? . . .

TITIVETILUS:

Marchemos a Toledo . . .
 Vamos vêr a Cidade dos Concilios.

THOMAZ SCOTTO:

Tens Bolonha e Paris ; em uma encontros
 A cultura da Sciencia do Direito ;
 Junto a Leonardo Milanez estudas,

Pelo grão doutoral em breve chegas
A Chancellor de um Rei. Em Paris brilham
A Medicina e a Theologia;
Doutor *in sacra Pagina*, a ventura
Guindar-te pôde ao sólio pontificio!
Mas é tudo isto pura vacuidade.
A verdadeira Sciencia é immanente
Na Natureza! importa conhecê-la,
Investigando as Leis em vez das Causas.
E essas Leis fataes, inquebrantaveis,
São forças de que o homem se apodéra,
Submettidas ao imperio da vontade.

TITIVETILUS:

Rogério Bacon segue n'esse rumo;
Por isso prezo jaz no estreito in pace
Do sombrio mosteiro franciscano.
A Sciencia experimental perturba
A quem vive em regimen de milagres.

THOMAZ SCOTTO:

A Sciencia a que aspiras, está longe
De systematisar-se; ella depende
Do Amor da Natureza, por ascetas
Anathematisada, como embuste
E antithese do Espirito sinistro.

GIL:

Mas, d'onde vem esta luz viva, intensa
Que a intelligencia acorda, e nos desvenda
Vastissimo horisonte?

THOMAZ SCOTTO:

O genio hellenico

Renasce das ruínas do passado;
Pelo universalismo nos revela
O sentimento da Humanidade!
SOCRATES! ensinaste-nos outr'ora
A ter consciencia de nós mesmos, quando
Proferiste: = Conhece-te a ti proprio! =
PLATÃO! tu revelaste-nos a Ideia
Que recompõe na mente o Universo,
E a *Doutrina do Amor*, que desde a Gnose
Ao *Evangelho eterno*, inflamma as almas,
Inspira os Trovadores, dando heroismo
Aos Cavalleiros, e o ideal á Arte!
ARISTOTELES! sol, que desvendaste
A immutabilidade da materia,
Nas contingentes relações das cousas.
Na Renascença bella a que assistimos,
Por esse Amor descobre-se um Sêr novo,
A Humanidade! incognita até hoje
Entre os nimbos dos religiosos Mythos,
Providencia effectiva, é quem eleva
Os Pensamentos, sentimentos, actos,
Na fundação da Paz e da Verdade.

GIL:

A Virgem-Mãe, que hoje se exalta e adora,
Da Humanidade é o Symbolo eloquente.
O Extasis guiou-me á intelligencia
Do santo Amor! meu coração palpita,
N'essa emoção que um seculo inicia.

TITIVETILUS:

Não te afundes na subjectividade;
Dentro em pouco és um Mystico passivo
Em esteril contemplação! Cautella!

(*Mostra-lhe a Esphera de Petosiris, onde apparece a figura de HERESTA.*)

GIL:

Paris! Paris! o fóco da Sciencia,
A Montanha Latina mê reclama!
Mas quero, antes, beijar a mão mimosa
De Thereza, a Rainha divorciada.

TITIVETILUS:

Em Toledo, em Toledo se conservam
As Tradições do Egypto e da Chaldêa,
Que Arabes e Judeus ahi cultivam.
Lá a *Mesa de Salomão* se guarda,
Cujas abas e pés são guarnecidos
Por esmeraldas grandes, tantas, tantas,
Quantos os dias que se contam no anno!
Ahi, na Cova de Hercules é lido
E explicado o *Poemander*, que os segredos
Da Terra e Céu contém. Lê-se de Artephius
Toda a *Clavis majoris Sapientiae*;
De Geber, Averróes e Avicena
Toletanus Philosophus resume
As doutrinas mais puras, distinguindo
As chimeras dos Gnosticos da obra
Metallurgica e pratica de Ourives,

Pharmaceuticos, Medicos, e aquelles
Que a unidade buscam da Materia!
Se ambicionaes de subito um Thezouro,
Junto a Toledo em Guarrazar se occulta
Um em profunda cova, antes capella;
Lá dentro e a monte estão aureas Corôas
Régias, votivas, todas engastadas
De incomparaveis pedrarias! Cruzes,
Lampadarios, anneis, dices, collares,
Cintos . . .

THOMAZ SCOTTO:

Partamos já para Toledo.

GIL:

Quero ir beijar aquella mão mimosa . . .

TITIVETILUS:

Exerce o mesmo mysterioso influxo
Na alma humana o Amor e o Thezouro!
Présto, para a Cidade dos Concilios.

(Vem alvorecendo; sdem os tres do carcere, seguindo em viagem.)

PARTE II

—

A SCIENCIA





JORNADA TERCEIRA

AS COVAS DE TOLEDO

No Castello de Coimbra, ao fim da tarde D. Tareja Gil, mãe do nobre Escholar ausente e incerta do destino d'elle, conversa com D. Joanna Dias, sua sobrinha.

D. TAREJA GIL, *lacrimosa*:

Mata-me esta afflicção! Não sei por onde
Vaga meu filho, nem que sorte o arrasta.

D. JOANNA DIAS:

Talvez que elle partisse para a guerra,
Para Alcacer do Sal, que está sitiada
Por Cruzados Teutonicos. Quem sabe?
Não quiz dar-me o adeus da despedida.

*(Interrompe-se para escutar a toada da
Canção de um JOGREAL gallego, que
parou ao sopé do miradoiro.)*

JOGRAL GALLEGO:

Para a guerra parte o môço,
A' guerra do Mar-além;
Choram-no com alvoroço
A noiva, a irmã e a mãe.

Todo um anno a noiva o chora,
Dois annos a irmã tambem;
Do filho a ausência deplora
Sempre e sempre a pobre mãe.

D. TAREJA GIL:

Para a guerra não foi, não foi meu filho!
Eu o presinto e adivinho quasi;
A Sciencia o absorve, a Sciencia busca...

D. JOANNA DIAS, *a medo*:

A Sciencia, dizem, é um abysmo d'almas.
Seguiu para Paris, para as Escolas
Onde a *Magia negra* se professa
Em uns antros sem luz! em subterraneo
Pelas letras de fogo allumiado
Que nos livros sinistramente fulgem!
Lá, Satanaz secreto e invisivel
A insurreição mental nas lições préga.

JOGRAL, *continuando a Canção*:

Lá na guerra o moço cáe,
Novas bem tristes que vêm!
Como morrera seu pae,
Dos bravos a morte tem.

Passa um anno — a noiva accalma,
Dois annos á irmã . . . pois bem,
Toda a angustia immensa d'alma
Acompanha sempre a mãe.

D. TAREJA GIL, *anciada* :

Peór que morto, se elle está perdido!

D. JOANNA DIAS, *consolando-a* :

Gil não se perderá! Ante vós juro,
Que farei penitencia a vida inteira
Para livral-o da *Magia negra*.

D. TAREJA GIL :

Eu só tenho estas lagrimas que choro,
Que fazem mais pezado o lucto em que ando.

JOGRAL, *terminando a Canção* :

Traja lucto a noiva linda,
Lucto igual á irmã convem ;
Mas de uma amargura infinda
E' que se enlutara a mãe.

Trouxe lucto a noiva um anno,
Dois annos a irmã ; porém
Lucto desolado, insano,
Toda a vida o trouxe a mãe.

(As duas damas atiram alguns alfonsins
ao JOGRAL, que parte prelu-diando na
çanfonha, e recolhem-se contristadas.)

1.º Quadro — O THEZOURO DE GUARRAZAR

Em quanto descansam em uma encrusilhada, GIL DE VALADARES, THOMAZ SCOTTO e o ESCHOLAR POBRE palestram intimamente.

THOMAZ SCOTTO:

Quero ir fazer visita respeitosa
 Aos hespanhoes Doutores consumados,
 Que nas Escolas de Paris têm sempre
 Ostentado audaciosos pensamentos!
 A' phantasia poetica obedecem,
 Com o entono da sua raça unindo
 N'um todo a Metaphysica e a Rhetorica.
 Nas Entidades nominaes confiam,
 Fazem Paralogismos deslumbrantes,
 Como moinhos de vento rodopiando.
 Elles impellem á *Heterodoxia*;
 N'esta assombrosa Renascença, os diques
 A's doutrinas da *Anarchia* rompem.
 Estes Doutores são a minha gente!
 Quero ir conversar com Alvar Páez,
 Para ouvir-lhe alguns trechos do seu livro
De Planctu Ecclesiae, onde inseriu passagens
 De Cardeaes, que por dinheiro elegem
 Simoniacos Papas, que se arrogam
 Jurisdicção de Deus, os Reis depondo.

TITIVETILUS, para GIL:

Li em tua alma um pensamento occulto:
 — Depôr um Rei! — orgulho sobrehumano...

GIL, *desdenhoso* :

Só ascendendo-se ao Pontificado.

TITIVETILUS :

As ambições assaltam a alma ! Embora ;
O unico portuguez certo não eras
Coroado pela thiará ! Nem sómente
O Papa depõe Reis : Tambem o Povo,
A Nação toda, se o quizer, avoca
Na hora da Revolução tremenda
Soberania outr'ora delegada.

THOMAZ SCOTTO :

Já que em *Revolução* fallaste, agora
Que as Instituições vae atacando,
Eu com Pedro de Luna quero rir-me,
Esse Anti-Papa Benedicto Treze,
Que authentica ante o mundo a dissidencia
Que o Poder espirital dissolve.
E João de Monzon, o celebrado
Doutor parisiense, o adversario
D'esse Dogma da Conceição da Virgem ?
Nem me esquece o Geral dos Carmelitas
Guido de Perpignan, Dinis de Murcia,
Com o insigne Arnaldo Villa-Nova.

TITIVETILUS, *envaidecido* :

Todas essas primaciaes figuras,
Embora frades, bem me comprehendes,
Pelas Escolas de Paris passaram.

D'essa fornalha ardente é que trouxeram
 Todo o fermento revolucionario
 Da Negação!

GIL:

Por isso diz o Poeta
 Jacopone, da ordem minorita,
 A insurreição mental amaldiçoando
 Que em Paris nas Escolas se respira;

*Mal vedemo Parisi
 Che n'ha distrutto Assisi,
 Colla sua lettoria
 L'ha messo in mala via.*

Como esse ambiente de Paris me encanta!

THOMAZ SCOTTO:

Para a Universidade de Bolonha
 Se tu fôras, serias embalado
 Da *Monarchia universal* no sonho.
 Em Paris, és inebriado logo
 Pelos vapores da *Theocracia*:
Sacerdotium regale est! canta
 Innocencio Terceiro, parodiando
 A ideia de San Paulo — *Omnia Potestas*
A Deo. — Tens duas vias á escôlha.

TITIVETILUS, *estacando*:

Vêde além a Cidade dos Concilios!
 Estamos quasi ás portas de Toledo.
 Que palacios! Basilicas sumptuosas,

Monumentos esplendidos, dão-lhe a alma.
Das Tradições longévas e da Historia.
Eis dos *Banhos da Cava* a inclita Torre,
Junto á ponte de San Martin se eleva :
Alli a voz do povo conta a lenda
Do encontro do Rei godo Dom Rodrigo
Com a gentil Florinda.

THOMAZ SCOTTO:

A lenda é falsa!
Só reinou Dom Rodrigo quatro mezes,
Na rêde odiosa de traições escuras.
Vê se alcanças o sitio do Thezouro.

TITIVETILUS:

O Val de Guarrazar, longe descubro ;
E' lá, é lá, que o grão Thezouro existe.
Livres estamos de algum mão encontro
Dos foragidos bandos dos Golfines,
Que a Mancha e Estremadura assolam, pilham
Ao mando de Carchena, o atroz bandido.

GIL:

Vem de Toledo pela estrada adiante
Rôto Jogral tocando uma çanfonha ;
Que novas contará ?

TITIVETILUS:

Uma sirvente
Que anda na moda agora, motejando
O Rei de Portugal, Segundo Affonso.

*(Fazem parar o JOGRAL, e ordenam-lhe
que cante a sirvente.)*

JOGRAL LEONEZ:

Em o mez de Maio
Levanto-me e cáio.

Esse, que não cumpre
Patrio testamento,
Proprio juramento
Réfece quebranta ;
 Já se não levanta,
 Nem enverga o saio
 Da algarada em Maio.

Esse, que expolia
As Irmãs com ira,
Seus Castellos tira,
O ouro lhe faz conta ;
 E então não monta
 O cavallo baio
 Da algarada em Maio.

Esse, que se escapa
De ir contra a Mourisma ;
Que affronta um scisma
Sem temor do Papa,
Sob a negra capa
Dos ladrões deixae-o,
Pois não vem ao Maio.

GIL, *com ardor patriótico* :

Se essa Canção de Maldizer soltasses
Em Portugal, por certo bailarias
No ár, com laço em volta do pescoço.

JOGRAL LEONEZ, *safando-se* :

No reino de Leão pagam-me avondo ;
Foi por lá que aprendi esta cantiga.

TITIVETILUS, *para os dois companheiros,
que se riem vendo o JOGRAL fugir* :

Entremos em Toledo ! Eil-a, a cidade,
Inspira pela antiguidade assombro ;
Mas sem demora a Guadamar sigamos.
D'essa povoação concorre a gente
Do vall' de Guarrazar á fresca fonte!
Perto d'ella o Thesouro ignoto existe.

THOMAZ SCOTTO, *com pressa* :

Um thesouro perdido ! á cata vamos.

*(Caminham através da cidade, e passam
proximo da Capella do Santo Espi-
rito.)*

GIL, *estacando de repente*:

Sinto o rumor de vagas harmonias
De religiosa musica! Commovem-me
Os sons, o timbre d'esta voz dolente...
Parece que a conheço; d'onde parte?
D'onde vêm estes cantos?...

TITIVETILUS:

De bem perto;
Da Capella do Santo Espirito. Ouve.

Voz, em monodia:

«Oh alto, omnipotente, bom Senhor!
Os loôres som teus, a gloria, o honor;
Todas as bendições em ti confino,
E nulho ome de nomear-te é dino.

Loado seja Deus e meu Senhor,
Com tudo de quanto elle é Creador!
E ao nosso irmão Sol em especial,
Pois por elle nos dá luz divinal.

Radiante e bello, com grão esplendor
Traz significação de ti, Senhor!
Loado sejas pela Lua e Estrellas
Que nos céos são formadas claras, bellas.»

GIL:

Conheço a voz de Heresta! é o mesmo Cantico
No castello de Monte-mór entoado,
Na Capella da Virgem. N'alma eccôa
A resonancia que a paixão me acorda.

*(Escuta suspenso em enlêvo; os dois com-
panheiros sorriem-se.)*

Voz:

«Loado seja Deus e meu Senhor!
Loado seja pelos séres — a Auga,
Útil e humilde, e preciosa e cauta;

Pelo irmão Fogo, que allumia o mundo,
Robusto e forte, bello e jocundo;

Assim tambem pela mãe nossa — a Terra,
A qual a nós sustenta e nos governa,
Que produz fructo vario, a flor, a erva.»

TITIVETILUS, *interrompendo*:

Reconheço este *Cantico*, chamado
Das Creaturas; fel-o San Francisco,
E Antonio o Portuguez, que brilha em Padua,
Pól-o em verso por syllabas contadas,
Deu-lhe fórma poetica . . .

GIL, *impaciente*:

Escutemos!

Voz, dentro:

«Loado seja Deus e meu Senhor,
Por quem perdôa pelo seu amor;
Quem supporta tribulações e dor.
Ditosos os que soffrem conformados,
Que por tí, oh Senhor, serão coroados.

Loado seja Deus e meu Senhor,
Tambem por nossa morte corporal;
Nem escapa nenhum vivente ou al!
Ai do que em peccado fôr mortal.
Feliz quem a vontade santa val',
Pois da segunda morte não tem mal.»

CÓRO DE MULHERES:

«Loae e bemdizei a meu Senhor!
Bemdizei o Senhor e o graciade,
E servi-o com maxima humildade.»

GIL:

Ao ouvir estes versos
Na voz da multidão,
Eccoando na amplidão,
Meus sentidos submersos
Prostram-me de emoção.

Mas a voz pura e bella,
E a Canção entoada
Extactica por ella,
Lembram-me a Pastorella
De uma alma enamorada.

Na voz da multidão,
Não ha revelação,
Que não saiba exprimir-a
O cantar da Sibylla
De ideal modulação.

Em sua voz taes versos
Parecem-me perfumes
Pelas auras dispersos
De frondente magnolia:
Doloridos queixumes
De animada harpa eólia.

(Saindo do seu extasis, GIL DE VALADARES diz para os companheiros, ao entrar para a Capella do Santo Espirito):

Para Guadamar ide; vale a pena
Descobrir esse incognito Thesouro
No Vall' de Guarrazar; por mim prefiro
Vêr a que acorda o Extasi em minha alma
Sem lhe fallar de Amor . . .

THOMAZ SCOTTO, *vendo-o entrar para a
Capella:*

E' moço, e o sangue
 Referve-lhe nas véas, não admira.
 A feminina seducção irisa
 O sentimento e o pensamento, unindo-os
 No mesmo ideal. Se a Trovador aspira,
 Qual Sordelo de Mantua, premiado
 Dar-lhe-iam joias, cintos e alfaias,
 Por desvairadas côrtes e solares.
 Amando uma mulher, idealizando-a,
 Quanto mais alto, e mais inacessivel
 Ao seu desejo fôr, tanto mais bellas
 Suas Canções serão.

TITIVETILUS:

Deram em santas
 As mulheres agora: olha Machtilde,
 Catherina de Sena, mais Gertrudes,
 Margarida de Dúyn; são beguinias
 Quantas estão ahí dentro na Capella
 Flagellando alvas carnes delicadas.
 Pois que Gil corre atraz de um louco sonho,
 Ao Thesouro de Guarrazar sigâmos.

*(O Doutor e o Escholar pobre proseguem
 na jornada, dirigindo-se para a Fon-
 te do Valle de Guarrazar.)*

Na Capella do Santo Espirito estão a Rainha D. THEREZA e a Infanta D. SANCHA rodeadas de Fratricellas semi-núas que se flagellam.

GIL DE VALADARES, *reconhecendo Heresta*:

Tem no rosto a piedade da Madona,
Tem nos olhos um céu de azul saphira;
Tem na alma o ardor que não nos abandona
Na vida e morte, se ao ideal se aspira.

Tem de um Anjo, no mundo errante, o aspecto,
Quando canta uma etherea luz scintilla;
Tem na falla um oráculo secreto,
O mundo é antro escuro, ella a Sibylla.

Deixa que aspire em intimo delirio
Essa fragrancia de suave calma;
Só para ti — disse ella ao dar-me, lirio,
A Poesia, a flor virgem da sua alma.

(HERESTA *reconhece* GIL DE VALADARES;
a INFANTA D. SANCHA *aproxima-se.*)

D. SANCHA:

Vindes de Portugal, da amada terra?
Já de Alcacer do Sal findado é o cêrcro?
Dizei, do meu Mosteiro de Coimbra
Como as obras proseguem?

HERESTA :

Sé bem vindo.

Uma visão tive eu : em noite escura,
 No ermo onde o Mosteiro se edifica,
 Perigo horrivel te illaqueou! Debalde
 Quiz acudir-te . . . Semimorta acordo;
 A incerteza pungitiva dura.
 Ah, dize-me, ainda guardas o Espinho
 Da Corôa do Redemptor ?

GIL:

Reliquia

Que me acompanha sempre . . .

HERESTA :

Deixa vêl-a,

Beijal-a, e recordar seu pungimento ;
 D'essa divina Dôr sentir o goso.

*(Fere-se no seio com o Espinho; depois
 de um leve deliquio) :*

Não é esta a reliquia sacrosanta
 Que nos dá a consciencia do Martyrio;
 E' o Espinho da carne! Ao fogo o arroja,
 Pois que desejo accende, infrene e louco.

(Entrega-lhe o Espinho.)

Renuncia ao prazer, á paixão viva
 Que te arrasta. O amor amor inspira.
 Toma este Livro! lê-o; verás n'elle
 Que ha outro Amor vivificante e puro.
 De Boecio, martyr christão, é o livro
 Que *Da Consolação* intitulara.
 Na gram benedictina Bibliotheca
 De Fleury foi o Codice copiado.
 Só tu comprehendes a intenção do poema.

(GIL toma da mão de HERESTA o Livro da Consolação illuminado de miniaturas de côres vivissimas e letras historiadadas. Abre com interesse, e encontra uma folha solta, escripta pela mão da Rainha divorciada.)

GIL, lendo:

«CINGE-ME A FRONTE O PALIDO DIADEMA
 DA PAZ DA SEPULTURA E DO PERDÃO;
 INVULNERAVEL JAZ MEU CORAÇÃO,
 BEMDITA SEJAS TU, OH DOR SUPREMA!»

(HERESTA pende desfalecida sobre o hombro da Infanta sua irmã; GIL ampara-a, voltando logo a si. Elle continúa devaneando):

Bem dita sejas tu, oh Dor suprema!
 Porque de perto me fizeste vêl-a,
 Com todo o amor no spásimo sustêl-a,
 Astro cadente, em seu delirio bella.

Bem dita sejas tu, oh Dor suprema!
Quando, prostrada a impulsos da agonia,
Alma de Amor sedenta, revivia
Alvo lirio, ao bafêjo da Poesia.

Ninguem comprehende este fatal dilemma:
O Soffrimento nasce com o Amor.
Ah, se a paixão é uma intensa dor,
Bem vinda sejas tu, oh Dor suprema!

*(As Fratricellas rodêam a Rainha divor-
cizda, e começam as resas soturnas.)*

GIL, no seu devaneio:

Vi-te, pendida flor, no êsto da morte,
Submersa em incomportavel agonia!
Disse commigo: o orvalho da Poesia
Talvez tanta amargura ainda conforte.

São o Bello, o Ideal o unico escudo
Que a alma alevanta para o immenso Amor,
Amor que alenta e vivifica tudo,
Illusões, crenças, mocidade, ardor.

Em teu delirio espedaçaste a algema
De incomprehendida, de febril paixão;
Sanctificada em ingenua confissão,
Bem dita sejas tu, oh Dor suprema!

*(No meio das resas as Fratricellas co-
meçam a pratica da flagellação. Gil
sae da Capella do Santo Espirito con-
tristado.)*

A' porta da Capella, TITIVETILUS e THOMAZ SCOTTO, de regresso do Valle de Guarrazar.

TITIVETILUS:

A duas leguas de Toledo achámos
O Vall' de Guarrazar; lá estava a fonte,
Limpido manancial de fresca limpha.
Junto á fonte, de remotissima éra,
Ergue-se um templo consagrado á Virgem;
Está em ruinas hoje o sanctuario
Da Virgem de Subarce. Em escura crypta,
Sobre o solo encontrámos sepulturas
Feitas de lousa, e ahí, segundo o rito
Da primitiva Egreja, estão ossadas
Com inscripções romanas . . .

GIL, *impaciente*:

E o Thesouro?

TITIVETILUS:

N'essa crypta viveu um velho antiste
Ao furor da Mourisma alli occulto,
Do Thesouro dos Reis suévos guarda.
Dois cofres de argamassa dentro encerram
O immenso Thesouro.

THOMAZ SCOTTO:

Vi-o; pasmo!
As votivas Corôas deslumbrantes
São quatorze! Magnificas; formadas
De amplos áros só de ouro, em que se engastam

Os rubis, as saphiras e esmeraldas,
Com profusão que estontêa a vista!
Uma d'essas Corôas tem inscripto
O nome de Receswinto; é a mais bella,
Do rei suévo dadiva por certo.
Uma fileira triplice de pedras
Orientaes, de inestimavel preço,
A rodêam, e as perolas em cachos.
Quatro correntes aureas a suspendem,
De cinco anneis cad'uma, e filigrana
De ouro tudo, com flores quintifólias;
Terminando em esphera crystallina
Preza a um gancho tambem de ouro fulgente.

TITIVETILUS:

E a corôa do rei Swinthila? Uma outra
Tem o nome votivo de Sonnica:
E' por dois semicirculos formada;
Cincoenta e quatro pedras preciosas
Em tres fileiras circumdando-a toda...

THOMAZ SCOTTO:

E essa grande Cruz de ouro cravejada
De innumeraveis perolas, saphiras
De insólito tamanho! Pombas de ouro
Para guardar as ostias; Lampadarios,
Calyces e patenas! Encantou-me
O Annel, que ostenta a Virgem insculpida
Sobre enorme esmeralda, com o Archanjo
Que a Annuniação com arte representa!

GIL:

Deve esse Annel ser talisman potente.
Quem o possuirá!

TITIVETILUS:

E' d'isso que se trata.
Pensemos na partilha do Thesouro.

*(De dentro da Capella do Santo Espirito
sdem gritos lancinantes; GIL conhece
a voz de HERESTA, separa-se dos com-
panheiros, e entra para o Sanctuario.)*

As Fratricellas seguram D. THEREZA, a Rainha divorciada, em
um ataque de delirio attonito.

INFANTA D. SANCHÁ, para GIL:

Começaram-lhe ha pouco estes accessos,
Em que perde a rasão. Mais demorados
Se vão tornando, e mesmo mais frequentes:
Receio que enlouqueça! Soffre tanto.

GIL, beijando a mão de HERESTA:

Com seus olhos azues, mas rasos de agua,
Ella fitou-me, e já me não conhece...

*(As Fratricellas levam-a para o Paço da
Galiana.)*

GIL DE VALADARES divaga perdido pelas ruas de Toledo, parando casualmente junto das Covas de Heroules.

GIL, *devaneando*:

Triste, pensosa, abatida,
Aquella imagem querida,
Na Capella muda e fria
Radiante apparecia,
Offegante de cansasso,
A custo movendo o passo,
Como se fosse insegura
Caminho da sepultura.
Palidas faces magoadas
Denunciavam alvoradas
Já da bemaventurança!
Lenta para mim avança,
Em mim repousando a vista . . .
Mortalmente me contrista
O aspecto do soffrimento,
Pelo estranho esquecimento
Em que a alma está sepulta
Na angustia que em si occulta!

Seus olhos azues, mais claros,
Do que dois celestes pharos
Alumiando o espaço aberto,
Agora vistos de perto
Gelido nimbo os embaça;
E a doce expressão de graça
Da ideal formosura,
Confrange-se na amargura
Que a religião não consola;
As tranças lhe desenrola

Do cabelo de ouro em fio,
No descoberto hombro frio,
Pela convulsão que a agita!
Era a belleza infinita
Na palpitante esculptura
De uma attonita loucura!
Transparece-lhe no rosto
O insondavel desgosto
Que a lançou em tal estado ;
No ár suave, consternado,
De melancholia tanta,
Era a visão de uma Santa
Que do seu altar descera.

Fazer-me lembrar quizera,
A fé plena que em mim tinha,
Mas subito sobrevinha
Depois do mudo martyrio
Um attonito delirio,
Em que dilecera o manto,
Os olhos rasos de pranto,
Na voz queixas doloridas
Em soluços confundidas,
N'aquelle convulso aneio
Ferindo o alvissimo seio,
Olhando no vago, adiante . . .

Sahi então n'esse instante
Da presença da Sibylla,
Que o soffrimento aniquilla
E dá-lhe da vida o tedio!
Hade a Sciencia ter remedio
Para o espirito em ruina,
Quando a dor o hallucina ?

Pela intuição o adivinho;
 Vou fiado n'este caminho,
 Talvez com serenidade
 Cobre a consciencia e vontade?

TITIVETILUS, *apparecendo subito* :

Aos ais de tanta piedade,
 Os eccos respondem — *Hade*.

Não tens de que estar triste e irresoluto.
 N'esse *Livro da Consolação* podes
 Conhecer teu destino : abre ao acaso,
 Um verso apenas o provir desvenda.

GIL, *abre o Livro de BOECIO, e lê* :

«*De Sapienza l'appellavan Doctor.*»

TITIVETILUS :

Bem vês, serás Doctor em Medicina.
 N'estes mysterios da alma humana, a Sciencia
 E' que alguma luz lança, o mais são phrases.
 Podes salvar Heresta ! áquella mente
 Annuviada dar-lhe claridade,
 Restituindo a rasão. O amor é isto.
 Paris ! Chama-te o ruido das Escolas.
 A mim, lembra-me agora um velho hymno
 Que me leva a sorrir por entre dentes :

*Foemina serpentis
 est visus nos capientis . . .*

GNL, como desvairado:

Do mar profundo da vida
Safu enorme Serpente,
Um Desejo vehemente,
De tamanha intensidade,
Que me envolveu totalmente,
E nos mil aneis me enrosca
Da sua flexuosidade!
Prendeu a ambos os braços
Em que eu apertar queria
Uma fugitiva imagem;
Enleou-se-me nos passos
Com que apressado corria
Apoz a vaga miragem;
E fascinou-me a rasão,
Por uma estranha surpresa,
Que não vejo outro clarão
Além da sua belleza!
Por fim a lingua farpada
Infiltrou-me tal veneno
De volupia desvairada,
Que arde no sangue e o queima.
Este horror em que me encontro,
Esta irrefreada teima,
Bem sei, só pôde acabar
Quando ao revolto mar,
Em um mergulho violento
Que em tanta dor me conforte,
A Serpente me levar,
Que os seus aneis são a morte,
Esse mar o esquecimento.

No espaço estreito, por segura grade
Fechado, aonde bate o sol em cheio,
Observa sem receio,
A curiosidade
Somnolenta a indomita panthera!

Setineo pêlo da mosqueada féra
Refulge ao sol, que a sanha mais lhe incita ;
Com todos os instintos seus despertos,
Parece que dormita
Sonhando que divaga por desertos,
Ou escondida por escura furna
Na emboscada nocturna!

Subito, o avelludado pêlo eriça,
Emitindo phosphorecencias vivas ;
Ondulações nervosas, convulsivas,
Tem na espinha ; em espasmos se espreguiça ;
Faminta, impaciente
Farejando no ár, como que sente
Fartum de carne de não vista prêza ;
E então d'encontro á grade que a tem preza
Tetânica se lança.

Perto da jaula passa uma criança
Descuidada, sem que a panthera tema.
A féra, na surpresa,
Fixo o olhar, com que avidez o lança,
Seguindo-a, até perder-se na ála extrema
Entre a espessa ramagem do jardim!

*

Tal, se alteia uma féra dentro em mim,
Indomita, sedenta
Irrompendo de emaranhado brêjo!
Eu o sinto, eu o sinto,
Impetuoso Desejo
Do insubmisso instincto,
Mil volupias, e tudo que mais tenta,
Que mais excita a feminil chimera.

Ah, bem como a panthera
Na jaula contra as grades arremette,
Outra jaula me prende e mais submette,
E contra a qual por fim me despedaço
Em febris impaciencias;
Na sociedade que me tolhe o passo,
O gradeado espaço
São as conveniencias.

THOMAZ SCOTTO, *saindo d'entre as ruinas de um velho Templo pagão:*

Como vieste aqui ter? Aqui existe
Crypta immensa de um velho Templo em ruinas
De construcção romana, que ampla mede
Mais de cincoenta pés de léste a oéste.
Fortes muros de grossa cantaria
A fecham, e as abobadas lageadas
Sobre tres arcos firmes se sustentam.

E' aqui, n'esta mysteriosa quadra
Ignorada do vulgo, que as doutrinas
Da Goetica e da Magia negra
Com segurança plena se professam.

GIL, *com desespero* :

Entremos ! Quero ahi ser iniciado.

THOMAZ SCOTTO :

Comprehendeste o Livro de Boécio,
E a intenção com que t'ou deu Heresta :
O Amor que se limita á creatura
E' contingente, incerto, perturbado ;
Sómente brilha e eleva, quando exprime
Como Symbolo um universal sentido,
Que é na mulher — o *Eterno feminino*,
No homem — a aspiração da Alma infinita,
Que o conduz á *Sciencia* ! N'esse Livro
Da Consolação mostra claro Boécio
O Amor — Symbolo da Philosophia !
Nas angustias do Amor ergue-te á Sciencia.

GIL :

O problema de todo o meu destino.
Democrito, o philosopho sombrio,
Contemplava os sepulchros, corpos mortos
Dissecava com ancía ; um dia, ao vê-lo
Hippocrates n'um tal estudo absorto,
Perguntou : — Que problema é o que inquires ?
« Eu só procuro as causas da loucura ! »
Da Sciencia é este o maximo problema.

THOMAZ SCOTTO:

Nota que no *Timeu* Platão affirma,
Que a *séde da Rasão é na cabeça;*
A causa material ahí se indague
De que a loucura é natural effeito.

TITIVETILUS:

A Medicina, Gil, é que hade dar-te
A solução que buscas. E repara:
Erasístrato, o medico da côrte
De El-Rei Seleuco, arguto conhecia
A *paixão amorosa* mais occulta,
Pelo rubor da face, pelo pulso . . .

THOMAZ SCOTTO:

Duas Escolas medicas dominam
Actualmente no mundo: uma, que exhibe
Doutrinas sustentadas com entôno,
Por isso é dos *Dogmaticos* chamada;
A outra é dos *Empiricos*, que exige
A pratica, o saber da Anatomia.
A Galeno se deve o ter salvado
A Sciencia decahida! Eis o motivo
Porque impera Galeno nas Escolas,
Indo apoz elle mil compiladores,
Como Oribase e Sextus Leonide,
Aécio, Paulo o Egineta, e quantos!

GIL:

A' phalange empirista me associo,
Pelo espirito grego illuminado;
Democrito e Herophilo me guiem
A desvendar as causas da loucura.

TITIVETILUS:

Aqui nas Covas de Hercules entremos;
E' a hora da iniciação augusta.

*(Os tres companheiros, occultos pelas
sombas da noite, descem para as Co-
vas de Hercules, situadas na parte al-
ta de Toledo.)*

Ecco, *contradictando o distico de TITI-
VETILUS:*

*Foemina, Stella maris,
Sic Virgo Maria vocaris.*

2.º Quadro — A INSURREIÇÃO MENTAL

Na Cova de Hercules, sob o arco maior está a Meza de Salomão, e sentado á cabeceira um Ancião, tendo diante de si varios Livros e Papyrus, rôlos e instrumentos theurgicos; em roda individuos attentos, em cujos rostos se reflecte uma luz branca dando-lhes sinistramente aspectos cadavericos. Na penumbra da crypta destacam-se vultos de *ESCHOLARES ERRANTES*. Os trez companheiros ao descerem a rampa, estacam contemplando.

GIL DE VALADARES, *com surpresa*:

Toletanus Philosophus é o Mestre?

THOMAZ SCOTTO:

E' elle, assim chamado em todo o mundo;
Ninguem seu verdadeiro nome sabe,
Por ventura, é um titulo dos Sabios
Que se vão succedendo, e transmittindo
A Tradição theurgica vetusta.

GIL:

E' a *Meza de Salomão* que eu vejo?

TITIVETILUS, *intromettendo-se*:

Contempla-a bem! E' de ouro rebatido,
Recamada de pérolas, e em volta
De rubins e esmeraldas engastadas;
Topazios e saphiras a guarneecem,

Aljofares sem conta! Em letras gregas
Ou caractéres junonies se lêem
Disticos sentenciosos, bellos versos.
No palacio do ultimo Rei godó
A encontrou Tarik, e n'esta crypta
A escondeu á avidez de Muza
Quando sangrento devastou Toledo.

GIL:

Sobre essa Meza eu vejo grande Esphera ...

THOMAZ SCOTTO:

A *Esphera de Demócrito!* Contempla-a:
Ella nos prognostica a vida e a morte.
Nos trinta dias que o mez tem, em séries
Superior ou inferior, conforme
Cáe o número, assim se morre ou vive.

GIL:

E o Anel, que na mão mirrada brilha?

THOMAZ SCOTTO:

Esse é o Anel magico! figura
Na pedra preciosissima gravada
A *Serpente divina* Agathodémon,
Que morde a cauda, e dá Poder, Riqueza
A quem o Talisman unico traga.

GIL:

Os Livros que folhêa ?

THOMAZ SCOTTO:

Elle medita
 No Dialogo em verso do *Poemander*,
 Que da Alma humana e Divindade trata.
 Esse volume grosso é o *Panacrétos*,
 Que a Moysés se attribue; mas fabricado
 Pelos Marcosianos ha dez seculos.
 Junto é o rôlo hieratico de *Monas*,
 O outavo de Moysés, do *Santo Nome*.
 Ha Fórmulas ahí dentro, que revolvem
 A consciencia e a sociedade abalam.

GIL:

E quem são esses vultos, que se agrupam
 Junto á Meza de Salomão, attentos
 A' palavra do prestigioso Mestre ?

TITIVETILUS, *apartando-se*:

Eu os conheço; e amigo sou de todos:
 Lá está Miguel Scot, o hebraisante,
 Latinista, arabista, — averroísta,
 Chamado Nicoláo Peripatético
 Pela audacia com que sophisma tudo.
 Mestre João de Brescain é junto d'elle,
 Esse tal que sustenta com denodo
 Que a Luz pertence não á Qualidade,
 Mas á categoria da Substancia,
 Tendo por Propriedade o Infinito.
 Tu entendes este ôcco verbalismo ?

THOMAZ SCOTTO, *admirado*:

A Guilherme de Saint Amour encontro
Aqui na Cova de Hercules! Comprehando
Por que elle ao Monachismo é tão contrario.

TITIVETILUS:

Vês toda essa floresta de cabeças?
Escholares errantes são. A este antro
Das Universidades mais remotas
Solícitos a inscrever-se vieram
De *Irmãos do Livre Espirito* na pauta.
Sectarios Albigenses e Leontistas
Uns são; outros, Valdenses e Catháros;
Spirituaes de Narbonne e da Calábria,
Johanitas, Joachimitas em revolta
Contra Symbolos mortos e vãos Dogmas.

GIL:

O momento da iniciação me abala;
Mas tenho ancia de ser iniciado.

THOMAZ SCOTTO:

Toletanus Philosophus me acena,
Para a Meza de Salomão nos chama.

(Os tres approximam-se da Meza, e TITIVETILUS entrega ao PHILOSOPHO a cédula com o nome de EGIDIO para ficar inscripto no Livro da Irmandade.)

THOMAZ SCOTTO, *para o Philosopho*:

Eu sou Padrinho do Recipiendario;
Responderei por elle ás mil Perguntas
Mais capciosas das *Impossibilia*.

TOLETANUS PHILOSOPHUS:

Por Patrono excellente és conhecido.
Nomeio os trez Doutores, que me cercam,
Para ao moço Escholar lhe desbastarem
As rudezas da Vida sensitiva,
E assim liberto da animalidade,
Pelo *Segundo nascimento* exista.
Tomae a pedra, Gil de Valadares.

(GIL, tomada a vénia do Mestre, assen-
ta-se na pedra, que serve de escabelo
aos recipiendarios.)

MIGUEL SCOT, *como 1.º Raboteur*:

O que pretendes?

GIL:

Ser iniciado
Na prova do *Segundo nascimento*.

MIGUEL SCOT:

O transe mysterioso revelado
A ti vae ser em lugubre momento.

Essa misera carne que te veste,
 Ossos e sangue, é tudo triturado
 Em grande almofariz!
 No organico fermento
 Do despójo que reste,
 Novo Sêr se origina mais feliz!
 Do execrando destrôço,
 Se fosses velho surgiras moço;
 E moço inexperiente
 Das leis do universo as mais subtis
 Resurgirás sapiente.

GIL:

Não receio tal prova.

MIGUEL SCOT:

Bem o julgo.
 Pois d'essa carne macerada, informe,
 O *Escholar das Nuvens* se alevanta,
 E com rumor sinistro aério espanta
 O humilde, rudo vulgo,
 Que o vê passar indomito e enorme.

(Lança as mãos a GIL DE VALADARES, simulando que vae submettel-o á Prova.)

THOMAZ SCOTTO, como padrinho:

E' o *Segundo nascimento* o estado
 A que chega sómente o homem perfeito:
 Um gráo incomparavel, sublimado
 Do espirito eleito.

Que a multidão ignára
Acredite no Symbolo boçal
Do Caldeirão ou da Agua lustral.
Alta noção á mente se depara :
E' a — *Vida moral.*

Tem trez Vidas o cycló da existencia :
A organica, ou melhor *vegetativa*,
Phase de inconsciencia ;
E n'esta se prepara
Toda a efflorescencia
Para a vida animal ou *sensitiva*.

Manifestação rara,
Vida especulativa ou racional,
Á ella chegam Sabios e Doutores,
Quando estudam as leis da Natureza ;
Mas a norma ideal
Que leva a distinguir o Bem e o Mal,
Poucos alcançam essa visão clara
De nitidos alvores,
Santidade e pureza,
Que é a — *Vida moral.*

Comprehendendo o sentido
D'este sublime estado,
Os Sabios indianos
Chamaram *Dvidja*, o duplamente nado,
Quem da vida animal se ha desprendido,
E dos sensuaes enganós.

Vencer do bruto instinto a paixão forte,
 Falsas miragens, mythicas chimeras,
 E a guerreira gloria,
Noção moral foi norte
 Que trouxe o homem nas sombrias éras
 A' activa marcha ascencional da Historia.

Dos évos na penumbra,
 A noção do Dever e da *Justiça*,
 O sentimento e impulso da Egualdade
 Nos animos vislumbra,
 Dando a Concordia, altruismo e a Piedade.
 E assim na sociedade
 Os Costumes, n'um tacito consenso,
 Criam o imperio da Consciencia immenso.

Bruta animalidade se corrija
 Na Civilisação que alfim domina:
 Novo sêr origina
 Como em *Segundo nascimento* — o *Dvidja*.

GIL:

Este *Segundo nascimento* aneio;
 Nenhuma dura prova
 Por ignota receio.

MESTRE JOÃO BRESCAIN, 2.º *Raboteur*:

Já que aspiras a esta *Vita Nova*,
 Forçoso é despojar-te
 Dos erros, preconceitos e absurdos,
 Crenças, superstições, Symbolos mortos,
 Allegorias, cerimoniaes, cultos,
 Dogmas, paralogismos das Escolas!
 No Arbitrio livre e livre na Consciencia.

A Cruz, que se ergue no coruto altivo
Das Cathedraes é Symbolo obsoleto,
Sem realidade no allusivo facto.
Era santo o sentido primitivo
De que a Cruz foi emblema: era formada
Pelos dois páos, o *Aranî* e *Tvástri*,
Um a Virgem, o outro o Carpinteiro,
Com que nos láres védicos primévos
Pela fricção se produzia o Fogo.
A chamma, Agni, cordeiro immaculado,
Na terra a incarnação da Luz celeste,
Redemiu do terror das trévas o homem
Trazendo-o acima da animalidade!
Sacerdotal estupidez sombria
Fez do Symbolo santo da Familia
O cêpo do supplicio e de ignominia,
Com que exprime da vida o desalento
Por uma fôrma material e bronca.
A Cruz, que ao vulgo rude representa
Sobre o Calvario a scena do Evangelho,
Sobre uma peânha triangular infixa
E' o *Phalus* e *Lingam* conjugados
Na união generativa e santa,
Quando o homem idealizou as forças
Da Creação, no ésto que dá vida.
Dize-me, d'este Symbolo, qual achas
Mais verdadeiro o intuito e o sentido?

THOMAZ SCOTTO, como padrinho, e re-
spondendo pelo recipiendario:

Essas fôrmas da Cruz são coincidência
Fortuitas de outras, que coadjuvaram
Ao seu prestigio e absoluto imperio
Na multidão dos crédulos ingente.

A Cruz é o traço que uma conta annulla,
 Saldando qualquer divida apontada ;
 A sentença deroga, o nome risca,
 Uma pagina tranca, e apaga o Dogma!
 Deu-lhe fórma uma letra grega, quando
 A *Loucura da Cruz* prégava Paulo,
 Rompendo com as crenças do passado,
 Com as Leis, com os Codigos, e normas
 Da Sociedade antiga, que opprimia
 O advento da alma humana á *Vida nova*.
 Esta a libertação que Gil pretende
 Pela revolta que uma Cruz expressa.

A *Loucura da Cruz*, destituindo
 Do Mundo antigo todas as Doutrinas,
 Quebrou a Tradição, que orienta e guia
 Pela continuidade do Passado!
 Querendo construir um Templo — aberto
 A' confraternidade humana, apenas
 Formou Symbolos materiaes, grosseiros ;
 E a Synthese de Luz, a que aspirava
 De Paz e de Verdade e de Justiça,
 Foram Dogmas absurdos, que envolveram
 A intelligencia nas medonhas sombras
 Da mediévica Noite de mil annos.
 Em vez do *Amor* prevaleceu o *Verbo*
 Nos sophismas theologicos, por onde
 O Sacerdocio impéra nas consciencias,
 Mantendo a ferro e fogo a Orthodoxia!

GUILHERME DE SAINT-AMOUR, 3.º *Raboteur* :

Como tornar a reunir as almas
 Na Synthese que agora se renova ?
 Hade ser pelo *Amor*, ou pela *Sciencia* ?

THOMAZ SCOTTO:

Cedo a Gil a palavra; *Amor* o trouxe,
 Subindo a escada mystica emotiva,
 Desde a psychose, que o Desejo inflamma,
 A' aspiração ideal, que a *Sciência* alenta.
 N'este assumpto compete-lhe a palavra.

GIL DE VALADARES:

Através da escuridão da noite,
 Distante, além sobre alta Torre, brilha
 Um fulgurante facho,
 Que instantaneo se accende!

Rebramindo, como um violento açoite,
 O mar quebra-se contra a rocha em baixo;
 Alva, no areal se estende
 A vaga, que se humilha.

A solidão é tétrica, profunda!
 No segredo e mudez d'aquella hora,
 A chamma, a luz jocunda,
 Attrae, encantadora,
 Quem, sobre a onda indomita, iracunda,
 Busca a imagem que tanto o enamora.

Para chegar ao pé da esguia torre,
 Aonde a virginal Sacerdotisa
 Dos mysterios de Astarte se socorre,
 Esperando indecisa,
 Cabellos soltos á travessa brisa,
 Nada um peito impaciente
 Através da celérrima corrente!

Relgiaoos terrores, as borrascas
Do mar revolto, a escuridão medonha,
Tudo se extingue ao brilho
Do facho fulgurante,
Que adormenta da agonia as vascas!
Aponando do Paraiso o trilho,
Dando realidade ao que se sonha,
A visão do amante,
Essa luz repentina,
Que é, senão a Psychose que fascina?

E' essa luz — o Amor! mago lampejo
Do latente Desejo,
Que arrebatá e hallucina,
Resonancia de célica harmonia!
E' essa luz divina .
O — Amor, que nos venda
Da existencia a dolorosa senda,
E a Humanidade guia.

Quantas vezes o nevoeiro espesso,
Fria rajada apagam e occultam
O luminoso pharo:
E o baixel de illusões de immenso preço
Afundam e sepultam
No mar sombrio, tormentoso e amaro!

O Povo e a Tradição
Sentiram com verdade,
Essa fatalidade
Que fez sempre o Amor da Morte irmão.

Sobre o areal da praia,
Quando o alvor crepuscular desmaia,
Dois corpos mortos viram-se 'hi unidos!
Em seu lethal noivado
Eram Leandro e Hero.

O mar tinha arrojado,
Sanguisedento, fero,
N'uma incessante briga,
A' praia o namorado
Exhausto de fadiga,
Quando elle vinha a nado
Lá da margem de Abydos!

Muda, sem alaridos,
Quando a Virgem de Séstos
Viu do amante os restos,
O misero despojo,
Vencido em seu arrojo,
Que á praia o mar atira,
Jazendo inanimado;
Na angustia delira,
E apagando o facho,
Do altissimo eirado
Precipitou-se abaixo!

Sentiram com verdade
O Povo e a Tradição
Essa fatalidade
Que fez sempre o Amor da Morte irmão.

Os que desejam a Comensuração
 D'aquele eterno desejo
 Em eterno desejo,
 De insufficiente existência,
 Sentiram-se levados à Piedade.

Uma o Desejo as almas que delirava
 Por um sombrio gozo:
 Mas, somente a Piedade
 Consoa os que sentiram
 O trazo doloroso
 Da crua realidade.

A Piedade é um segundo Amor,
 Como o que a mãe sente pelo filho:
 E' Columna de Fogo, outro fulgor
 Que guia ás multidões o passo incerto
 Na romagem da vida,
 Pelo apagado trilho
 Através do deserto
 A' Terra prometida.

Dos sensuaes Desejos se redime,
 E de todas as dores,
 O que tocar nos labios
 Com o Santo Graal!
 E' assim para os Sabios
 O Symbolo, que exprime
 Nos diversos amores,
 O Amor ideal! .

Vê na Mulher o — *Eterno feminino*,
Na *Mater dolorosa* a Humanidade,
 Que vem de idade em idade
 Cumprindo o alto destino,
De transmitir-nos os conhecimentos
Adquiridos pelos soffrimentos.

E' este Amor ideal, que se revela
Pela paixão do Bello e da Verdade,
 Justiça e Liberdade,
No coração que com seu sangue o sêla!

N'este sublime estado da Consciencia,
 O Amor e a Sciencia:
 Na mesma alma se allia!
Socrates definiu essa harmonia
Que nos dá do universo a visão plena:
 E' a PHILOSOPHIA!
 E' ella, que serena
Estabelece o accôrdo da Vontade
Para a acção final da Humanidade.

TOLETANUS PHILOSOPHUS:

E' o Amor, que hade unificar as almas
No mesmo intento — a construcção grandiosa
Do Templo universal, sobre as columnas
 Da *Paz* e da *Verdade*.

As Jurandas, associações obreiras
Do Trabalho pacifico, util, digno,
São o protesto contra a bruta força
 Destructiva das Armas.

Hoje as Universidades, vivos fócios
Onde as Nações se reúnem para a pósse
Da Sciencia, são fulgurantes pharos
Conduzindo á Verdade.

Estes dois elementos cumpre unil-os
— A Pratica e Doutrina ; o Amor é que hade
Elevar a emoção pessoal egoista
Ao social destino.

O Sentimento e a Rasão se egualam
Na unanimidade e sympathia ;
E pela convicção, pela concordia
Se alliem na Vontade.

*

Quem vem á Cova de Hercules procura
O segredo saber da Chrysopêa,
Arte de fazer Ouro, que os Egepcios
Transmittiram na hermetica Sciencia.
Se aqui te trouxe o intento de saberes
Os processos da Alchimia, eu t'os revelo :
A fonte inexaurivel de Riquezas,
O agente que transmuta tudo em Ouro,
E' o Trabalho livre, fecundado
Pelo concurso racional da Industria.
O Ouro, só por si, esterilisa,
Corrompe os caracteres, amesquinha
A acção, tornada interesseira, egoista ;
Vê no Judeu o temeroso effeito :

Porque é que a Harpa de Israel, agora
Já não tem o poder que d'antes tinha?
Já não exprime em vibração sonora
A voz de Jehovah, que do alto vinha.

Não mais subjuga os despotas da terra,
Nem diffunde os consolos verdadeiros,
Quando o poder de um Cantico de guerra
Escravas tribus tira aos cativeiros?

Da humana concordia não mais falla,
Não proclama dos povos a alliança!
Do Pae universal Adonai cala
A doce, a messiânica esperança.

Porque é que o Judeu anda foragido,
Ludibriado, odiado pelas gentes?
Os sons d'essa Harpa tem-nos substituido . . .
E em vez dos Psalmos de David crentes;

De Salomão os cálidos amores
Da Sulamite em exaltados Cantos;
Do Propheta Isaias os terrores,
Sobre os rios de Babylonia os prantos;

Trocou o som mavioso, o tom sublime
Por maravedís de ouro! Vil metal
Que em moeda corrente tanto o opprime;
Tal talisman não dá força moral.

O stigma lhe imprimiu da indignidade,
 A lepra do Ouro em sordidez converte;
 Como outr'ora, na patriarchal idade,
 Não pôde a Harpa de Israel erguer-te.

Ah, ficou muda desde aquelle dia,
 A Harpa de Israel os sons perdeu,
 Quando na alma egoista do Judeu
 Não mais pulsou divina Poesia.

A Materia transforma-a a Acção do homem;
 E' tambem Creador, dá-lhe valia,
 E assim apodera-se das forças
 Fataes da Natureza. E' um triumpho
 O Trabalho — o imperio da Vontade.

Como o Trabalho fôra amaldiçoado
 Na tradição theologica do Génesis,
 Tambem a Sciencia era o vedado Pômo
 Que a insurreição mental em si continha!
Eritis sicut Di! este o lemma
 Da origem satanica da Sciencia.
 Inda o terror envolve o homem que estuda
 Com espantosas lendas, que amedrontam,
 Lançando a intelligencia na apathia!
 Se a Sciencia libertadora busca
 N'uma iniciação mysteriosa,
 Erraste a via: as Revelações todas
 São fátuos sonhos do theosophismo,
 Concepções subjectivas inconscientes
 Reductiveis a mythica poesia,
 Ou a ficções e embustes prestigiosos.

E' a Sciencia uma aquisição lenta,
 Esperimentalmente accumulada,
 Dependente da successão dos tempos,
 Que não avançam por pessoas designios.
 Chegámos ao momento, em que a Verdade
 Se impõe ás Consciencias que se insurgem
 Na Negação, de encontro ao Pedantismo
 E ao Empirismo estúpido, obcecado;
 A insurreição mental é necessaria
 Para uma nova Synthese construir-se.
 O que é a Sciencia?

E' o Conhecimento

Completo nos seus duplices factores:
 O *Phenomeno* em si, verificavel,
 E as *Relações* em que se manifesta.

E' o Saber actual vão, desconnexo!
 Uns adoptam os dados objectivos,
 Materiaes, concretos, isolados,
 Como o que vendo as arvores, não fórma
 Ideia da floresta. Outros exploram
 As relações, fóra da realidade,
 Como as Allegorias, Symbolismos
 Da Cabala, da Gnose e Theologia,
 Dos mysticos sentidos das palavras,
 Nas ôccas Entidades das Escolas,
 Da Subjectividade doentia!
 E' esta a Sciencia que absoluta impera:
 Abstrahiu dos *Phenomenos*; e o mundo
 Construe pela Dialectica, á maneira
 Do que Deus fez por uma só palavra!
 Toda esta Sciencia se desfaz de um sópro,
 Por futil verbalismo inane e falso.
 Qualquer dos dois aspectos isolados

Ao absurdo conduz. Esta a anarchia
Do pensamento humano em nossa idade,
Esta a crise que o seculo inaugura.
Quando virão juntar-se os dois aspectos
Da noção plena que renova a Sciencia?
Eis a base da Synthese moderna.
Não é obra de um cerebro; depende
Do concurso de seculos, reunindo
Dados phenomenaes, relacionando-os
Para alcançar a Lei em vez da Causa.
Mas os que vieram longe d'esse dia,
Por duas vezes nados, realizem
Em si da Sciencia essa harmonia plena,
Como unica libertação possivel.

Vou entregar-te a Senha, que associa
Pensadores e Obreiros, na confiança
E protecção fraterna em toda a parte.
Cumpre fazeres n'este mesmo instante
O Elogio de Aristoteles, o Mestre
Dos Mestres todos! A' Rasão humana
Deu apoio, encontrando no universo
No cahos dos phenomenos — a ordem
Na immutabilidade de Leis certas.

GIL DE VALADARES, *com voz timbrada*:

Perguntou a Aristoteles um dia
Alexandre, immortal Conquistador:

— Porque é que eu posso ao mundo leis impôr,
Com improba ousadia;

Avassallar os Povos do Oriente;
E da gloria, no hallucinante brilho,
Até dar-me de Jupiter por filho?

Mas sinto-me impotente

(E confesso sincero,

Todo o opprobrio que o meu orgulho opprime):
Não produz meu influxo um novo Homero!
Nem, como Eschylo, um tragico sublime;
Um Lyrico, que a Pindaro se eguale;
Quem no tom demosthénico hoje falle?

Responde ao que pergunto, com clareza;

Pois tudo sabes, dil-o! —

Devolveu-lhe o Philosopho tranquillo,
Com a reconhecida profundeza:

•O dominio das Concepções mentaes
Acima está de todos os Poderes

Que se exercem na terra!

A Auctoridade aberra

Exercendo-se sobre humanos sêres,
Se não servir impulsos ideaes.

A moral energia

Faz que as livres Instituições sociaes,
Dando ao homem seu maximo relêvo
Da intelligencia e solidariedade,
Criem na multidão a Sympathia,
De altas aspirações o vago enlêvo,
Anciando a Voz, que exprimil-as hade!
Esse o Poder que um seculo fecunda;
Creadora seiva, forte e saudavel,
De enthusiasmo e inspiração inunda
O Genio sobrehumano, incomparavel!

Poder que visa só a obediência,
 Produz a abjecta servidão das almas;
 Dos Déspotas serão estas as palmas!
 Irrisoria, mesquinha Omnipotencia.»

(Os *ESCHOLARES ERRANTES* *applaudem com
 enthusiasmo o Elogio de Aristoteles.*)

TOLETANUS PHILOSOPHUS :

O Poder espiritual soubeste
 Appresentar independente e grande;
 E's digno de te ser confiada a Senha
 Que em Universidades e Jurandas
 Te dá entrada franca, apoio e força.

(*A meia voz a GIL, que se aproxima*):

O emblema do Obreiro é o *Esquadro*
 Por onde talha as pedras
 E as madeiras córta,
 Fazendo a Construcção;
 Assim a phrase ou Fórmula secreta
 De — *Lapidibus quadris*,
 Nas Ghilds e Irmandades
 Faz a moral união.

As Sciencias pela *Quaternidade*
 Na Universidade,
 Vão refazendo o homem
 Pela obra da Instrucção;

E erguendo o Templo da Humanidade
Com — *Lapidibus vivis*,
Para a normal idade
Da moral perfeição.

(GIL volta a assentar-se na pedra em que
estivera.)

TITIVETILUS, para GIL:

Segue-se a cerimonia dos abraços
No Recipiendario; esta é a praxe
Ao entrar para *Irmão do Livre Espirito*.

(Os ESCHOLARES ERRANTES, *Leontistas*, *Espirituæes da Calabria*, *Gnosticos*, *Johanitas*, vem successivamente abraçar-o; GIL vê approximar-se THOMAZ SCOTTO, mettendo-lhe um Annel no dedo.)

THOMAZ SCOTTO:

Como Padrinho, aqui o Annel te entrego,
O Annel de esmeralda, que eu achára
No Thezouro de Guarrazar.

GIL DE VALADARES, mirando-o:

Que bello!
A figura da Virgem é perfeita;
Tem a Serpente sob os pés, triumphante.

TITIVETILUS, *desconfiado*:

E' talisman o Annel, pelo que vejo;
Algun poder occulto ahi se encerra!

THOMAZ SCOTTO, *vendo-lhe o Annel no
dedo*:

O sentido do Symbolo te explico:
Representa o *Annel de Agathodémon*
Formado pela mystica Serpente,
En to pan — o Poder e a Riqueza.
A seus pés a Serpente tem Maria,
A irmã de Moysés, chêa de graça,
Porque a Verdade foi-lhe revelada;
E' doutrina corrente entre Alchimistas.
De Maria os theologos fizeram
A Virgem Mãe, por quem ao mundo viera
A Redempção. Da *Mater dolorosa*,
Nós philosophos nos servimos hoje
Como expressão ideal da Humanidade.

ESCHOLARES ERRANTES, *interrompendo
com turbulencia*:

Gil! tu virás findar comnosco a noite
Na Symposia da Cova de San Gines,
Iniciação da Confraternidade!
A Eschola epicurista italiana,
Da Abbadia de Farfa os livres ritos,
Nós os deixamos a perder de vista.

(*Vão sahindo tumultuosamente; GIL es-
capa-se-lhes no meio da confusão.*)

Canção dos Escolares errantes

O mundo vive de ficções e pêtas,
Como esta do peccado original;
Acreditamos mais em Juvenal,
Que nos Prophetas.

Quanto a prazeres nós não sômos parcos,
Nada ha melhor que o amoroso idylio;
Jurâmos em Horacio e em Virgilio
Mais que em San Paulo ou Marcos.

E' Virgilio, Virgilio um puro encanto
De suave e ideal melancholia;
Vem consolar as almas no quebranto
Da claustral apathia.

Virgilio! és santo que no altar se adore,
Inspirando a humana condolencia,
E és entre as amarguras da existencia
Tu duca, tu maestro, e tu signore.





JORNADA QUARTA

NA MONTANHA LATINA

GIL DE VALADARES contemplando a vista panoramica de Paris
com enlêvo; como que se exteriorisam os seus pensa-
mentos.

Olha Paris! pois tanto amor lhe queres,
Paris, por quem teu coração lateja!
E' aqui que residem
Esses quatro fundamentaes Poderes :
A *Realeza*, a *Egreja*,
A *Justiça*, o *Ensino*,
Que da harmonia social decidem,
E do humano destino.

Eil-a, a Cidade eleita,
Paris! repara: uma ilha independente,
Com as margens do Sena
A esquerda e a direita
Ligam-a duas Pontes :
N'esse fechado ambiente
Onde é a Ponte pequena,
Abrem-se estranhos, largos horisontes!

Da esquerda margem sobe-se á collina
Da Abbadia de Santa Genoveva :
 Em seus flancos se eleva
Das Escolas a intrépida phalange
 Na Montanha latina
 Que os Estudos abrange.

Alli tens o Jardim real patente,
 Onde alegre passeia
 A escolaresca gente,
Nos suetos dados ao labor da ideia.
 Eis, além Notre Dâme,
 Sublime erecta em frente
Do Palacio do Rei e das Justiças,
 Por um rapido exame
 Nota-se de repente
Quinze Igrejas, que em volta estão submissas.

E a grande Ponte! Essa conduz á margem
Onde é o Quarteirão dos Mercadores
 Lombardos, estrangeiros.
 E vê-se, mais além
 Em esplendida vargem
 Matizada de flores,
Erguidos dois magnificos Mosteiros
 Saint Gervais, Saint Germain.

(GIL *divaga perdido dirigindo-se d Pon-
te pequena.*)

1.º Quadro — OH MATER ALMA

No Bairro dos Estudantes em Paris, no Petit Pont, que dá passagem de Notre Dâme para Santa Genoveva. Ouve-se grande matinada de sinos.

TITIVETILUS, *encontrando* GIL:

Sempre vim encontrar-te onde julgava!
Em Paris é que eu sinto-me á vontade
Entre gente escolastica! Fugiste
A' Tuna dos Errantes Escolares,
Que iam pôr termo alegremente ás férias
Na Abbadia de Farfa. Mal suspeitas
Quanto perdeste em não andar na tuna!

GIL DE VALADARES:

A Abbadia de Farfa? Não conheço
O que é isso em que fallam com galhofa.

TITIVETILUS:

E' um Convento rico, farto e cheio,
Onde o Abbade mitrado, nobre e joven,
Roubando o anel e o báculo, casara,
Casando tambem a Commuidade.
E n'este novo rapto das Sabinas,
Roubaram paramentos e alfaias,
Vasos sagrados, pyxides, fugindo
Para o retiro placido dos montes,
Vivendo á solta, ao gosto de bandidos.
Aos domingos regressam ao Mosteiro,

Cantam missas sacrilegas, e prégam
 Parenesis eróticas, por thema
 O *Crescite* do Genesis tomando.
 Tocam sinos com alegria doida...

GIL, ouvindo ruidosos toques de sinos:

Mas, que inferneira é esta, que não ouço
 O que estás a dizer? Que sinalhada!
 Será revolta cá na arraia-miuda
 Da insigne Lutecia?

TITIVETILUS:

Bem revelas
 Que por cá nunca andaste, pois ignoras
 O conflicto dos Frades Minoritas
 Com os Conegos bons de Notre Dâme.

GIL:

Que relação têm estas badaladas
 Com as iras de suas Reverencias?

TITIVETILUS:

Luctas de campanarios! Eu te conto:
 Os Conegos de Notre Dâme querem
 Que antes dos outros todos, os seus sinos
 Os Officios divinos annunciem.
 Mas, logo os Franciscanos mais astutos
 Vão para o côro na ante madrugada;
 Primeiro que ninguem tocam matinas,
 Blasonando da sua primasia!

Não se conformam com o menoscabo
Dos Conegos as suas dignidades,
E apoz allegações longas, recorrem
Para o Papa. . . A sentença está pendente,
A cada instante toda a gente a espera.

GIL:

Como isso me faz rir! e tal se passa
N'este cadinho de Paris, que funde
Paradoxos, ideias, constituindo
Livres expressões do Pensamento hodierno!

*(Grupo de Estudantes, que passam entre
risadas, e parando perto de GIL.)*

CONRAD L'ALLEMAND:

O conflicto dos Conegos com os Frades
Está desesperado; como dura!

YVES NORMAND:

Repara! Aquillo é dobre de Finados.

GILBERT BRETON:

Não sabias do caso? E' hoje o dia
Do desterro do misero Leproso
Que na rua Galand mora; é de usança
Que uma missa dos mortos se lhe diga.

Dirigindo-se a GIL DE VALADARES:

Nunca assististe á triste cerimonia,
Sempre impressionante?

GIL DE VALADARES:

Em minha terra,
Em Portugal tratam-se os Lazarados
Com mais piedade; ha muitas Gafarias
Por plebeus e por nobres sustentadas,
Onde os acolhem por misericordia.

YVES NORMAND:

Lá vem a multidão dobrando a rua
Galand para a de Santa Genoveva;
Frades psalmeam o Miserere; adiante
Uma matraca retroando a espaços.

CONRAD L'ALLEMAND:

Vem a turba o Leproso acompanhando,
Que o Preboste conduz a ouvir missa
De Defunctos, ahi perto em Notre Dâme.

TITIVETILUS *para* GIL:

Tudo isto é novo para ti! Não queres
Assistir ao cerimonial tremendo?

(A multidão aproxima-se e quasi os envolve.)

GIL, *com surpresa*:

E que gentil rapaz elle é! caminha
Cabisbaixo e na frente do Preboste.
E' pois esse o Leproso?

YVES NORMAND:

E', com certeza
O da rua Galand. Em Notre Dâme
E' que se faz o acto de exterminio.
Vamos vêr.

TITIVETILUS:

Eu já vou abrir caminho.

*(Os Escholares acotovelam a multidão e
passam adiante, para entrarem na
Egreja.)*

Debaixo da nave de Notre-Dame, quatro Mózinhos estendem no chão um panno preto, e aos cantos collocam quatro grandes tocheiros que accendem.

GILBERT BRETON, para Gil, enquanto não entra a multidão:

Tem estatuto a gente estudantesca.
 Na Montanha Latina está fundada
 A Republica activa das Escolas;
 São estas por Nações confederadas,
 Sendo o seu presidente o Cancellario.
 Ha cá potencias de primeira ordem,
 Que entre si soberanamente elegem
 Por chefes dois Reitores — Duumvirato
 Dos Logistas e Decretistas, cohorte
 Maior que a das outras Faculdades.
 A' Nação hespanhola é que pertences ?

GIL:

A Portugal, que ainda é a Hespanha *lusa*,
 Da *iberica* Hespanha differente.

(O ruido da matraca interrompe a conversa; a multidão enche a nave, e principia a missa no altar-mór.)

CONEGOS, então o versiculo:

*Jam vixi mundo aziago,
 Nunc pallida mortis imago.*

(O LEPROSO destaca-se do Preboste, e colloca-se no meio do panno preto de pé.)

CONEGOS, *em tom grave*:

*Quod sum, vos eritis,
Ad me correndo venitis.*

(A' consagração da ostia, o Preboste ordena ao LEPROSO, que se deite de costas ao comprido sobre o panno preto.)

OFFICIANTE, *lançando a benção*:

Heu! ... Ite, missa est.

GIL, *d parte*:

O pranto abala-me.

OFFICIANTE, *desce do altar e vem até ao pé do LEPROSO*:

Como a Job, ao Senhor ferir-te aprouve
Com o fogo da temerosa lepra!
Submisso á provação, restituído
Serás á eterna gloria.

(Lança uma ponta do panno preto cobrindo-o.)

E's novo; tinhas garbo e gentileza,
E em vez da seducção que attrae, horrendo
Mal te faz repellente entre os humanos,
Que fogem do contacto.

(Ouvem-se soluços entre a multidão, ha um silencio aterrador.)

Morreste para todos! Benção santa
Mundifica tua alma resignada;
Solitario, será teu mundo o ermo,
Com Deus ahí habita.

(Lança outra ponta do panno preto a encobril-o.)

Mas, aí de ti, se acaso te aproximás
Do viandante que passa descuidado;
Ou toques fonte limpa e agua corrente;
Serás então qual lobo.

A compaixão, que a todos nos inspiras,
Transforma-se em rancôr! e como a monstro
Que aterra as povoações, mesmo de longe
Serás apedrejado.

Sobre as paginas santas do Evangelho
Jura fugir de humanas creaturas;
Refugiar-te na solidão da cova,
Teu domicilio e tumba.

(Estende o missal para tomar-lhe juramento. Depois do LEPROSO ter estendido a mão de longe, o Preboste, lança sobre elle as duas pontas da cabeceira do panno preto.)

Como a Job, ao Senhor ferir-te approve
 Com o fogo da temerosa lepra!
 Submisso á provação, restituído
 Serás á eterna Graça.

(O OFFICIANTE toma o *hyssope* da mão
 de um *môzinho* e asperge o desgra-
 çado. Ouvem-se prantos, quando o
 LEPROSO se alevanta d'entre as dobras
 do panno preto, e é levado para as
 barrocas de Montmartre, onde é aban-
 donado.)

GIL, para os outros Escholares :

Que dor immensa infunde o estranho quadro!
 Peiôr que o cadafalso.

YVES NORMAND :

Que remedio
 Contra a lepra, que com horror se alastra,
 Senão sequestração, isolamento.
Salus populi, diz a velha praxe,
Suprema lex est. A sociedade,
 Em rigor, tem direito a defender-se.

GIL :

Poderia a ambição ter-me impellido
 Para os estudos da Jurisprudencia;
 Meu pae m'ó aconselhava. Revelou-me
 O soffrimento humano, que sómente
 Nas miserias da nossa fragil carne,
 De si tem de ser o homem providencia,

Eu vi o nascimento e a belleza,
Intelligencia, excelsa gerarchia,
No delirio da attonita loucura
Afundarem-se, na inconsciencia immersos.
Terrifico problema! Contemplando
Essa calamidade, enternecido,
Resolvi dedicar-me á Medicina.
Eis-me em Paris; attrae-me o ardente estudo.

GILBERT BRETON:

Por muito que tu estudes, esse mundo
Da Psyche ainda está vedado aos Sabios.
Os Medicos são mais que os Alchimistas
Em procura do Elixir da Vida;
Sob os seus escalpellos não toparam
Com a alma. Ousam alcançar as ribas
D'esse mundo moral sómente os Poetas,
Que adiante vão, com geniaes lampejos
Da Alma universal dando o vislumbre
Pela fulguração da humana Psyche.
Sómente os Poetas sabem dar relêvo
A' *Subjectividade*, separando-a
Da dependencia de quanto é concreto.
D'essa noção ideal, como emotiva
Vem a reacção motriz, que é a Vontade,
Tornada Arbitrio e estado de Consciencia.
Eis como a Alma humana é cogniscivel.
Quantos seculos passarão ainda
Em que o delirio, fórma da loucura,
Será considerado Santidade,
Beatitude, genio ou sciencia infusa!

TITIVETILUS, *com argucia*:

Por consequencia: exaltações de Paulo
Da Loucura da Cruz, em theologia
Estão na Igreja systematisadas,
E em Religião de Estado.

YVES NORMAND:

Actualmente
Não serão as Cruzadas um delirio,
Trazendo a Europa assim convulsionada?

CONRAD L'ALLEMAND:

E as Ordens monachaes, que se agremiam
Dando ao parasitismo social fórma,
Contagiando o mal do *Tedium vitae*?
São mais do que loucura, pandemia.

GILBERT BRETON:

A *Subjectividade* exagerada
Chega á Hallucinação, como as doentias
Visões do Céu, do Inferno, e seus tormentos
Aparições angelicas, Demonios,
Possessão do hysterismo nas mulheres,
Lycanthropia ou o homem feito lobo,
Elevações extacticas, Oraculos,
Ancias da Salvação, medo ao Peccado
Tentações. . . Tudo isso são delirios
De irreflectiva Subjectividade.

TITIVELIUS, *fitando* GIL:

E o Amor? Não será o Amor, que irisa
O horisonte da existencia humana,
Hallucinada, erotica Psychose?

GIL:

Comprehendo que a Loucura é que perturba
Este equilibrio ou mutua equivalencia
Das representações que em nós suscitam
Do mundo real os dados objectivos!
Deve a Sciencia vir a achar recursos
Com que restabeleça este equilibrio,
Ponderação normal do pensamento.
Se Hippocrates, Galeno ou Avicena
A doença sagrada não souberam
Debelar, — a Psychose em mim estudo.
O Amor me trouxe pelo Sentimento
A submeter á Sciencia este problema
Do mecanismo cerebral, buscando
O regresso á Rasão . . . Agora o quadro
Do misero Leproso sequestrado
Ao humano convívio, mais me obriga
Com afêrro a estudar a Medicina.

YVES NORMAND:

Deixou-me lucto na alma o atroz caso
Do doente incuravel. Precisamos
Sacudir esta sombra que em nós peza.

CONRAD L'ALLEMAND:

Proponho que na rua Santo Hilario,
Ou na das Sete Vias . . .

GILBERT BRETON, *atalhando*:

Nem só o vinho
Nos pôde distrahir; prefiro o jogo
Do Tremerol! Se não houver dinheiro,
Poderemos jogar os nossos livros.

YVES NORMAND:

Para a Feira do Pergaminho, antes;
Abriu-se ha poucos dias. Não é longe;
Dos Mathurinos pelos Corredores
Estão postas á venda as folhas brancas
Quaes folhas de Sibylla, mysteriosas
Aguardando os Copistas, que trasladem
N'ellas Bullas e Leis, Evangeliarios,
Missaes, Horas e Poemas de Aventuras.

GILBERT BRETON:

Eu detesto os Copistas, que hoje fazem
Da leitura um trabalho fatigante,
Com as Abreviaturas pavorosas,
Com umas letras trémulas, quadradas,
Deseguaes, com amarellada tinta!

YVES NORMAND:

Pois eu admiro os Miniaturistas;
Deixam as tradições da Arte antiga,
Substituindo o gothico ao romano,
Com figuras phantasticas, esguias,
Panejamentos das mais vivas côres,
Tudo encrustado sobre um fundo de ouro.

Não acho melhor joia do que um livro
Matizado de mil miniaturas,
Chronicas e Novellas. Nada eguala
O Psalterio de Branca de Castella,
E o Breviario de Luiz, seu filho!

TITIVETILUS:

Quebra o fio ao discurso um incidente.
Do Clos Bruneau que multidão ruidosa
Atropelladamente vem passando!

CONRAD L'ALLEMAND:

E', com certeza, algum medonho incendio.

TITIVETILUS, *mysterioso*:

Sim; um mesquinho Frade franciscano
Que levam a queimar na praça...

CONRAD L'ALLEMAND:

E o Frade
Delicto ou crime commetteu! Vejamos
Como, sem ser cabrito, um frade se assa.

TITIVETILUS:

O Frade sustentou um *Quodlibeto*
Com desagrado dos Dominicanos,
Que andam em bulhas com os Minoritas
Sobre o Dogma da Conceição da Virgem.

Com argumentos solidos o Frade
 Usou da prova historica, mostrando
 Que da *Dea Meretrix*, pagão culto
 Dos Sanctuarios de *Anaitis* e *Cybele*,
 De *Elysa*, de *Deméter*, *Dea Syria*,
 Vem o culto da Immaculada Virgem.
 Se á adoração do velho Padre Eterno
 Succedeu a do Filho, como Jove
 A Saturno, — comece a disciplina
 Do Santo Amor, que representa a *Pomba*
 Que é um Symbolo phálico, outra fórma
 Da Cruz ansata da divina Orgia.

GIL:

Vão queimar por tão pouco o Franciscano!

YVES NORMAND:

Em materias de Fé, acrobatismos
 Não os consentem os Dominicanos,
 Que se chamaram os *Irmãos da Virgem*;
 E no odio cego contra os Minoritas,
 A pretexto de absurdas phantasias,
 Accendem as fogueiras a que os lançam.

(A procissão do Auto de Fé chega d praça, onde se ergue a pilha de lenha, a que os Frades Dominicanos fazem cêrco. — O Minorita é amarrado ao alto pôste. A multidão contempla com interesse.)

ESCHOLARES, *cantarolando*:

*Mal vedemo Parisi,
Che n'ha distrutto Assisi.*

TITIVETILUS, *para Gil*:

Não reparaste ainda na figura
Que está junto de nós ?

GIL:

Esse estudante
De nariz aquilino, olhos cavados,
E macerada face, com seu tanto
De ár prophético, ou melhor, de Poeta ?

TITIVETILUS:

E' Escholar da Nação italiana,
Que frequenta as lições de theologia
Do Doutor Sigier, na rua Fuarre;
Dão-lhe o nome de Dante Alighiéri.
Repara como está todo absorvido
Nas contracções tetânicas do Frade,
Vendo chispar na labareda as carnes !

GIL:

Do horror sente a attracção, que o domina.

TITIVETILUS:

Na mente representa-se-lhe o Inferno!
 Sei que elle anda compondo um vasto Poema,
 Visão como a de Tündal; certo, agora
 Impressões colhe da realidade.
 Não sabe mesmo ainda em que linguagem
 Escreverá o Poema em que medita,
 Se em latim ou no vulgar toscano.
 Synthetisa n'um quadro a Edade média,
 Que está prestes a terminar na Historia.
 Alma liberta, pelo Ideal se eleva:
 No CANTICO DO INFERNO põe o homem
 Exercendo o supremo Julgamento,
 Poder da Rasão critica, em contraste
 Com o Juizo do amargo Dia da Ira.
 No PURGATORIO, Espiritos eleitos
 Da Antiguidade classica elle salva,
 Contra a exclusão estúpida da Igreja;
 Sanctifica-os, alliando-os, sereno,
 A' aurora da primeira Renascença
 Pela continuidade do passado!
 No PARAISO, a imagem de Beatrice,
 Como ideal da Mulher se transfigura
 No Symbolo do Eterno feminino,
 A Virgem-Mãe piedosa — a Humanidade.

GIL:

Não me farto de vêr essa figura
 Expressiva do joven florentino.

*(A praça vae-se despejando; o rapazio
 salta em folgado por cima das bra-
 zas espalhadas pelo vento.)*

TITIVETILUS, *para* GIL:

Acordam-te lembranças das fogueiras
Da noite de San João, na tua terra?
A dor e a alegria se confundem
No complicado drama da existencia!

GIL, *reflectindo*:

Mais atroz que o individual delirio,
E' a hallucinação de ideias falsas
Que produzem no povo a pandemia
Do terror e do odio. A Medicina
E' a unica Sciencia actual, que póde
Fazer que o homem chegue a conhecer-se,
E das vãs pandemias se liberte.

Reconcentrado no estudo GIL DE VALADARES tem aberto diante de si o Livro da Lepra, escripto em arabe, que só elle entende.

GIL:

Procurei tantos annos este Livro,
Sem ninguem saber dar noticia d'elle!
Com certeza heide achar aqui remedio
Para o moço da rua Galand. Tenho
Visitado o infeliz no seu retiro,
Chora ao vêr-me; confessa que até hoje
Só viu minha presença, que o consola,
E que as minhas palavras lhe dão alma.
Com que ternura commovente disse:

— Se a decepção de Amor, em tua vida,
Soffreres, sabe que outro Amor existe
Consolador e immenso, é — a Piedade.—

E' esta condolencia que me leva
A' sombria caverna a visital-o,
Exterminado do convivio humano.
A commiseração me induz a estudo;
Oh, se eu podesse conhecer as doenças
Da Loucura e da Lepra! ambas tremendas,
Nos dois aspectos, em que alma e corpo
Se identificam pelo soffrimento.
Lepra e Loucura, são mais estupendas,
Quando tomam pandémico character!

TITIVETILUS, *apparecendo para o dis-*
trahir:

Não esgotes a Sciencia! Deixa cousa
A descobrir aos que apoz te vierem;
Andas tocado agora de piedade
Pelo pobre Leproso, abandonando
Troças e Investidas de Escholares,
Na vida airada que amenisa o estudo.

CONRAD L'ALLEMAND:

Gil, em tua procura ha tanto andamos.
Um caso, que de certo te interessa . . .

GIL:

E' algum *Quodlibeto* divertido,
Sustentado por Summulista arguto?

YVES NORMAND:

E' questão séria! Trata-se de Sciencia
Objectiva, experimental, d'aquella
A que te entregas, de que te preocupas.

GIL:

De Medicina?

YVES NORMAND:

Para lá caminha.
Lançou-se hontem ao Sena uma donzella
Por decepção de amor; d'agua a tiraram
Desfalecida, e está depositada
No Cemiterio ahi dos Innocentes,
A' espera da absolvição do Bispo
Para ser inhumada em chão sagrado.
Sabemos quanto a Anatomia estudas,
Mão grado as maldições que a Igreja lança
Contra quem investiga o corpo humano;
E' boa a occasião para o exame
De apparatus e organicos tecidos ...
Estamos todos promptos, se quizeres,
Para roubar-se á noite esse cadaver.

CONRAD L'ALLEMAND:

Eu garanto poder trazel-o ás costas.

GILBERT BRETON:

Pela Sciencia os anáthemas da Igreja
Eu affronto.

*(Vendo o LIVRO DA LEPROSA aberto sobre
a meza de estudo.)*

E' em arabe este Livro!
Só tu entendes lingua tal em que andam
Trasladadas da Medicina as Obras
Mais completas.

GIL:

E os Gregos, onde ficam?
D'elles é que provém o Saber todo,
Philosophico ou Scientifico! Hoje
A Civilisação, que se renova,
Prosegue attenta na perdida pista.

YVES NORMAND:

Não ha tempo a perder. Ao Cemiterio
Dos Innocentes caminhemos lestos.

GIL:

De um exemplar humano carecia,
Para comprehender o Microcósmo,
Que sente, pensa e quer! A estas horas
Tudo jaz em profundo somno immerso.

TITIVETILUS, *riudo*:

Sem trabalho, pôr-te-ia sobre a meza
 O cadaver da livida donzella;
 Mas, como é de suicida, eram capazes
 De inventarem que o diabo a arrebatara
 Do chão sagrado á infernal jazida.

*(Os ESCOLARES sdem embuçados, para o
 Cemiterio dos Innocentes.)*

Estendido sobre a meza do quarto de estudo de GIL DE VALADARES está o corpo da mulher afogada no Sena; os trez estudantes de Medicina estão em volta.

CONRAD L'ALLEMAND:

Sem descansar, eu até aqui o trouxe;
 E peza! quanto peza um corpo morto.

YVES NORMAND:

Pela alvura das carnes, dei com ella
 Entre outros corpos . . .

GILBERT BRETON:

Basta de commentos!

A Gil, que a vida passa n'este estudo,
 A palavra compete! elle que explique
 O motor, que agitou o inerte corpo,
 E o travão que o fez parar; unindo
 Potencia e resistencia, no equilibrio
 A que se chama — Vida.

TODOS:

A Gil ouçâmos.

GIL, *contemplando as fôrmas da plastica:*

Um *Quid* religiosamente augusto
Ostenta o corpo de uma mulher núa!
Toma-me o aneio de oppressivo enlevo,
Ou de uma magestade sobrehumana.
Antes de tudo: as fôrmas que deslumbram,
E que a Sciencia estuda, realisam
Uma imponente e bella expressão de Arte!
Oh Grecia! que alta intuição tiveste
Da Alma universal, quando nas fôrmas
Do corpo da Mulher, Symbolo viste
Das manifestações ideaes do Bello!
Esta que ora aqui vêdes, nova e linda,
Modelo o mais perfeito das estatuas,
Tudo revela que a animou o ésto
De exquisita sensibilidade,
Delicado conjuncto dos encantos,
Que realçam ainda além da morte!
Divago eu nos dominios da Poesia?
Pois não será a Sciencia em seus aspectos
Poesia sincera e impressionante,
Em que ideal e real são a Verdade?
Reparem n'este corpo arredondado,
De menor estatura que a do homem,
Tal differença uma lição encerra.

Fôrmas lisas, macias e redondas,
Sensações ignoradas dando ao tacto,
Contêm inconscientes attractivos,
Com que a Natureza mais define

O typo feminino, em seu principio
 Só por órgãos sexuaes diferenciado.
 Ah, como a Natureza proseguindo
 Na diferenciação, toca o supremo
 Encanto da Mulher, floração pura,
 Na escada vital sublime termo.

*(Os tres ESCHOLARES approximam-se
 mais do cadaver, contemplando-o.)*

Desde que ella entrou na edade nubil
 Da puberdade, os seios se avolumam,
 A espáduas alargam-se donosas,
 Arqueam-se os quadris, o ventre mostra
 Uma fascinadora redondeza,
 Que tanto exalta o *Livro dos Cantares*.
 Pernas e côxas tornam-se roliças,
 Como que o organismo se transforma
 Para nova existencia, mais que a vida
 Individual — superior, fecunda :
 Reproduz a Especie. Para tanto,
 Mais que os plásticos meios, deu recursos,
 Poder de sedução, a Natureza :
 Para expressões as mais hallucinantes,
 Voz tão maviosa, á do homem comparada,
 Os olhos mais brilhantes, breve a bocca,
 Os dentes, como pérolas, miudos ;
 Rosto oval, ou redondo, sem ter pêlos,
 E nos gestos, donaire, gentileza,
 Movimentos flexiveis denunciando
 A volubilidade, a inconstancia,
 Que suscitam desejo indefinivel,
 Que o pudor, ao velal-o mais inflamma.

*(Os ESCHOLARES fitam GIL, que os deslum-
 bra mais do que o corpo que examina.)*

Tudo isto agora vêdes apagado
N'este cadaver hirto, frio, que á morte
Arrojou por um acto irrevogavel,
De uma nervosa vida a intensidade.
Pobre donzella! Tinha os elementos
Para em si leda continuar-se a vida
Pela maternidade, eterna phenix
Que pelas chammas do amor renasce.
Como uma folha escripta em hieroglyphos
Indecifraveis, ante os nossos olhos
Está o corpo que palpâmos; ergo
O sudário que o cobre, e não desvendo
Aonde é que residiu uma alma n'elle,
Como da casta flor se evola o aroma;
Como se produzia o pensamento,
Como a emoção lhe motivava os actos.

YVES NORMAND:

O poder da Belleza te domina,
Species eximiae pulchritudinis.

GIL, *contemplativo*:

De Athenas sobre a praça,
Fitando o horisonte,
Socrates passeava doutrinando;
Attentos o ouvem. Quando,
Accelerado passa
Discipulo querido — Xenophonte.

O Mestre no olhar nota
Um fulgor que desvaira,
E esquivo, como quem á lição foge:
«Em casa de Theodota,
A seductora hetaira,
Artistas, Poetas se reúnem hoje.

«Eu bem quizera, oh Mestre,
Que equiparas o Bello e o Bem terrestre,
Dois pólos da Moral na humanidade,
Que hoje ahí assistas,
Philosopho, entre Poetas e Artistas,
Vendo a união do Ideal e Realidade.

«Mais bella do que Phryne,
Do que Lais, pois que mal lhe define
Seus contôrnos a estatua de Leda!
Conscia do seu encanto,
Theodota ante os Artistas despe o manto,
Nenhuma graça aos olhos d'elles veda!»

Socrates lhe responde:
— Visto que Theodota nada esconde
Dos contôrnos gentis, surprehendentes,
Iremos pois lá vê-las . . .
Filho de um esculptor, as fórmás bellas,
Para mim nunca são indifferentes. —

*

Para casa da Hetaira os dois partiram ;
 Pintores, Escultores, n'essa casa
 Vendo entrar alli Socrates, se admiram ;
 Nem mesmo presentindo
 Como o Bello com a Rasão se casa,
 Parrhasio e Cliton estavam-se sorrindo.

Ao Philosopho inquire o Estatuario:
 = A Gnido, a visitar o Sanctuario
 De Praxítele a Venus Andyomene
 Por certo tendes ido! . . .
 Vence a Venus de Phidias, e Alcamenel =
 Diz Socrates: — Eu nunca fui Gnido. —

= Nunca fostes a Gnido! Ah, tendes medo
 De contemplar a incomparavel Venus,
 Perante a qual os jovens enlouquecem!
 Contra sensuaes venenos
 Do Desejo, que em nós se infiltra tredo,
 Os Philosophos só se fortalecem. =

Traçou o manto Socrates no hombro:
 — A linha feminil eu idolatro-a,
 Não por contôrnos que me dão assombro;
 O que enlouquece os moços ante a Estatua
 E' o eterno Desejo!
 Elle, ao que observo e vejo,
 Eguala as creaturas — sabia ou fátua.

Compreendo de Praxítele a obra summa ;
Foi nas festas de Eleusis, que viu Phryne
Entrar núa no mar entre a alva espuma,
Perante a multidão ! . . . Quem ha que atine
 Como o povo e o artista
 Cada um, mudo, a tal vista
Da Belleza a emoção ideal define!

N'esse momento teve o Artista, — vêde,
Da Belleza divina a visão alta,
Do eterno Desejo intima sêde!
Toda essa emoção viva que o exalta
 Ao marmore a transporta,
 Deu alma á pedra morta,
Que inflamma . . . Ir a Gnido ainda me falta. —

A hetaira sorrindo com orgulho,
Disse para o Philosopho, que a fita,
Vencendo dos Artistas o barulho
De espontanea e feliz alacridade :
— Esse eterno Desejo, que suscita
A obra ideal, ninguem com mais verdade
Sentiu a vibração sua infinita
Melhor que tu, que a uniste á realidade. —

N'esse instante dos hombros se desprende
O manto que a Theodota o corpo envolve,
Aos pés lhe cãe em flócos, d'onde ascende
Tal como em Eleusis Phryne do mar volve,
Ou diva, que em etherea nuvem se ala :
 O assombro a todos rende!
A Socrates, a voz nas fauces prende ;

E saíndo da sala,
 Disse: — O Escultor helleno
 E' o que por mim falla,
 Quando me deu, Philosopho sereno,
 O aspecto de um Sileno. —

(GIL, fica silencioso contemplando as fór-
 mas femininas.)

TITIVETILUS:

Traduz tua emoção a Grecia antiga;
 Mas, descrevendo com mestria o corpo
 Que ahí jaz, certa physionomia
 Não notaste...

GIL, reparando para a morta:

Será illusão minha?
 Visão singularissima! O cabelo,
 Semblante e ár, o mesmo aspecto d'ella...
 Inexplicavel casualidade!

TITIVETILUS:

Viste Heresta de perto! Os braços, seios
 Nús, os cabellos soltos, destrançados
 Nos accessos do mystico delirio,
 Quando rasgava as vestes... Não encontras
 Bastantes semelhanças?

GIL:

De mim proprio

Eu chego a duvidar, dos meus sentidos;
Mas sinto-me enleado sob o encanto
Das extraordinarias parecenças!
A belleza que vejo aqui me acorda
Sonhos sem esperança, e a divisa:
Espoir sans plus joïr.

(Contemplando o corpo mais insistentemente.)

A realidade

O que é? Na essencia, uma impressão mais viva.
Da Rainha leoneza egual a o rosto,
Louros cabellos, mesma côr da pelle,
A estatura gracil, pescoço, braços,
Uma inteira illusão! E' explicavel,
Que os embalsemadores do Egypto,
Ao palparem esculpturaes bellezas
De femininas, pudibundas fórmãs,
Tresvaliassem na Necrophilia,
Mesmo as extremas penas affrontando.
Esta alvura e frieza de alabastro
Hade na terra fermentar em humus!
A floração gentil da Natureza
Desabrochava, e repentino pende.
Se o Espinho da carne lhe tocasse!
Não é profanação. Talvez? . . . Quem sabe.

(Poisa-lhe a mão sobre os seios, e atenta.)

Ha n'estes seios pulsações latentes,
Imperceptíveis, tenues; eu sinto
Sob a algidez temperatura suave;
Os braços pendem flaccidos, não hirtos;
A lividez da face vae tomando
Uma coloração vaga, animada!

*(Erguendo o corpo nos braços, unindo-o
a si.)*

Abram-me essas janellas! Muito ár entre;
Tenho esperanças que ella torne á vida.

*(A afogada move a cabeça e respira; em
seguida abre os olhos attonita. Os ES-
CHOLARES fogem aterrados, deixando
GIL sósinho.)*

O LEPROSO, *apparecendo nimbado de
luz:*

Vim a tempo para alentar tua alma!
Tu não me abandonaste no exterminio,
Quando o horror da hostilidade humana
Pezava sobre mim mais que a doença.
Acabou para sempre o meu martyrio!

(Esvaecendo-se a apparição:)

Venho-te revelar, que a mulher bella
Que tu salvaste restituindo-a á vida,
Era Duranda, a minha namorada.

Fêl-a o desgosto procurar a morte;
Que ao entrar eu na gloria, ella reviva.
Vae á rua Galand, aos paes a entrega.
Morto reconhecido serei sempre.

Na rua Galand, por horas mortas, e cumprido o mandato solemne.

GIL, *divagando*:

Como vim eu parar aqui? Seria
Por somnambúlia? ignoro; isto me aterra.
Mas a visão do corpo feminino!
Illusão physionomica de Heresta,
O vil desejo da necrophilia!
Não serão hallucinações patentes,
De cerebraes fadigas consequencia?
Vivemos pela subjectividade;
Se as imagens internas nos empolgam
Com relêvo maior que mundo ambiente,
Essas suggestões roçam na loucura.

*(Rumores tumultuosos, que se tornam
mais violentos; vultos approximando-se com archotes.)*

Sonharei eu ainda? N'este instante
Parece-me estar vendo a approximar-se
Grandiosa procissão! Dança da Morte?
Como a vulgar crednice nos descreve.

Mas os meus olhos vêem claramente
Escholares sem conta! Alguma Soiça,
Ou Cascavel? A muitos reconheço.

YVES NORMAND:

Feliz encontro o nosso!

GIL:

Que se trata?

GILBERT BRETON:

São as Escolas todas em revolta!
E' a Universidade que protesta
Contra a ordem estúpida do Papa,
Com applauso de Branca de Castella,
Prohibindo Aristoteles!

CONRAD L'ALLEMAND:

Entendem,
Que Aristoteles é a unica causa
Da insurreição mental que ataca os Dogmas,
E que dissolve a régia Auctoridade.

YVES NORMAND:

Em exodo compacto a Escholar gente
Sáe de Paris, e só regressa quando
Fôr o Mestre dos Mestres restituído
Ao seu imperio racional e pleno!

GILBERT BRETON:

Tu, Gil, tens de fallar á Estudantada;
 Que os Frades a Aristoteles retratam
 Como um monstro infernal e um malvado!
 Mostra a altura moral do excelso Mestre.

(A multidão escolaresca pára para ouvir a)

GIL DE VALADARES, *discursando*:

A sentença do Mestre

Narrava-se em Athenas
 O triumpho estupendo de Alexandre,
 Quando em Thebas entrara:

— A população válida estrangulam!
 Mulheres, velhos, crianças,
 E doentes, arrastados sem defeza,
 Morrem aos vis ultrages!
 Da miseravel turba o que inda resta
 Venderam como escravos.

Quando era a soldadesca macedonia
 Mais feroz na pilhagem,
 Soube Alexandre, que existia em Thebas
 De Pindaro a morada;
 Que ainda alli viviam descendentes
 Do Lyrico glorioso!
 Lembrando-se das Odes consagradas

Pelo Poeta aos triumphos
Dos Olympicos Jogos, nas palestras,
No concurso das luctas,
Que a affectiva unidade á Grecia deram,
Por ordem de Alexandre,
A habitação do Poeta é respeitada,
E que sirva de azylo
Aos descendentes seus, e a foragidos! —

Quando este digno feito de Alexandre
Contavam com assombro,
Pensativo Aristoteles passava;
Dizem, para que elle oiça:
Condiz o Alumno com o maior dos Mestres! —

O Philosopho pára,
Como ferido de um acerbo espinho;
Amargurado exclama:

«Se procedera em Thebas Alexandre
Como meu digno alumno,
O sentimento da Humanidade
Rebaixado não fôra!»

Os Estudantes reentram em Paris, quando lhes vão notificar
que fora revogada a prohibição de Aristoteles.

TITIVETILUS:

Vão as Escolas baixas — a abertura
Das Aulas celebrar com Drama sacro ;
Os Summulistas é que o representam.

GIL:

Isso de um Drama sacro é fraca ideia,
Quando é levado de vencida o Papa
Com a Rainha Branca de Castella,
E vindicado o grande Stagirita.

TITIVETILUS:

E's Philosopho, és Sabio, mas ignoras
Mesquinhas cousas do terraqueo mundo:
O Drama sacro é Satira pungente
Allusiva á Rainha. O Drama versa
Sobre a Annuniação do *Santo Anjo*
Gabriel, pelo natural sentido.

GIL:

Não percebo em que a Satira consiste.

TITIVETILUS:

Vejo que ignoras o que significa
O motejo corrente nas Escolas
Da *Honteuse connivence* . . .

GIL:

Nada entendo.

TITIVETILUS:

E' como se designam os amores
Da Rainha viuva, fresca e bella,
Com Romain de *Saint Ange*, esse intrigante,
O Legado do Papa, que promove
As mortandades pelo sul da França.
Vê do Auto hieratico o sentido:
Figurando Gabriel o *Santo Anjo*
Que a Virgem obumbrou; e saber deves,
Segundo as boas regras de direito,
Viuvias ás Virgens são equiparadas
Para os effeitos . . . scenicos agora.
O Auto hade fazer na Côrte estrondo.

YVES NORMAND:

Com certeza vens assistir comnosco
Ao drama sacro que celebra *Os Zelos*
De José Carpinteiro; tu não faltas
A' grande festa das Escolas baixas;
De mais, é o teu nome em Paris hoje
Mais afamado que o de Gil Corbeil,
O medico do rei Philippe Augusto,
Desde que tu restituiste á vida
A mulher que no Sena se affogara.

GILBERT BRETON:

Nem tu mesmo imaginas o prestigio
Que te rodêa; julgam-te um theurgo,
Simão Mago, Apollonio de Thyane,

Anthemios, Cypriano, Militarius,
Theophilo, Pretorius, Heliodoro,
Um medico, que dá aos mortos vida.

GIL:

Bem longe de me envaidecer a fama,
Entristece-me tanto! Causa pena
A imbecil credulidade humana,
Creando uma atmospherá em que germinam
Exploradores, quer heróes ou santos.

TITIVETILUS:

Algo de novo apprenderás no Auto:
Faze-te Frade, se é que a sério intentas
Entrar no coração de uma Rainha.
Prova eloquente — a *Hónteuse connivence*,
Do que te prognostico. E eu me faço
Frade tambem, só para acompanhar-te.

GIL:

No mal, com tal delirio te repastas.

TODOS:

Para as Escholas baixas! Precisamos
Tomar logares para ouvir a peça.

Sala dos Actos finaes, toda enramada de verdura; o chão alastrado de feno rescendente.

(Ouve-se um preludio de dulçainas, trompas e atabales; faz-se um profundo silencio, e começa o:)

AUTO DOS ZELOS DE JOSÉ CARPINTEIRO

(Nò ádito do Templo)

SCENA I

Maria e Elisabeth

MARIA:

Acode-me, prima cara,
Com teu auxilio me assiste:
José anda ha muito triste,
No meu estado repara,
Sem ter crença em prophecias,
E esperanças de Israel;
Vê que está velho, e ell'
Nutre suspeitas sombrias;
Que este filho . . . bem presumes . . .
Careço de teus conselhos . . .

ELISABETH:

Isso é achaque dos velhos:
José está com ciumes?
Hade sempre a mulher nova
Passar por tal anciedade;
Dize-me toda a verdade,
Elle tem alguma prova?

MARIA:

Contra mim ninguem diz nada,
Nem mesmo linguas perversas.

ELISABETH:

Tiveste algumas conversas? . . .
Foste sempre recatada!
Mas, como foi isso? falla.

MARIA:

Cahida em melancholia,
Minha alma ao findar do dia
Em vago sonho se embala.
Assalta-me intimo ardor,
Quando a scismar me ponho
No irrealizado sonho
Da emoção viva do amor:
Ser nova e sentir-me bella,
E nunca amada ter sido,
Dá-me voltas ao sentido
Que indefinivel anhêla . . .
E na mais placida hora
Do occaso vespertino,
Tive um impeto divino
De visão consoladora.
Cahi em um devaneio,
Em que perdida a vontade,
Em doce passividade
Se me comprimia o seio.
Não era noite nem dia,
Tambem não era alvorada,
Eu não estava acordada,

E a minha alma não dormia.
Junto de mim eu percebo
Apparição deslumbrante,
De *Santo Anjo*, insinuante,
Um donairoso mancebo.
O meu nome proferindo :
«Maria! inunda-te a graça, . . .»
Goso e temor me trespassa
Vêr de perto o aspecto lindo.
«E's a eleita de Iaveh
Entre todas as mulheres . . .»
— Seja o que tu quizeres,
(Disse-lhe) em ti tenho fé.—
Seu halito fresco embriaga,
A vontade me conquista,
Das cousas se obumbra a vista,
E em um extasis me alaga.
Ah, quando voltei a mim
D'aquelle abalo profundo,
Abriu-se-me na alma um mundo
De esperanças sem fim.

ELISABETH ;

Isso foi ha muitos mezes ?
Não veiu outra vez ainda ?

MARIA :

Do *Santo Anjo* a visão linda
Tive-a ainda duas vezes.
Veiu ao romper do dia,
Apenas transpoz o muro,
Um grandioso futuro
Sorridente me annuncia :

«E's o lirio de Jessé,
Vens do solio de Judá!»
Esta saudação me dá . . .

ELISABETH:

Cala-te! ahi vem José.

MARIA, *em segredo*:

Nós viemos de Belem
A consultar teu marido,
Para explicar o sentido
Que este mysterio contem.

SCENA II

Os mesmos e José

JOSÉ:

Querida prima, viemos
A consultar Zacharias,
Que explica por prophecias
O que não comprehendemos.

Desde que o Deus de Israel
Lhe restituiu a falla,
A ninguem mais posso dal-a
Minha fé, senão a ell'.

ELISABETH:

Podeis fiar-vos sem custo
Em quanto vos elle diga,
Que o juizo de Deus abriga
Em sua alma o varão justo.

MARIA:

Ainda o não felicitei
Por ter cessado a mudez;
Foi milagre que Deus fez
Ao guarda da sua Lei.

JOSÉ:

Estavamos nós fallando
Em Zacharias agora...

(ELISABETH vai ao encontro de seu marido ZACHARIAS, e segreda com elle algum tempo, saindo depois.)

SCENA III

José, Zacharias e Maria

ZACHARIAS, *com alegria*:

Eu não vos vejo, senhora,
Não sei bem já desde quando.
Bem vindes a esta choça,
Onde achaes velha amisade;
Certo, grande novidade
Vos traz; farei quanto possa.

MARIA, *maravilhada de o ouvir*:

Este milagre me abala,
Vendo como o antigo mudo
Nos explica agora tudo
Com sentenciosa falla.

JOSÉ:

Que falla corrente e pura!
Para mim sois um Propheta,
Com palavra mais repleta
De luz, que na Escriptura.

ZACHARIAS:

Ha novidades maiores,
De esperanças sem véos...

MARIA:

Elisabeth é mãe?... Céos!
Dos Céos lhe chovam favores.

SCENA IV

Os mesmos e Elisabeth

ELISABETH, *para a prima*:

Deixemol-os á vontade
A tratarem da consulta;
A cousa inda a mais occulta
Elle explicar-lhe hade.

MARIA :

Como Sacerdote entende
Os mysterios da existencia.

(Saem ambas.)

SCENA V

José e Zacharias

ZACHARIAS :

Eis-nos em audiéncia;
Consulta, e depois attende.
Direi a verdade toda,
Fallar-te-hei muito a sério,
Tal o impõe meu ministerio!

JOSÉ :

Agrada-me essa moda.
Entro no assumpto de chofre:
Maria é bella e mui nova,
Eu, velho com os pés p'ra cova,
Sem poder guardar tal cofre!

ZACHARIAS :

Sim, occasiões dão azo
Que se rompa um certo empacho;
Eu velho tambem me acho,
Como tu, no mesmo caso.

JOSÉ :

Maria apparece agora...

ZACHARIAS, *interrompendo*:

Pois Maria vae ser mãe?
Elisabeth tambem
Dá-me essa consoladora
Satisfação de um herdeiro!

JOSÉ:

Este ciume secreto
De que eu ando repleto,
Dizei-me se é verdadeiro?

ZACHARIAS:

Ao Senhor um sacrificio
Fazer-lhe prompto careço,
Porque assim, crente, lhe peço
Me dê juizo propicio.

(Corre-se o véo ao fundo, apparece o altar; de um e outro lado MARIA e ELISABETH, que entrega ao marido um casal de pombas.)

SCENA VI

Zacharias, José, Maria e Elisabeth

ZACHARIAS, *offerecendo as aves*:

Em toda a realidade
Um lado ideal existe,
Na união d'elles consiste
A essencia da Verdade!

Essa alta revelação
No real se consubstancia;
Ao manifestar-se um dia
Será a Encarnação.

(Voltando-se para JOSÉ)

Tu és o aspecto do real,
Da amarga existencia o grito.

(Apontando para MARIA)

E ella do infinito
Recebeu influxo ideal.
Da Grecia percebo a voz
Da philosophia audaz:
O *Verbo carne se faz,*
E esse mysterio sois vós.

JOSÉ:

Não sei bem como isso é,
A entender tal quem se atreve?

ZACHARIAS:

Ouve uma explicação breve,
Vê se comprehendes, José!

Na India a ideia de Buddha
Simplice e abstracta nasce;
Religião immensa faz-se
Se aos povos mongóes se muda!
Tal o Verbo do Messias
Aqui na raça semita,
Toma expressão infinita
Rompendo por novas vias:
Tornar-se-ha ideal fecundo
Dos Arias na grande raça,
E um diluvio de Graça
Espalhando em todo o mundo.
Assim parece o pequeno
Que á luz hade dar Maria,
O Ideal consubstancia
No seu aspecto terreno.
E's pae putativo, á letra,
Sabes que a Lei não engana;
E conforme a Lei romana,
Pater est quem . . . etcétera.

Pelo seu lado ideal,
O Filho, com Amor tanto,
Foi gerado pelo Santo
Espirito universal,
Que não conhece Nações,
Codigos, fronteira ou raça,
Que as almas todas congrassa
Nas mesmas aspirações.
Obedece á Lei romana;
Filho do Amor, a criança
Vem iniciar a esperança
Na Fraternidade humana.

(JOSÉ e MARIA abraçam-se, e os quatro
rejubilam-se:)

TODOS:

Entre toda esta lida
E o que se vê cada dia,
Com muita Philosophia
Tem de se levar a vida.

*(Grande farandola dos Summulistas e
Donatistas depois de terminado o
Auto.)*

YVES NORMAND, para GIL:

Que tal achaste o Auto? tem seu chiste.

GIL:

De tudo quanto vi, o que me encanta
E' notar o phenomeno curioso
Da moderna creação do Drama sacro,
A nova fórmula de Arte d'estes tempos.
Que revelação bella a que assistimos!
Com mais futuro que as Canções de Gesta,
Que os lyricos cantares da Provença,
Imitados na Côte agora tanto!

YVES NORMAND:

O aspecto universal é que domina
Em tudo o teu criterio e sentimento.

TITIVETILUS:

Eu posso affiançar-vos, que esta pedra
Pela Universidade arremessada
Contra a Côrte pelas Escholas baixas,
Vae ter seu recochete. Hade a Rainha
Appresentar nas festas do palacio
O espectaculo novo: um Drama sacro,
Mostrando a Fé explicita, imposta
A' rasão, á vontade, ao sentimento!
E tu, Gil, tu assistirás á festa;
O nome teu glorioso dá-te entrada
Em toda a parte, bem melhor que as senhas
Das Covas de Toledo . . .

GIL, atalhando:


Tem cautella!

YVES NORMAND:

Mais alegre que o Drama, é o Apparato
Da annual *Investida do Becjaune*.
Approximam-se as férias, e é preciso
Organisar com muita antecedencia
A Cerimonia doutoral, brilhante.
Gil, farás de *Decano*.

GILBERT BRETON:

Eu cá prefiro
O papel de *Depositor*, solemne.
Dando o grão ao estolido *Cornutus*.



CONRAD L'ALLEMAND:

Eu recito a *Vexatio* divertida.

YVES NORMAND:

As *Captiosae Quaestiunculae* competem-me.
Só falta o *Becjaune*, que suporte
Da *Depositio* as violentas scenas.

TODOS:

Seja Titivetilus o *Becjaune*,
Por chronico Escholar o grão lhe cabe.

TITIVETILUS:

Nunca o Diabo quiz nada com rapazes.

(*Escapa-se com esgares, dando uivos e
desapparecendo.*)

2.º Quadro — A INVESTIDA DO BECJAUNE

No Petit Pont, de passagem para Santa Genoveva.

THOMAZ SCOTTO, *encontrando casualmen-*
te GIL DE VALADARES:

Depois d'aquella noite, em que o teu nome
No *Livro dos Irmãos do Livre Espirito*
Inscripto foi, eu não logrei mais vêr-te!
Tinhas febril, indomita anciedade
De partires para Paris de prompto!
Eu assisti á jovial Symposia
Das Covas de San Gines. Na alvorada
Partiram tambem todos de Toledo,
Escholares Errantes, e eu com elles.

GIL DE VALADARES:

A Abbadia de Farfa visitaste?
Diversão, que dá que contar á farta,
Historias picarescas, mil facecias.
Que finos lances para Novellistas,
Moraes Exemplos para prégadores! •

THOMAZ SCOTTO:

Fui mais longe! Maior curiosidade
Me aguçou o espirito, confesso-o.
A' sahida das Covas de San Gines,
Nos impetos de uma alegria doida,
Uns Escholares foram para Farfa,
Preferem outros ir á descoberta
Do *Embigo do Mundo!* Eu fui com estes.

GIL:

E' a primeira vez que ouço tal phrase
Do *Embigo do Mundo*, a que não ligo
A mais superficial e vaga ideia.

THOMAZ SCOTTO:

Já vês, pois, que em Paris não é sómente
Onde os grandes problemas se debatem;
O do *Embigo do Mundo*, que te é extranho,
Digno é de Sabios ser considerado.
Sem preambulos digo em que consiste:
Mathematicos gregos fundamentam
Da terra a redondeza. Conhecidos
Os Pontos cardeaes, que o espaço orientam,
E entrecruzando duas linhas, indo
Do Norte a Sul, de Leste para Oéste,
Na sua intersecção tal ponto marca
Região ignorada sobre o orbe
A que *Embigo do Mundo* o nome deram.
As difficuldades do encontro
Da mysteriosa Região derivam
Do actual atrazo dos conhecimentos
Da Geometria, agora reduzida
A linhas cabalisticas e emblemas.
Nós fomos á procura do tal ponto
De intersecção, guiados por um Mappa
Por um Monge a velho arabe comprado . . .

GIL:

E a desejada descoberta fez-se?

THOMAZ SCOTTO:

A' região sul-oriental da Europa
Avançámos conforme o Mappa indica;
O angulo formado pelas linhas
Na intersecção, em África assentara
Na região, que ouvi denominada
Pelo *Reino do Preste João das Índias*.

GIL:

Levou-se ao fim a singular empreza?

THOMAZ SCOTTO:

Não achei quem ousasse acompanhar-me;
Não perdi meu trabalho; esta noticia
Do *Preste João* hade acordar agora
No mundo um interesse vivo, ardente
Para as Expedições aventureosas
Dos franciscanos Missionarios, antes
De irem lá italianos mercadores!
Certo serão expedições proficuas,
Mais que a Cruzada, exaltação, que, estulta
Mina o Poder senhorial da Eurcpa.

GIL:

Porque deixaste os Escholares, vindo
N'esta fornalha ardente das ideias,
Em Paris confinar-te?

THOMAZ SCOTTO:

Tu bem sabes,

Quem vive pelo Pensamento, aneia
De Paris respirar n'esta atmosphaera
Das ruidosas Escholas, no convivio
Dos lucidos espiritos. Noticia
Tive das *Treze Thezes*, que sustenta
O Doutor Sigier de Brabant, homem
De uma audacia mental que espanta Roma.
Quero escutal-o nos *Impossibilia*,
E n'esses *Quodlibetos*, que ultrapassam
Conclusões radicaes dos pensadores.
Vem tu d'ahi commigo á Rua Fuarre.

GIL:

Eu com gosto acompanho-te; máo grado
Ter-me inclinado mais para o estudo
Do *Phenomeno*, as *Relações* deixando
Aos que se entregam ás verbaes miragens
De Ontologismos e Cathegorias.

THOMAZ SCOTTO:

Na Sciencia da Medicina é hoje
Teu nome confundido ou egualado
Ao de Egydio Salernitano! Cedo
Vives na lenda; as tuas grandes curas
Attribuir-se-hão a Pacto com o Diabo,
Como contam de Gérber, que cursára,
Escholar da Abbadia de Aurillac,
Em Hespanha os arábicos estudos,
O que foi Arcebispo de Ravena,
E ascendeu ao pontificio solio.

GIL:

Ah, Sylvestre Segundo. A' rua Fuarre;
Do Doutor Sigier hora é do curso.

Sala das Leituras, tendo pelo chão muito feno cheiroso; o Doutor Sigier de górron na cabeça, em cathedra erguida ao fundo; Escholares em frente escrevendo sobre suas pastas as Apostillas.

DOUTOR SIGIER, *de pé, dizendo a Oração inicial das lições:*

As Linguas de fogo
Baixando dos céos
Instantaneas, logo
Rasgaram os véos
Ao sellado arcão,
Do Saber humano
Continuo obstaculo!

N'este outro Cenáculo,
O Espirito Santo
A Luz, almo encanto,
A's mentes envie,
E esclareça tanto,
Que intensa nos guie
Da Sciencia ao pináculo.

(Os ESCHOLARES, preparam as pastas para apostillarem o ditado do Magister, que se assenta e discursa:)

Disse Abaillard: Entre o Conhecimento
In re ou *Ad rem*, ha o Conceito,
Que é formado *Post rem*. Assim o Sabio
Conseguiu estabelecer concordia
Nos arraiaes ha tanto inconciliaveis
Dos Realistas e Nominalistas.
O que é pois o Conceito? E' um estado
De Consciencia, em que a Subjectividade,
Criticadas as impressões primeiras
Da espontaneidade primitiva,
N'uma Synthese racional se torna:
Preponderancia da Intelligencia
Na Ordem objectiva do universo.

A este gráo que o Pensamento alcança,
Compete dirigir o Sentimento:
A consciente emoção, que estabeleça
Nos Dogmas absolutos a harmonia
De um Conceptualismo relativo
Ao destino, á finalidade humana.
Religiões *espontaneas, reveladas*,
Dissolvem-se em ficções futeis, gratuitas,
Por inconscientes ou por absolutas.
No fim humano está o objectivo
Da Synthese moral, verificavel.

(O DOUTOR SIGIER, *espera momentos para
que acabem de trasladar a apostilla.*)

Das Religiões qual o terceiro termo
Ou a phase consciente, *demonstrada*?
Deduz-se pela progressão da historia:

A Lei Velha a noção nos communica
 De um Creador, o Pae, que elabora
 Só pelas forças da *Fatalidade*
 Os Mundos! E essas forças se prolongam
 Pelas fórmas da existencia humana,
 Impellindo emotivamente a *Especie*
 Para incessante lucta. Em seus conflictos
 E' que funda a *Familia*, a *Propriedade*,
 A pastoral, rural, fabril *Industria*,
Religiões, *Governos* e *Direitos*,
 Sob o egoismo bruto dos Instinctos,
 Das Paixões implacaveis. N'esta lucta,
 Estabelece-se o moral Consenso
 Sobre a estabilidade dos Costumes,
 Germen da Ordem social vindoura.

Fez-se Noção moral o simples germen
 De um presentido e tenue altruismo:
 Foi o *Verbo*, a palavra que edifica,
 Ou o Filho, que pelo Sacrificio
 D'esse altruismo representa o *Exemplo*,
 Que ás multidões suggere o *Sentimento*
 Do perdão mutuo e da Paz entre homens.

O Sentimento irreflexivo e simples,
 Foi-se tornando uma passividade,
 Em um estado apático da Alma,
 Conduzindo-a ao sombrio *Tedium vitae!*
 Realizou-se a Paz, amortecendo
 As relações sociais. Então o *Verbo*
 Degenera em especulações abstractas
 Do *Logos*, dos theologicos Doutores.

Fulge do Santo Espirito a éra nova,
Representada na affectividade:
O Amor universal, que se diffunde
Pela Concordia plena! Alfim, o homem
Velhas hostilidades instinctivas
Em si reconhecendo, se liberta
Da Chimera divina, e entra n'essa hora,
Tornado Providencia de si proprio,
Na pósse do pacifico destino.

(O DOUTOR SIGIER, *volve a pagina recapitulando:*)

Foi a Edade do Pae — a da *Fé* cega,
Através das Fatalidades crúas!
A Edade do Filho promettera
A serena *Esperança*, desmentida
Por decepções tremendas do Milennio.
Fulge do Santo Espirito a Edade
Da — Charitas — o *Amor*, que identifica
Pela effusão sympathica as Consciencias.

(Os alumnos vão sahindo ruidosamente:
ficam conversando ao sair da porta
DANTE e GIL DE VALADARES.)

DANTE:

Comprehendo que se entra na Era nova
Do Santo Espirito, como a define
Abailard; mas quem tem levado longe
A fórmula da Synthese affectiva,
Foi solitario monge da Calabria,
Joachim de Flores, no *Evangelho Eterno*.

GIL:

Todas essas doutrinas se resumem
No ideal do Amor. Eu isso encontro
Com mais brilho nas concepções dos Gregos ;
São as ideias órficas. Observa :
O Christianismo, que se impõe triumphante
A' Civilisação do mundo antigo,
Renegando-a pelo pagão estigma,
E' a renovação no povo ingenuo
Do Orphismo tradicional, mantido
Entre os hellenos pensadores. Hoje
Esse renascimento é o que inspira
O Lyrismo dos nobres Trovadores,
E nos Padres da Egreja é que suscita,
Como em San Bernardo, o Sentimento
Que para a união mystica os eleva . . .
Philosophos, como Abaillard, nos abrem
A Renascença bella do Hellenismo.

DANTE:

Pensas bem ; teu espirito é dotado
De alta e excepcional capacidade
Para relacionar antecedentes,
Nos concretos phenomenos da Sciencia.
O meu cerebro pôde sem esforço
Universalisar a abstracta ideia
Em Symbolos, que o Sentimento exprimem.
Esse *Amor ideal*, de que nos fallam
Tanto os Neo-platonicos philosophos,
Como os Christãos espiritualistas,
Necessita de um Symbolo eloquente
Que se veja, impressione e arrebate.

A' ideia da Mulher o *Amor* conduz-nos;
Ascendendo pela abstracção se alcança
Clara visão do *Eterno feminino*.
Como conciliar ambos os termos,
O Real e Ideal? Os Trovadores,
Cantam o Amor pela Mulher apenas;
Os Mysticos vão pela *sympathia*
Ao completo abandono de si mesmos;
O vivo, *ideal Amor* se representa
Na Mulher forte, a Virgem-Mãe, imagem
Da entidade, que pelo soffrimento
Define a *Especie* na continuidade
Das gerações no tempo — a visão nova
Da Humanidade, da qual sômos filhos.

Oh *Mater dolorosa!* no teu seio
Nos trouxeste e alentaste; a ti voltamos,
Pelo amor em teu seio se incorporam
Além da morte esses que muito amaram.
E como a Humanidade é constituída
Por cada geração que se succede,
Oh Virgem-Mãe, és filha dos teus filhos.

GIL:

Sei que te ergueste da paixão terrena
Da Mulher, aos *sympathicos* impulsos
De Beatriz de Portinari, quando
No horisonte da vida fulgiu breve.
A' concepção do *Eterno feminino*
Subindo, o alto ideal te inspira o verso:
Vergine Madre, figlia del tuo Figlio.

Tambem senti o dominante anhelô
Que me levou ao Extasi, ampliando
Fóra de mim a vida no altruismo
Que hoje me absorve a mente na Sciencia.

DANTE:

Eu prefiro os aspectos da Poesia.
Carece de Arte viva a alma moderna,
Novos Symbolos claros, expressivos.

GIL:

Para que acção universal exerçam,
Importa dar-lhes fórma religiosa...

*(Separam-se na rua das Sete Vias, quan-
do JORDÃO DE SAXE e UMBERTO se ap-
proximam de GIL.)*

JORDÃO DE SAXE:

Sobre o poder dos Symbolos fallavas
No seu aspecto religioso. Encanta
Ouvir os peregrinos pensamentos
Pelo Escholar italiano expostos;
O Ideal da Virgem-Mãe eleva as almas.
Eu e o meu companheiro Umberto, sômos
Irmãos da Virgem, Ordem que fundada
Foi por Domingos de Gusmão, e o Papa,
Pouco ha, denominou dos Prégadores.
Que brilhante futuro alcançarias
Se n'essa Ordem entrasses!

GIL:

Quanto, adiante
 Passei já d'esse estado de consciencia.
Credibile non scibile.

JORDÃO:

Por vezes,
 E com surpresa, tocam-se os extremos.
 Saulo e Paulo não são um mesmo homem?
 Todo o homem socialmente deve
 Entrar em uma classe que dê força,
 Que o eleve e por ella prepondere.
 O homem isolado, por talento
 Maior e assombroso que possúa,
 E' impotente, e nunca acção exerce:
 Ignorada' será sua virtude,
 Invertidas as intenções mais puras!
 No systema social mantém a Igreja
 A poderosa classe, contraposta
 A' esphera civil: em perspectiva
 Tem o Presbytero ante si um throno.
 Um Exemplo confirma o meu juizo:

Um dia o Merecimento
 Topando com a Fortuna,
 Travaram conhecimento;
 Occasião opportuna
 De viajar a salvamento.

Indo ambos por uma estrada
 Temerosa, solitaria,
 De bandidos salteada,
 E muita féra alimaria,
 O Merecimento brada:

— Com tanto rosto inimigo,
 Entre trabalhos insanos,
 Colhendo mil desenganos,
 Sem nunca topar contigo
 Passaram-se tantos annos!

«Pois eu? Sempre em meu caminho
 Me topou o que ha mais raso,
 Vil, mediocre e mesquinho!
 — Quem nos ajuntou?

Baixinho:

= Eu! = disse ao passar o Acaso.

GIL:

Certo a exercer acção social aspiro.
 Tenho um Ideal que sirvo; elle me incita
 A diffundir o Bem e a Verdade,
 Implicitos na Sciencia.

UMBERTO:

E' impotente
 A Sciencia em crear Symbolos, que fallem
 A's almas, dando accordo aos Sentimentos,
 Universalisando-se as Ideias.
 Que eloquentes os Symbolos da Egreja!

O Baptismo, ou segundo nascimento,
O Santo Graal, o Calyx da Concordia.
Quanto domina em todos os Estados
O *Anel do Pescador!* quando fulgura
De Innocencio Terceiro na mão firme,
Nas de Gregorio Septimo e do Nono!

GIL:

O *Anel do Pescador!* mesquinho emblema
Do espiritual Poder, que se desvia
Do ascendente moral. Sente-se o Papa
Sem apoio nas livres consciencias;
Mal sabe elle se verdadeiro ou falso
E' o *Anel do Pescador*, na crise
Que hoje o Poder espiritual abala.

Quando sentira approximar-se a morte,
O Pescador chamou trez dos mais crentes
Dos Discipulos seus; — a sós entrega
Trez Anneis, e que entre si escolham
Um, que é o Talisman que salva as almas.

Pelo brilho exterior agarrou Pedro
Um dos Anneis, e logo a Fé impondo,
Materialmente submettendo á Letra,
Sem se occupar do intimo sentido.
Ao assenso das naturezas rudes,
Fanatisadas, deveis e propensas
A' passiva, absoluta obediencia,
Chamou-lhe a *Fé explicita*, que salva
Renunciando á rasão e entendimento.

TITIVETILUS, *com ironia*:

O elemento *judaico*, dominante
Na Igreja, é que a avidez lhe acirra
Dos bens terrestres, simonias torpes.

GIL:

O outro *Annel*, é esse que transmite
Da suprema vontade o Arbitrio ou Graça;
Detesta a Tradição do Jehovismo,
Praticas cultuaes, Cremos antigos,
E as especulações de Academias.
Foi este Annel parar ás mãos de Paulo.

TITIVETILUS:

O *Hellenismo*, que illuminou a Igreja,
Que lhe insuflou quanto ella tem de bello.

GIL:

O derradeiro *Annel* a Thiago coube:
Pelas *Obras* a Fé se vivifica,
Sendo a causa da Graça efficiente.

JORDÃO:

Trez caminhos, que ao mesmo fim conduzem

UMBERTO:

As *Obras* — a missão dos Prégadores.

TITIVETILUS, *com sarcasmo* :

Levando a ferro e fogo o sul da França,
Na Cruzada iniciada por Domingos.

N'este Jogo dos *Trez Anneis*, foi Pedro
Quem ganhou a partida ; não que fosse
Verdadeiro o *Sigillum Piscatoris*,
De que elle usou ; mas porque o lado egoista
E inferior da natureza humana
Elle soube explorar.

JORDÃO DE SAXE, *parz GIL* :

A' anatomia
Que habilmente da Religião fizeste,
Tu, na fibra do Amor, tal como falla
San Paulo, na Epistola aos Corynthios,
Nem de longe tocaste. Letra morta
São sem Amor a crença e a doutrina,
As obras e o completo sacrificio.
E's portuguez, — tu sem amar não vives.
Por Côrtes senhoriaes andar cantando
De amor em Canções bellas ; em torneios
Quebrar lanças por donairosas damas,
Ou por tavernas, como os goliardos,
E' tudo isso mesquinho, transitorio.
Do Amor na Philosophia achaste
Uma theoria abstracta, mas despida
De popular e universal relêvo.
Só na forma do Symbolo religioso,
Que se torna imponente e expressivo,
Tiveste a intuição do incomparavel
Da Virgem-Mãe o Symbolo sublime.

GIL:

Mas quando representa a Humanidade.

UMBERTO:

Sobre o *Annel do Pescador* fallaste;
Em tua mão uma esmeralda brilha,
Onde vejo gravada a imagem bella
Da Virgem pelo Anjo annunciada.

GIL:

Deu-m'o Thomaz Scottto, como sendo
Um talisman de poderoso influxo.

TITIVETILUS, *d parte*:

No Thezouro de Guarrazar me lembro
Ter lá visto esse Annel. Eu não duvido
Que seja um talisman, que a Gil liberte
D'este anarchico impulso de revolta.

JORDÃO:

Esse Annel aproxima-nos bastante!
Tu pelo ideal humano, em nós o voto,
Somos *Irmãos da Virgem*.

TITIVETILUS:

Gil! cautella.

A Religião infiltra-se, qual virus,
Pelo automatismo: é como as manhas
Bôas ou más, que em habito se tornam.
Credere voluntatis est! disse-o
Santo Agostinho pela experiencia,
Passando de philosopho a asceta.
Fé explicita é quanto a Igreja exige,
Com bem pouco illaquêa ao seu dominio.
Estás meio theologo . . . a caminho . . .

UMBERTO:

Aquella rapariga que salvaste,
Duranda, fez o voto de clausura,
E grata, por ti resa cada dia.

GIL, em concentração, recordando-se:

Aquella inexplicavel semelhança
Com Heresta, deixou-me na alma triste
Impressão indizível. Se eu pudesse
A' rasão restituil-a, á consciencia,
A Rainha divorciada! A's vezes
Presinto, que no extremo do delirio . . .
Se a Sciencia impotente a não arranca
Da loucura, — a revolta, o desespero
A uma Ordem monachal me arroja!

TITIVETILUS:

Li no teu pensamento. E já declaro :
Se em uma Ordem monachal entrares,
Eu te acompanho como Irmão converso.
Do Diabo prégador imito a lenda ;
Dou um bom Frei João, na realidade.

(*Aparecem com grande asafama THOMAZ SCOTTO, YVES, GILBERTO e CONRADO.*)

THOMAZ SCOTTO, para GIL:

No Clos Bruneau estão á tua espera
Na festa escolhalesca, consagrada
Dos Cursos todos ao encerramento.

YVES, em segredo, para GIL:

Faz-se a Scena da *Depositio* hoje.

GIL:

E o *Becjaune* ?

YVES:

Será o Escholar pobre.

(YVES e CONRAD mettem logo o braço a
TITIVETILUS, levando-o.)

TITIVETILUS, *em risota*:

Nada me aterra ; ignoro o que é ter medo.
Mas antes de partir tendes de ouvir-me :

O philosopho Pirro,
Cujo nome é synonimo de teima,
Sempre em contradição com a toleima,
Aos acerbos sarcasmos recorria.
Com elle eu não embirro.

Em uma barca, um dia,
Viajando com varios passageiros,
Desencadeou-se uma horrida procella ;
Com raios e aguaceiros
Quasi se afunda a fragil caravella.

Pávida a afflicta gente,
Erguendo as palmas para o escuro céu,
Supplicava piedade
Rogando humilde e crente
Do mar á Divindade,
Que applaque o escarcéo.

Deante do alarido ensurdescente,
Não póde contêr Pirro uma ironia,
Vendo o quadro da humana covardia.
Ia tambem no barco
Bem deitado de borco,
Um corpulento porco,
Em comer farelada nada parco ;

E até parecia,
 Que o fragor da medonha tempestade
 Lhe aguçava ainda mais voracidade.
 — De certo, elle não tem
 Medo de ir como todos nós ao Orco!
 (Disse Pirro, com gélido desdem.)
 Que exemplo este de serenidade!
 Quando tememos os penhascos broncos
 E a tremebunda Syrte,
 Por certo nos teus roncros,
 Oh cevado, hasde rir-te
 Do homem racional que te despreza,
 Quando a alma tem a mil terrores preza! —

Sala no Clos Bruneau, revestida de capas, com apparatus para o Gráo doutoral; — Escholares fingindo Cathedrauticos com as côres das Faculdades, Bedel com maça, Verdeaes com alabardas.

Scenas da Depositio

I

Absurdae vestiae

Na Sala entra o *Becjaune*. Gargalhada
 Estrondosa, geral; reconheceram
 Titivetilus, o Escholar pobre.
 Traz largas fraldas, mas a sciencia nulla;
 Ampla capa, de côres variegadas,
 Como jardim de flores; tem remendos

Que parecem emplastos ou chapadas.
Traz orelhas teterrimas de burro,
Na cabeça encaixadas, com reforço
De um par de cornos, como de boi bento;
Uma dentuça branca de javardo,
Symbolisando a estupidez do cêrdo.

II

Vexatio

Ante o *Depósito* lançam por terra
A seus pés o *Becjaune* estatelado,
Como um intruso monstro de rudeza
Entre a fina e escolaresca gente:

«E' necessario aperfeiçoar o bicho,
Como alisa o rebote um bronco cêpo.»

Um *Raboteur* vem-lhe limar os cascos
Com uma groza enorme; eis que outro corta
Com um serrote a larga cornadura;
O das tenazes a dentuça arranca.
Por fim com uma plaina, de alto a baixo
O *Raboteur* o alisa, e alevanta
Restituído á figura humana.

Em seguida, n'um banco toma assento,
A cara lhe bezuntam com pós pretos;
Lavadeiro e barbeiro das Escolas
O esfrega e pentêa, unhas lhe aparam,
Já tem direito á posição erecta,
Para andar de dois pés, como a mais gente.

III

Captiosae Questiunculae

Começa a Ostentação; diz o Arguente:

— Explique a phrase: *Deus non est in coelo.* —

O *Becjaune* logo exclamou:

«Distingo:

Tal phrase contradiz o *Pater noster*,
Qui est in coelo, mas no céu não come;
 Pois que *est* é voz de *Edo*, *Deus non est*.
 Pertencendo *est* á terceira pessoa,
 Logo a existencia da Trindade nego.
 Pedindo a Deus o pão quotidiano,
 E' a Oração dominical absurda.

Na fórmula negativa é verdadeira
 Do Doutor Sigier a insigne these:
Utrum Deus est? Por que Deus não come,
 Logo *Non est*, em conclusão perfeita.»

Outro Arguente o inquire em *Impossibilia*.
 Formúla o Escholar pobre sorridente:
 «E' com Deus o Diabo coeterno;
 «Alma immortal, Materia indestructivel,
 São fórmulas de uma unica energia.»

O *Depositor* então o interrompe;
 Tira-lhe da algibeira e lê a conta
 Do ferrador e da estrebaria
 Onde esteve hospedado na viagem
 Que fez para Paris.

Grandes risadas!

De novo o *Raboteur* vem aplainal-o.

Sobre o valor dos nomes alchimistas
 E' a novas perguntas submettido:

- *Leite de vaca negra*, em que consiste?
- «E' Mercurio tirado do Enxofre.
- E *Bilis de Serpente*? «E' o Azougue.
- E *Semente de Venus*? «Flor de Cobre.
- E *Sangue de Vulcano*? «A Artemisia.

IV

O Decano

Declara o Presidente, que o *Becjaune*
 E' digno de que o grão se lhe confira.
 Mette-lhe sal na bocca, para prova
 Que de ora em diante ficará isempto
 Do nome de *Becjaune* ignominioso.
 E em vez do Discurso ao Doutorando,
 Soltou a imprecação:

— Tabu! —

Palavra

De esconjuro fatal! Titivetilus

Perde a cabeça, e foge desvairado
 Por entre os Escholares, que berraram
 Aterrados: — Tabu! Tabu! — suppondo
 Que Entidade malévola repellem.

(*Emquanto os assistentes riem ds garga-
 lhadas da fugida de TITIVETILUS, ao
 ouvir-se já longe um uivo sinistro,
 falla*)

GIL DE VALADARES:

Este uivo que escutaes é o symptoma
 De um delirio sombrio — *Morbus lupinus*,
 Em que o doente julga ter mudado
 A personalidade sua em lobo!
 Titivetilus, esse Escholar pobre,
 Que mysteriosamente me acompanha,
 E' um doente de lycanthropia,
 Tal como acho descripta nos estudos
 De Marcello de Sida: elle se esconde
 Por cavernas, florestas, sepulturas,
 Na época annual da primavera.

A vida das Escolas, que frequenta,
 Do Mal os metaphysicos problemas,
 E os processos da Demonopathia,
 Deram-lhe á doença uma especial fórma:
Lycanthropia magica! Elle crê-se
 Extranho á humanidade, sob o imperio
 Do Diabo e emissario seu no mundo,
 Com poder de tratar de Pactos d'alma.

Da perversão da personalidade
Trataram Oribase e Aetio; viram
Que o vinho com a infusão bebido
De belladona ou estramonia causa
A lycanthropica paraphrosyne!
A Medicina fez-me vêr de perto
Como a imaginação se torna doente,
N'esta crença do povo — *Ubique Daemon!*
Que a Igreja explora com os esconjuros,
Com o terror dos réprobos do inferno.

Titivetilus é um pobre diabo,
Na accepção mais vulgar d'estas palavras,
Tem o poder do mal dos intrigantes.

*(Enquanto a sala se despeja, ouve-se
um pregão pelas ruas:)*

Voz:

Foi o Doutor Sigier assassinado . . .
Questões de philosophicas doutrinas . . .

Ao Peripatetismo averroísta
O christão peripato assim combate!
A unificação da Alma intellectiva
Com a vegetativa cae vencida.

GIL no seu retiro, medita na improficuidade da *Sciencia* separada da *Acção*.

A' mesa do banquete
Sentia-se nauseado
O ricaço opulento
Com um mortal fastio.
Contra iguarias tantas arremette
O olhar famulento
De pobre esfarrapado,
Que com magoa sorriu:

— Aquelle, tem manjares
De que nem sei o nome,
Mas nenhum o appetite lhe provoca!
E eu, que tenho fome,
Faço cruces na bocca.
Se a situação mudassem os azares,
Qual ganhára na troca? —

*

A's vezes, representam
Qualquer situação casual da vida
Todo o destino humano:
Como o opulento á meza,
O Rei boçal, o banalão Ministro,
Nada de bom, de grande ou justo intentam;
A publica riqueza
E' estupidamente dispendida
No delirio esteril e insano
Do seu Poder sinistro.

Tambem o pensador, no absorto Ideal
Possue doutrinas, altas concepções;
Os thezouros dos geniaes lazeres
 Legando ás gerações,
Vive na impotencia material.

Quando será que estes dois Poderes
Se alliem n'uma mutua dependencia,
Dando ao consciente esforço convergencia?
Até lá, vae a sociedade humana,
 Mesquinha caravana
 De atormentados sêres,
 Invalidos, dementes,
Levada por tendencias espontaneas,
 No meio atroz de insanias
Que torna a *Ideia* e a *Ação* sempre impotentes.

1

2

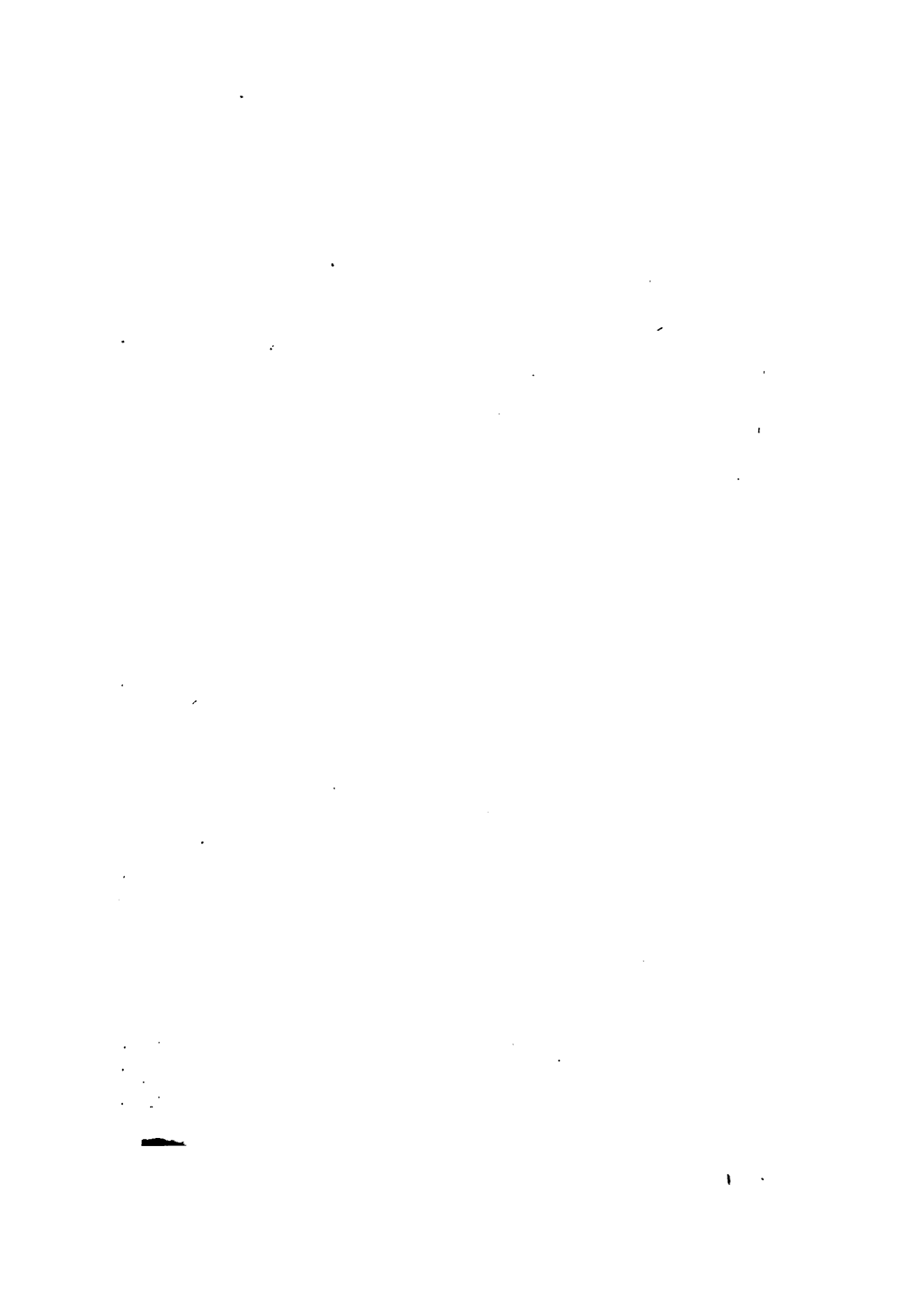
3

4

PARTE III

—

O PODER





JORNADA QUINTA

A CORTE DE BRANCA DE CASTELLA

Ao levantar a cabeça de cima de um livro arabe de Medicina,
GIL DE VALADARES vê diante de si com um aspecto luminoso a aparição do

LEPROSO :

Jurou de ti vingar-se o Escholar pobre,
Tramando a que te arrojem á fogueira
Por crimes de Magia e de Heresia.
Jurou que hade atçar na Praça as brazas,
E as cinzas tuas espalhar ao vento.
Quer preparar-te uma aziaga sorte
Egual á do Doutor Sigier, que exceda
De Simon de Tournay a dor horrenda,
Que o suór do discipulo lhe incute.
O Annel teu de esmeralda tem a imagem
Da Virgem, — talisman que te defende :
Beija-o de cada vez, e serás livre.
Pódem muito com Branca de Castella
Jordão de Saxe e Umberto, *Irmãos da Virgem*,
São sinceros ; teu coração lhes abre.

(A apparição esvoace-se com a entrada de)

THOMAZ SCOTTO:

De Portugal grandes noticias correm!

GIL:

Ha tantos annos que não tenho novas
Da amada patria, que eu em sonhos vejo...
Nada me causaria mais agrado,
Que o saber o que vae por minha terra.

THOMAZ SCOTTO:

Chegou á Côrte o Principe, de nome
Dom Affonso.

GIL:

O irmão de Elrei Dom Sancho.

THOMAZ SCOTTO:

Regressa da Allemanha, dos torneios
Onde mostrou extrema galhardia.
Tambem muitos Fidalgos portuguezes,
Vencidos pelo Rei Sancho Segundo,
Que na Lide do Porto os derrotára,
Vêm em Paris refugiar-se agora,
Junto ao Principe a procurar auxilio.

GIL:

A mesma ardente lucta continuada
Do pae ao filho, altivos sustentando /
Do Poder real a independente esphera.
Os Fidalgos não cansam de investil-a!
Entram Prelados na violenta lide?

THOMAZ SCOTTO:

Disseram, que de Braga o Arcebispo
E o Bispo de Coimbra estão em Roma
Capitulando contra o Rei Dom Sancho,
Reclamando do Clero a immuniidade.
Frades Dominicanos, Minoritas,
Rivaes, contra o Poder real se entendem.

GIL:

Por toda a parte vê-se ininterrupto
Dos Dois Poderes o conflicto ardente.
Mas nenhum sabe em que o Poder consiste!

THOMAZ SCOTTO:

Explica-me o sentido da palavra
De execração — *Tabu!* — que proferida
Fez fugir com fragor o Escholar pobre.

GIL:

Sobre a Pedra focal *Tabit*, o Fogo
Era ao culto dos Mortos consagrado;
E em volta d'essa pedra negra ou ára

Reunindo-se a Família primitiva,
 Defendia-a da promiscuidade,
 Inspirando aversão ao communismo.
Tabuda, a ilha Escaut era chamada
 Por lá serem guardadas com mysterio
 As Sepulturas dos Antepassados;
 Era a antiga *Thebaida* dos Sepulchros
 O sagrado deposito do Egypto.
 No destino social, religioso,
 Resto do Culto consagrado aos Mortos,
 A palavra *Tabu* encontra origem;
 Da sanctificação dos mortos resta
 Pavor, a execração *Tabu*, que afasta
 Por invencivel medo o vulgo ignaro.

(Um Pagem da Côrte entrega uma carta a GIL, que a lê immediatamente.)

Como Medico, sou chamado á pressa
 A' Côrte da Rainha.

THOMAZ SCOTTO:

Bem t'ó disse,
 Que a Egydio Salernitano excedes.
 Junto de Reis, de tudo estás seguro,
 Posto ao lado do cabo do chicote.

(Sdem.)

1.º Quadro — HONTEUSE CONNIVENCE

No vestibulo do Palacio real, encontra-se á sahida o Medico
com

JORDÃO DE SAXE:

Por ordem da Rainha vieste á Côrte.
Desde que aqui chegou esse garboso
Principe Dom Affonso, anda doente . . .

GIL, *surprehendido*:

Quem ?

JORDÃO:

Mathilde, a Condessa de Bolonha,
Que é da Rainha a Dama favorita,
Que os seus segredos e projectos sabe.

GIL:

Foi para vêl-a, que aqui vim ao paço.
Perturbações nervosas e deliquios,
Fastio, insomnias e quebrantamento,
Palpitações, vapôres . . .

JORDÃO:

A' consulta

O Principe assistiu ?

GIL:

Em companhia

Da Rainha elle entrou; n'esse momento
Que a Condessa Mathilde o viu, na face
Vivo rubor insólito se espalha,
O olhar brilha animado, e transparece
Com a luz de alegria convulsiva.
Como na côrte de Seleuco outr'ora,
O saber de Erasistrato me guia;
Descobri a doença. Como a triága
Indicar?

JORDÃO:

O prognostico é bem feito;
Mas o remedio ao Principe compete.

GIL:

De circumstancias mil depende a cura.
E' o Principe brioso cavalleiro,
Ser Conde pela róca não lhe quadra.
N'esta lucta, em que Bispos e Fidalgos
Se insurgem contra o Rei Sancho Segundo,
E em redor do irmão vêm ajuntar-se,
O Principe é tambem um foragido,
Homem sem patria!

JORDÃO:

Um Conde de Bolonha,
Auxiliando a Rainha estes amores.

GIL:

Pundonoroso e pratico é Affonso,
Pelas Côrtes do Norte celebrado,
De valentia por soberbos rasgos!
Hade querer só desposar Princeza
Que traga uma Corôa, um throno. Altas
Ambições tem sua alma generosa.

JORDÃO:

Se o Legado do Papa protegesse
Este nascente idyllo, pois se entende
Bem intimo com a Rainha Branca!
A Romain de Saint Ange ella obedece.

GIL:

Como Nobreza e Clero estão em lucta
Contra a Realeza em Portugal, suspeito
Que o amor da Condessa de Bolonha
Venha a ser a faísca incendiaria
Que abale um throno . . .

JORDÃO:

E que outro se alevante.

*(Apartam-se ao vêrem approximar-se
gente.)*

Nos Jardins do palacio a joven Rainha viuva BRANCA DE CASTELLA, passeando com MATHILDE, Condessa de Bolonha, nova e recentemente viuva.

A RAINHA:

A's vezes rio-me involuntariamente
Da minha situação. Rainha e viuva,
Mas nova . . . Quanto esforço e habilidade
E' preciso para eu trazer submissos,
N'esta menoridade de meu filho,
De França os grandes Condes prepotentes!
Todos elles á minha mão de esposa
Aspiram, para incorporar seus Feudos
Na Corôa, ascendendo á Monarchia.
Se um d'elles preferisse, os outros todos
Inimigos mortaes meus se mostravam,
E nunca mais havia paz em França,
Nem chegaria a constituir-se o Reino.

MATHILDE:

Pasmosa habilidade, com que aos Nobres
Distrahidos trazeis, alimentando
Indefinidas, vagas esperanças! •

RAINHA:

De Romain de Saint Ange é o conselho . . .
Mas, trabalhando para evitar sempre
Um casamento que os Barões ferisse,
N'um casamento todo o empenho envido
Em vêr realisado, — é o teu, Mathilde.

MATHILDE:

Sempre bondosa! Sempre complacente!
Já vos não contentaes no animo vosso
Que eu, Condessa de Bolonha, e viuva
O Principe de Portugal despose;
Mas fazer-me quereis tambem Rainha!

RAINHA:

E hasde sel-o. Em Portugal vão grandes
Revoltas dos Fidalgos, levantados
Contra Sancho Segundo, irmão de Affonso;
Em minha Côrte, numerosos Nobres
Foragidos de Portugal se encontram:
Valadares, Aboins, Portocarreros,
Raymondos, Baiões, Viegas; nenhum d'elles
Poderá regressar á patria cara
Sem que o Monarcha seja destituído.
Os Bispos e Prelados de Ordens ricas
No mesmo intuito junto ao Papa clamam,
Que o juramento de fidelidade
Dissolva, e da obediencia afaste o povo.
Se Romain de Saint Ange me auxilia
N'este empenho com o Poder da Egreja,
Posso ao Principe impôr teu casamento:
Pleno apoio darei para a Corôa
De Portugal cingir; e tu, esposa
De Affonso, ao lado seu — serás Rainha!

(A CONDESSA DE BOLONHA ajoelha-se aos
pés da RAINHA BRANCA, e beija-lhe as
mãos chorando.)

O LEGADO DO PAPA, *entrando desaparecido*:

Ouvi o plano, e estou de inteiro accordo.
Em servir-vos, Senhora, tenho gloria;
Para a gloria da Igreja as nossas almas
Entendem-se, coopéram e triumpham!
O Santissimo Padre em mim confiando,
Dissolve o juramento de obediencia
Prestado ao Rei Dom Sancho; é quanto basta
Para que, fraco, elle abandone o throno.
Mas, para tanto, eu condições imponho.

A RAINHA:

Dizei; sereis em tudo obedecido.

O LEGADO:

Para que Affonso ao throno luso ascenda,
A Rainha de França determina
Que a Cruzada aos Hereges Albigenses,
Que crêem mais no *Amor* do que no *Verbo*,
Continue em Tolosa, mais ardente.

A RAINHA:

E' pouco o que exigís; pois n'esta empreza
Rainha sou, mas sou de Christo ancilla.

O LEGADO:

Jurará o Delphim, o vosso filho,
Sendo aclamado Rei, continuar firme
Da Palestina a inclyta Cruzada.

A RAINHA :

Criança é ainda ; mas por elle eu o juro.

(Estende a mão a ROMAIN DE SAINT ANGE, que a demora entre as suas.)

LEGADO :

Andaes bem em jurar por vosso filho ;
Mais do que Rei de França, fal-o-heis Santo.

*(Com ar prophético e unctuoso disserta
ROMAIN DE SAINT ANGE)*

A exaltação da Cruz

Quiz saber Constantino o que era a Crença
Chamada Christianismo ; chama um Padre
De Nicêa, que inquire, e lhe responde :

— Imperador ! é uma disciplina
Que as almas leva á submissão passiva ;
Que faz que o homem forte se resigne
Ao receber na face a bofetada,
E offereça a outra face a quem o affronta.

Exclamou Constantino, com espanto :

«Com uma Religião assim, exerço
Tranquillo o meu poder no vasto Imperio.»

Proclama logo o absoluto Edito,
Ordenando que a Religião de Christo
Se professasse em todos seus Estados,
Desde o Oriente aos confins do Occidente.

*

No delirio de atroz Soberania
Irresponsavel, perguntava ao Padre :

«Essa Religião, que outros poderes
Possue, dispondo-os a favor dos crentes?

— Tem o doce perdão de toda a culpa!
Póde apagar nas almas os peccados,
Perante Deus remir maximos crimes,
Levando á consciencia scelerada
Uma serenidade santa e pura! —

Constantino de súbito sorrira,
Co' o rictus de interior ferocidade:

«O goso de sentir-me perdoado
Eu quero; e vêr como depois de um crime
Limpa e impolluta a consciencia fica!»

Eis n'esse mesmo dia ordena a morte
De Crispus, o glorioso e intelligente,
Seu bravo filho, de quem tinha inveja.

Quando o filho com funeraria pompa
Ao sarcóphago régio era levado,
Em lagrimas a custo reprimidas,
Constantino chamou austero Bispo,
E na hallucinação assim confessa:

«Padre! bem sabes que matei meu filho.
Como poder agora ser perdoado,
Não n'este mundo, aonde irresponsavel
E' meu imperio unico, absoluto;
Mas diante de Deus, nos céos? . . .»

O Bispo,

Com unção, e tranquillo, respondia:

— Imperador! por certo estaes lembrado
Que depois da derrota de Maxencio
Mandastes erigir a vossa Estatua,
Com lança, que da Cruz a fôrma ostenta!
E' a Cruz esse Symbolo sublime
Que de todos os males nos resgata!
N'uma Cruz, como vós, o Eterno Padre
Por nossa redempção matou seu Filho. —

Constantino recosta-se no throno:

«Em meu Poder ha o quer que é de divino;
Em consciencia, eu me sinto consolado!
Que a Cruz campeie em todos os zimbórios,
Nos monumentos publicos . . . Agora,
Arma meu braço a Espada de dois gumes.»

A RAINHA, *semi-ectactica* :

Como a vossa palavra é inspirada;
Arrebata! Nem Pedro, o Eremita,
Tinha tanta emoção fallando ás turbas.

O LEGADO:

Espero em breve aqui Jordão de Saxe;
Temos uma outra empreza delicada:
A salvação de uma alma!

A RAINHA:

Certamente,
E' o Medico atheu?

O LEGADO:

Homem sapiente!
Philosopho profundo, generoso,
Animado do sentimento humano.

De Gil de Valadares vòa a fama;
E' necessario exhaurar a Sciencia,
Que ás consciencias a revolta leva,
Pondo em contradicção Actos e Ideias.
Que Gil volte á Egreja, ao gremio crente;
Jordão de Saxe é d'elle intimo amigo,
Póde abalar essa alma transviada.

JORDÃO, *apparecendo, reverenceia o LEGADO, e vae beijar a mão d RAINHA:*

Quantas vezes pensei do fundo abysmo
Das doutrinas anarchicas salv-o!
Gil é sabio, e os argumentos nossos
Pulverisa-os á grande luz da historia,
Ao fulgor da Rasão, sagaz, arguta,
Em conflicto com toda a Auctoridade!
Mas, n'essa segurança em que elle vive,
Uma brécha ha, por onde entrar se póde.
E' pela *Fé explicita*, fazendo
Que acate os Sacramentos, que os pratique,
O mais . . . deixal-o á força do costume.

O LEGADO:

Foi assim que a Igreja a força obteve
De Constantino sobre todo o Imperio :

Constantino, perplexo, vendo o mixto
De velhos cultos polytheicos, cuida
Que talvez entre as Tríadas do Druida
Dê preferencia e abraça a lei de Christo.

Os subditos do seu Imperio vasto
Andam em uma lucta continuada
De Mythos e ficções do culto gasto,
Nas vértigens de Orgia vã sagrada.

A qual das Religiões dará no Imperio
O predominio sobre as consciencias?
Um Bispo diz: — Politicas consequencias
Encontræes no messianico Mystério ;

Dae força á Religião que mais cimente
 O absoluto Poder vosso, Senhor!
 E devo proclamar-vos reverente:
 = Onde um só Deus, um só Imperador. =

Disse o Apostolo: «Todos os Poderes
 São de Deus derivados sobre a terra!»
 Quando, Senhor, n'esta Religião crêres,
 Todo o poder do orbe em vós se encerra.—

Não tinha fé nos Dogmas Constantino;
 Mas, a afundar-se na devassidão,
 Deu-lhe apoio, em tyranno desatino
 Imposta ao Estado, a nova Religião.

A RAINHA:

A Gilles de Flageac cedo espero
 De ordem de Margarida de Provença.
 Para o Serão da Côrte convidado
 Com os outros Fidalgos portuguezes,
 Quero que venha Gil de Valadares.

JORDÃO:

Gil é conhecedor da Gaia Sciencia,
 Das *theorias do Amor*, como professam
 Dante Alighieri e Guido Cavalcanti.

A RAINHA:

Provoca-me a anciedade de escutal-o.

MATHILDE:

**E' do Principe Dom Affonso amigo,
Parente dos fidalgos Valadares
Refugiados tambem em França agora.**

Serão na Côte. — Recepção de Gilles de Flageac, enviado de Margarida de Provença para tratar do seu casamento com o Delphim. Ouvem-se Menestreis tocando; grupos em conversa.

MATHILDE, *para a* RAINHA:

**O Principe com Gil de Valadares.
Momento decisivo! Affonso é frio,
Tem um temperamento reflexivo,
Sacrificando a vida, o amor a um plano.**

A RAINHA:

**E' assim que eu entendo, e quero o homem.
Vem para aqui o Principe fallar-me.**

D. AFFONSO:

**Sempre aguardo o momento de ordens vossas;
Para mim é obedecer-vos gloria.**

A RAINHA:

**Precipitam-se em Portugal as cousas,
Para uma solução rapida, prompta:
Os Fidalgos, que em Portugal ficaram,
Contra o Rei, vosso irmão, se insurgem todos.**

D. AFFONSO:

Eu sei que meu irmão se desposara
Com Dona Mecia Lopes de Haro, dama
Do Solar mais potente das Hespanhas;
E' quanto basta para achar o apoio
Que a Fidalguia portugueza nega.

A RAINHA:

De nada lhe serviu esse consorcio;
Raptaram-lhe os fidalgos Dona Mecia
Do leito nupcial, e está occulta.

D. AFFONSO:

D'isso deprehendo ser por mim agora
O partido da Fidalguia. Posso
Contar com os Alcaides dos Castellos
Do Reino todo; mas o alto Clero,
Bispos, Prelados, inda estão sentidos
Dos aggravos de ElRei meu pae. De certo
De mim não se approximam . . . e sem elles,
Como se desligar o povo e os nobres
Do juramento de fidelidade?

A RAINHA:

E' chegado o momento decisivo.
O Clero portuguez submisso ao Papa
Obedece; e de mim mais necessita
Para mantêr o poder seu em França
O Santo Padre. A uma só palavra
Que por mim o Legado lhe dirija,
De Portugal os Bispos e Prelados
Logo do throno destituirão Dom Sancho.

D. AFFONSO:

Quem póde provocar essa palavra?

A RAINHA:

Uma resposta vossa, aqui. Mathilde,
Rica, gentil Condessa de Bolonha,
Entre Nobreza tanta vos distingue!
Quero vê-la de Portugal Rainha.

D. AFFONSO:

Pelo vosso poder, que é grande em Roma,
De Portugal rainha é já Mathilde.

A RAINHA, *chamando a* CONDESSA DE BO-
LONHA:

Ouve: o Príncipe Dom Affonso acceita
A tua mão de esposa.

*(Entrega a mão da CONDESSA DE BOLO-
NHA ao Príncipe de Portugal.)*

D. AFFONSO:

Recebera-a
Ha mais tempo, se eu já tivesse um throno.

*(A RAINHA, deixando-os no seu enlêvo,
dirige-se para o grupo em que está
THIBAUT, Conde do Champagne, com
os Fidalgos portuguezes.)*

THIBAUT:

Vendo a Rainha, eu subito estremeço.
Duques e Condes amam-a, não ousam
Declarar seu amor. Eu, mais ditoso . . .

D. JOÃO D'ABOYM:

Vale-vos a Poesia. E ha quem diga
Que isto de rimas é banal mestria.

A RAINHA, *intervindo*:

Fallam de Poesia? Quero ouvi-las.
Tem sempre o Conde de Champagne *prompta*
Uma Canção trobadoresca, nova,
Se vem á côrte.

THIBAUT:

Pois mandaes, senhora:

As azas brancas, que tinhas,
Brancas mais que o lirio e a prata,
Prêzas na sarça terrena,
Immenso amor as desata.

Sonho alado da Poesia,
Paixão da Arte em que te abrazas,
E' quando em vôo largo pulsam
Pelo azul as brancas azas.

Fugindo á amarga dolencia
Da realidade que opprime,
Essas azas brancas, brancas,
Remontam ao que é sublime.

Sempre aquellas azas brancas
Na alma tem mystico élo:
Elevam no extase e encanto
Da intensa emoção do Bello.

Ai, azas brancas como essas,
Quem pelas do Anjo as daria?
Para o Ideal arrebataam,
São o Bello e a Poesia.

A' sombra das azas brancas
A vida torna-se um Poema,
Converte-se o ardor terrestre
Em harmonia suprema.

A RAINHA, *sentiñdo a ironia*:

Sempre inspirado . . . E Gil de Valadares
Que a gram Mestria sabe, sei que é poeta.
Eu quero ouvir uma Canção das suas,
Com que domina o sentimento e vence,
Sans plus joïr, como a Divisa aponta.

(A RAINHA *senta-se*, e em volta ficam de
pé os Cavalleiros. A um seu aceno
gracioso começa)

GIL DE VALADARES:

Lai de Amadas

A' Côrte chegou triumphante
O bom Cavalleiro andante,
De todas as aventuras
As mais incriveis e duras,
Que Ydoine lhe exigira
Pelo amor em que delira!
Pois fervoroso Amadas
Por esse amor tudo faz.
Manteve a fidelidade
Com inteira heroicidade
Nos mais horrendos baldões,
E em amargas decepções,
Em que o animo não cansa,
Firme na sua esperança!
Mil vezes affronta a morte;
Mas, alfim entra na Côrte,
Terminado agora o praso
Que Ydoine impoz como azo
Para dar-lhe a mão de esposa.

Crê Amadas, que repousa
De uma vida trabalhada,
Vindo depôr sua espada
Aos pés da casta donzella,
Que está cada vez mais bella,
Que n'alma tanto o domina!
Com a graça feminina
Lhe diz, com sorriso honesto:

— Teu heroismo é manifesto,
Findo é o praso que te impuz;
Mas ainda não tens jus
A'quella que n'alma acatas.
Bravuras intemeratas,
Altos e brilhantes feitos
Por ti foram satisfeitos,
Triumphando de denodados
Cavalleiros namorados,
Entrando alegre na liça;
Reintegrando a justiça,
E derrubando Tyrannos,
E os Magos nos seus enganos,
E Monstros em escura cova ...
Falta-te ainda uma prova!

.....

Amadas, um instante, córa;
E diz:

«Ordenae, Senhora.»

— Deste até hoje sómente
Altas mostras de valente;
Desejo vêr como o medo
A ti, intrépido e quedo,
O teu espirito assalta;
Essa prova é que te falta ...

Amadas approximou-se
De Ydoine, a de olhar doce,
Mas o passo lhe fraqueja;
Toma-lhe as mãos e as beija,
E abalado estremece ...

Viu-se bem que empalidece,
 Que uma lividez estranha
 Estampa emoção tamanha,
 Que o seu sêr profundo abala,
 E que de susto não falla!
 Co'a ponta do véo, com gosto
 Ydoine lhe enxuga o rosto,
 E com ternura insinúa,
 A bocca d'elle na sua,
 E com a voz offegante:

— Sou tua d'esta hora em diante. —

Susto equal lhe impede a falla.
 E quantos estão na sala,
 Reconhecem que o temor
 Anda unido ao puro Amor.

BRANCA:

Lembram-me os vossos amorosos versos
 Muito os Lais da Bretanha. Consummado
 Sois na grande Mestria, rival digno
 D'esses *Fieis do Amor* italianos.

THIBAUT, *despeitado*:

Mas, a Canção de Amor, de trez *Estrophes*
 Como usam Trovadores limosinos,
 Essa é mais delicada e subjectiva.

GIL:

A estructura da Canção conheço;
 Darei exemplo em um pequeno quadro:

O Aventureiro scandinavo

I

Em Byzancio, entre ferros,
Harold, o Scandinavo,
Cantava em fortes berros:
— Prisioneiro aqui estou, mas não escravo! —
Só de Isabel a graça,
A candida princeza
A minha alma tem preza!
Que pelo Amor, escravo seu me faça.

Anceio um olhar seu dos mais propicios!
Que um sorriso me torne o seu eleito;
Ninguem ha mais perfeito
Que eu, do corpo nos outo exercicios:

Do combate nas horridas matanças,
Enristo duas lanças!
Do meu cavallo firme sobre a sela,
O abysmo não me gela!
Sobre as ondas do mar encapellado
Eu destemido nado!
Nos gelos, quando é mais rispida a brisa,
O meu passo deslisa!
Por sobre a marezia, que não temo,
E' um sceptro o meu remo!
Ninguem ousou ainda pôr-me pécha
No jogo do arco e frecha!
No alcantil das rochas mais agudo
Planto ahi meu escudo!

E' em vão isto tudo!
Porque Isabel, que tem minha alma preza,
Nunca vem ao terraço;
Não sabe os soffrimentos mil que eu passo,
E o meu amor despreza.

II

Passa a Princeza ás grades da prisão,
E diz: «Harold! estás agora mudo?
Ouvi-te os gabos do audaz estudo;
Mas, por certo, que não
Sabes a Arte divina
Que os corações domina,
Da Amorosa Canção.»

Responde o Prisioneiro como a medo,
Sob a viva emoção:
— Ensinou-me a paixão
Esse ideal segredo.
Ah, se á bondade vossa vos apraz,
Vereis como a *Canção de Amor* se faz.

Basta-me um *Pé de Cantiga*
Tomado como *Refrem*,
Para que eu diga
Todo o meu mal ao meu bem.

ISABEL, *dá-lhe o seguinte pé de Cantiga*:

«Canta o rouxinol de noite,
Na alvorada a cotovia . . .»

HAROLD:

Quereis que a cantar me affoite,
Acabo a dichotomia:

Canta o rouxinol de noite,
Na alvorada a cotovia;
 Todos cantam, só eu choro,
 Quer de noite e quer de dia.

Completa a *Cantiga solta*,
Ajunta-se a *Seguidilha*,
Em que á mesma ideia volta,
Onde a ideia esparsa brilha:

 Ai, se aquella que eu adoro,
 Piedosa, não allivia
 Esta dor que sempre dura,
 Busco a sombra em que me accoite,
 Onde na erma espessura
 Canta o rouxinol de noite.

Esta dor que aqui celebro,
Antes que ella me mate,
Resumo-a em um *Requebro*
Como seu *Cabo* ou *Remate*:

 De manhã a cotovia
 Canta, e não me raia o dia
 Em que encontre o peito brando
 D'aquella que eu mais queria;
 Noite e dia de amargura,
 Dia e noite vou chorando.

De Amor, como o meu, profundo
 E' esta a viva expressão;
 E agora a pobre *Canção*
 Võe pelas vozes do mundo.

A RAINHA:

Não se ouvirá uma *Canção* mais linda
 N'esta Côrte Plenaria, que celebro
 No proximo consorcio de meu filho
 Com Margarida de Provença.

D. JOÃO DE ABOYM, *com alvôrço para o*
Príncipe:

Falla

A Rainha em fazer Côrte Plenaria!
 Deve ser espectaculo brilhante
 Vêr os grandes Barões feudaes da França
 Fascinados por Branca de Castella,
 Submissos ante o Sceptro de Luiz Nove,
 Uma debil criança! Tantas pompas
 De Portugal saudades attenúam.

D. AFFONSO:

Prestes, nossas ausencias terão termo,
 Pelo meu casamento com Mathilde,
 Gentil viuva, Condessa de Bolonha.

D. JOÃO DE ABOYM:

Conhecia quanto ella vos amava;
 Mas nunca imaginei que assim tão cedo
 Vos rendesseis...

D. AFFONSO, *sorrindo*:

Foi com condições prévias:

A Rainha é que fez o casamento;
De Romain de Saint Ange dá-me o auxilio,
O Legado do Papa; ambos reunidos
De Portugal o throno me asseguram.

D. JOÃO DE ABOYM:

Sob esse aspecto, todos os que andamos
Cá na Córte de França refugiados,
Confiam na risonha perspectiva.
A Rainha é dilecta do Legado . . .
Por mutua connivencia, se dissolve
O juramento de fidelidade
Que ainda sustentava El-rei Dom Sancho.
Eu beijo-vos a mão de Soberano.

Esplendorosa festa na Córte, quando se entrega a Gilles de
Flageac o contracto de casamento do Delphim com Mar-
garida de Provença.

GIL DE VALADARES, *conversando com*
JORDÃO DE SAXE:

Nas festas de hoje o que me encanta em extremo
E' o Drama que vae representar-se,
De que se falla ha tanto, com intuitos . . .

JORDÃO DE SAZE:

Tem, em verdade, o Drama um pensamen
E' a réplica dada aos Summulistas
Contra o seu Auto das Escolas Baixas.
Versa o thema da peça em seu entreocho
Da *Fé explicita*: opportuna these,
Quando no sul da França se renova
A Cruzada, e em Tolosa se inicia.
Não te será o Drama indifferente.

*(Resôam as musicas dos Mene-
mores no arranjo do scen-
mam assento os cortezaos.
representação do Auto de M)*

A NOIVA DE CORYNTHO

PRIMEIRO ACTO

SCENA I

Deidamia e suas duas filhas Erythia e Periclete

DEIDAMIA:

Vivo em tanta anciedade!
Vosso pae anda ausente;
E esta tempestade
Não passa . . . Assim, quem hade
Ter uma hora contente?

ERYTHIA, abraçando a mãe:

Suavisae vossas penas,
Mais ancias não consinto . . .
Eu mesmo já presinto
Que o pae partiu de Athenas;
Breve chega a Coryntho.

PERICLETE:

A um Nume elemente
Fazei qualquer promessa;
Que a vossa angustia cessa!
Talvez que de repente
O bom pae appareça.

(DEIDAMIA sde para orar no Larario, e
instantes depois volta com o marido.)

SCENA II

As mesmas e Hermodoro

DEIDAMIA:

Volta a felicidade
Ao nosso lar agora ;
Poder da Divindade!
Ser crente quem não hade ?
Tanto póde o que implora!

HERMODORO:

Lá, bem longe, em Athenas
As estatuas mais raras,
Lembravam-me as serenas
Vossas formosas caras ;
Estas feições preclaras.

Os cantos dos Poetas,
Das dansas o balanço,
Os jogos dos athletas
Não alcançam as métas,
— D'este lar o descanso.

Deu-me carinho, abrigo
E entranhado affecto,
Não desmentido e antigo,
O hospedoso amigo
Debaixo do seu tecto.

De um serão na vigilia,
Vespera da partida,
Disse, em voz commovida :
— Fosse a minha familia
A' tua um dia unida! —

N'esse momento infesto
De quem vae pisar trilhos
Hostis, n'um claro gesto
Fizemos o protesto
De casar nossos filhos.

(As duas filhas approximam-se; DEIDAMIA mantém-se reservada; HERMODORO continúa:)

Sthenios é bello moço,
De uma alma ingenua e pura;
Eu só quero o bem vosso...

ERYTHIA:

Que ditoso alvorôço!

PERICLETE:

Imprevista ventura!

HERMODORO:

Sthenios doudo anda
De amor por Periclete;
Este cinto vos manda,
Uma setinea banda,
E annel, com que promette...

PERICLETE, aceitando as prendas:

Devo ficar bonita
Com taes joias, bem sinto.

ERYTHIA:

A alegria me agita.

HERMODORO:

Sthenios breve a Coryntho
Vem pagar-me a visita.

(Sde com a filha, que vae tocar-se.)

SCENA III

Deidamia, só:

A familia de Sthenios
Adora os falsos Genios,
Crê no Polytheismo!
Desconhece a Lei Nova . . .
Antes veja eu na cova
A filha . . . que no abysmo!

Porque hoje este noivado
Com o joven namorado,
Que os idolos adora,
Certo é da alma ruina,
Pois Satanaz propina
No Amor veneno agora.

Quem d'este abysmo á borda
Para o dever me acorda,
E liberta do horror?

SCENA IV

Deldamia e Symacho, presbytero

SYMACHO:

Em salvar Periclete
Todo o zelo promette
O vosso Confessor.

A benção que vos lanço
Dar-vos-ha força tanta!
Com segurança avanço:
— Jesus, Cordeiro manso,
Falsos Deuses supplanta! —

Para o triumpho importa
Seja a vontade morta
A todo o sentimento;
Porque o mal se corta
Só por meio violento.

Quando a Verdade brilha,
Impõe-se, como a luz!
Mãe que a salvação trilha,
Pela Via da Cruz
Arraste a propria filha.

Deus fez o Sacrificio
Do Unigenito, e até
Na Lei Velha Jephthé;
Este Dogma é inicio
Da Igreja, impõe-se á Fé.

Ananias, Saphira,
Os dois esposos velhos,
Cáem mortos de joelhos,
Suspeitando mentira
De Pedro nos conselhos!

O bem é um remedio,
Mesmo á força se toma!
N'estes exemplos, vede-o:
Só os prazeres doma
A Dor, *da vida o tedio!*

Salvemos Periclete,
Fazei por ella o Voto.
E quem a Deus promette,
Nos infernos se mette
Se não cumpre . . .

DEIDAMIA:

Eu o noto.
Emquanto esteve ausente
Meu marido em Athenas,
Soffri continuas penas,
Receiosa, tremente

Dos terríveis naufragios
No mar, e os piratas,
Em regiões ingratas!
Com os negros presagios,
Tive uma noite um sonho,
Pezadello ou delirio ;
Eu, n'este atroz martyrio
Ante o altar me ponho :
Por salvar meu esposo,
Da filha á Divindade
Da sua virgindade
Fiz voto fervoroso.

SYMACHO:

Sonho ou revelação
O Céu claro o indica :
A filha sacrifica
Por santa obrigação.

SCENA V

Deidamia, Symacho e Hermodoro

DEIDAMIA:

Tenção que alguém promette
A Deus, tem de cumpril-a!
Consagrei como *Ancilla*
De Christo a Periclete.

SYMACHO, *intervindo* :

E' sentença a palavra
Quando um voto traduz!

HERMODORO:

A Loucura da Cruz
Em minha casa lavra!
Confessam os Christãos,
Que esta Doutrina nova
Dá-nos por leito a cova,
Mette a Espada entre irmãos . . .

SYMACHO:

Quando é reconhecida
E evidente a Verdade,
Com sangue e auctoridade
Que seja diffundida!
No seu Imperio todo
Decretou Constantino
Este Dogma divino,
Impondo-o por tal modo.
A Deus nada se véde!

HERMODORO, *dparte*:

Taes ideias deploro.

DEIDAMIA:

Hesitas, Hermodoro?
Que ventura! elle cede.
Vou chamar minha filha
Para ouvir sua sorte.

(*Sde.*)

HERMODORO :

Vejo sombras de morte,
Desunião que humilha.

SCENA VI

Os mesmos ; entra Deldamia com Periclete,
deslumbrante de formosura

PERICLETE, *aparte, sorrindo* :

Agora se celebra
O meu esponsalicio ? ...

SYMACHO, *tomando-a pela mão* :

No mundano bulicio
Voto perpetuo quebra.
Virgem christã ...

PERICLETE, *fitando o Presbytero, e ven-
do-lhe o véo preto* :

Que é isto ?

Que horror se me affigura!

SYMACHO :

Entra para a clausura,
E's *Ancilla de Christo*.

DEIDAMIA :

Eu fiz esta promessa,
De teu pae pela vida,
Que eu julgava perdida;
E' força que obedeça . . .

SCENA VII

Os mesmos; C6ro de Donzellas

C6ro:

O que 6 isto, Hermodoro?
Em vez do esponsalicio,
Vemos um sacrificio,
E Periclete em choro !

Ella est6 semimorta,
Muda, sem esperan7a !
Cae-lhe no ch6o a tran7a,
Que m6o austera c6rta !

E consente isto o C6o ?
Por que Lei se faz isto ?

SYMACHO:

Como *Ancilla de Christo*
Lan7o-te agora o v6o.

SCENA VIII

Quadro : Aparece o Côro das Famulae Dei,
murmurando lugubrememente orações; rodeam Periclete,
levando-a para dentro.

CÔRO DAS FAMULAE DEI:

Vem, pomba immaculada,
Para a santa morada;
Não serás devorada
Das paixões pelo abutre!

O peccado se nutre
Onde acha formosura!
E's bella, oh creatura!
Accolhe-te á clausura.

*(Prolonga-se o murmúrio das orações,
fechando-se as portas com ruído.)*

Terás o infindo goso
Do teu celeste Esposo!
Do Emphyreo delicioso
E' porta a sepultura.

Entre-Acto

PERICLETE:

A flor da mocidade
Foi com furor truncada;
N'esta fria morada
E' sempre noite.

Sem um seio que me accoite,
Terror sobre mim vem;
E é minha propria mãe
Que aqui me fecha!

Tudo me abafa a queixa
Do coração ferido;
Esmoreço no olvido
D'esta clausura.

A graça, a formosura,
A alabastrina derme,
Serão pasto do verme
Que ouço roendo!

Maldito o Dogma horrendo
Que o puro Amor condemna;
Detesto a eterna pena
Com que me ameaça.

O Verbo me amordaça!
Succumbo sem socorro;
No desespero morro,
N'este imo abysmo.

CÓRO DAS ANCILLÆ CHRISTI:

Irmã do paroxismo
Em que decáes, descansa;
Christo é a Esperança,
Vida nova — o Baptismo.

PERICLETE, *em delirio*:

De que serve essa agua
Que sobre mim se emborca?
Este cordão é forca
Que me estrangula!

Doutrina estulta e nulla,
Que nos traz submettida
Pelo tédio da Vida
Feito delicia . . .

CÓRO DAS FAMULAE DEI:

Blasphemias com malicia!
Heresia ferina
Obriga á disciplina;
Soffrerás, sem caricia.

*(As ANCILLAE CHRISTI vão passando jun-
to de PERICLETE, batendo-lhe cada
uma com as disciplinas)*

PERICLETE:

Na lucta não resisto;
Renego a nova luz
Da Loucura da Cruz,
Da redempção de Christo.

FAMULAE DEI :

Pois proclama-se isto
Aqui na nossa face!
Sepulte-se no *In pace*
Por castigo não visto.

(Levantam uma lagem na crasta do Asceterio, e descem PERICLETE para o antro.)

CÔRO DAS ANCILLAE CHRISTI :

Esta pezada lagem
Lhe abafará a queixa . . .
Ainda ouvir nos deixa
A dorida linguagem.

Como ardente resôa
Nas almas essa falla;
E com que emoção cala!
A Natureza é boa.

(Retiram-se resando, e escurecem as lampadas.)

SEGUNDO ACTO

Alta noite. — Bate-se á porta da casa de HERMODORO.

SCENA I

Hermodoro e Deldamia

DEIDAMIA, *sobresaltada*:

Batem á nossa porta,
Quando é tudo a dormir!
Mas, quem poderá vir
Em hora aziaga e morta?

HERMODORO:

Lá batem outra vez!
Quem quer que é, traz pressa.

DEIDAMIA:

Não sei que me pareça!
Vae a janella, e vês.

HERMODORO:

Quem é que está lá fóra,
Não sei, por mais que pense...

Voz, na rua:

Sthenios, atheniense;
Chego a Coryntho agora.

DEIDAMIA:

Situação imprevista,
Que surpreza e embaraço!

HERMODORO:

Imagino o cansaço
De tão longinqua pista.

SCENA II

Os mesmos e Sthenios

HERMODORO, *abraçando-o*:

Bem vindo, oh caro amigo,
Muitas vezes bem vindo!

STHENIOS:

Das jornadas é findo
Aqui todo o perigo.
Ao hospedoso tecto,
A este lar sagrado
De Athenas, vim guiado
Por um ideal affecto.
Trago-vos mil lembranças
Do paterno tugurio;
E venturoso augurio
Alente as esperanças.

DEIDAMIA, *interrompendo*:

As lembranças acceito,
Quanto isto nos alegra!
Cansado, e em noite negra,
Careceis já do leito.

HERMODORO, *para a mulher*:

E' esbelto este moço ...
Que angustia me accomette!

STHENIOS, *dparte*:

Eu, sem vêr Periclete,
Dormir, dormir não posso.

DEIDAMIA, *correndo uma cortina*:

Eis aqui vossa cama,
N'este pequeno quarto;
A' vontade. Eu me aparto ...

(Sde).

HERMODORO, *com tristeza*:

E não verá quem ama.

SCENA III

Sthenes, só:

Eu não tive a ventura
De ainda hoje vê-la!
Não me fallaram n'ella!
E a noite tanto dura!
O coração no peito
Angustiado bate;
Sinto que não me abate
A fadiga no leito.
São longas estas horas
Da espera, com affan;
Mas, vendo-a amanhã,
Terei duas auroras.
Com que anciedade vinha,
Por vêr-me d'ella perto!
O espírito desperto
Não sei que me adivinha! . . .
Será isto delirio?
Que frio me trespassa!
No ar ambiente passa
O perfume de um lirio.

A lampada é acceza,
Com susto não a apago.
Do perfume me embriago!
Espantosa surpresa!

*(Vê entrar no quarto um vulto de mu-
lher, com um largo véo branco ou su-
dario.)*

SCENA IV

Sthenios e Periclete

STHENIOS:

Como é nivea e bella,
De graça que surprehende!
O susto a voz me prende;
Afoga-me a loquella,
Quero fallar, . . . não posso . . .

PERICLETE:

E's tu o meu amado,
Por mim sempre esperado,
Sthenios, gentil moço?
Elle nada responde!
Tal mudez não offende;
Os seus braços me estende,
O rosto em mim esconde.
N'este soluço breve
Que lhe acompanha os beijos,
Seus intimos desejos
A confessar se atreve!
N'este ardor se embriaga;
No sonho que o transporta,
Não sabe que estou morta.
Que a paixão se me apaga.

SCENA V

Os mesmos e Deidamia

DEIDAMIA, *observando com espanto* :

Que insolita loucura!
Como, oh filha imprudente,
Violaste o ambiente
Da sagrada clausura?
Do estrangeiro nos braços,
Como a que adora Astarte,
Vens aqui entregar-te,
Entre ósculos devassos?
Tu, de Christo a Ancilla,
Que lavou o Baptismo,
Cahida assim no abysmo!
A raiva me aniquilla!

PERICLETE, *respondendo e tomando por-
porções phantasticas* :

Faz dó vossa linguagem;
Não quebrei a clausura!
Ancias da sepultura
Levantaram a lagem.
Sudario sepulchral
Envolve o niveo flanco;
E' mortalha o véo branco
Do rosto virginal.
O desejo jocundo
Do meu sonhado amor,
Deu-me ainda o calor
De vir da cova ao mundo.

Maldigo n'este instante
Uma odiosa Crença
Que afoga a ancia immensa
De um coração amante,
Que o affecto materno
Em odio máo converte;
Que o corpo faz inerte
Por terrores do inferno.
Vesania doentia
A Loucura da Cruz,
Hoje as nações conduz
Ao atrazo e apathia.
Meu intimo suspiro
As almas não acorda;
Da sepultura á borda
Vagarei, frio vampiro.

(Desapparece.)

SCENA VI

Os mesmos, Symacho e Hermodoro

DEIDAMIA, *aproximando-se de* STHENIOS:

Sthenios não se move;
Elle está hirto, frio!

HERMODORO:

E' sonho ou desvario
O que ouço, e me commove?


SYMACHO, *com gestos liturgicos:*

Agouros exorcismo!
Os olhos ao Céu alço;
Da Grecia o culto falso
Venceu o Christianismo.
Para dar salvação
Toda a violencia é licita;
Assim da *Fé explicita*
Faz a Igreja a expansão.
Quando a Verdade brilha
Impõe-se, como a luz!
A Igreja isto perfilha
Na Loucura da Cruz.
Nenhum crente se importe
De ruina ou desgosto;
Que o Dogma seja imposto
Até com sangue e morte.

*(Ao terminar-se a representação sobam
dobres funerarios, que despertam a
curiosidade do auditorio.)*

D. AFFONSO, *para* D. JOÃO DE ABOYM:

Chegou noticia do falecimento
Da Rainha leoneza, minha tia.
Sei que o rei Dom Affonso em paroxysmos
Se congrassara com a irmã, pedindo
Que protegesse o herdeiro do seu throno.
Dos Frades Prégadores attendida
Por suas doações, trégua impozera
Aos odios contra o joven rei herdados.



D. JOÃO DE ABOYM:

Livre é agora a poderosa Ordem
Para a reclamação de immunidades!
Inda o não saberá Frei Pedro Affonso,
Dominicano, que se encontra em Roma
Com os outros Prelados portuguezes?

GIL DE VALADARES, *aproximando-se*:

Será certo o que ahi se diz — que é morta
A Rainha leoneza?

GOMES VIEGAS:

Muito certo;
O Principe o sabia ha poucas horas.
Inesperadamente a nossa causa
Adianta-se; a Rainha divorciada
Sustava os Frades, protegendo Sancho.

*(Os Fidalgos portuguezes agrupam-se
interessados com a noticia, conver-
sando animadamente.)*

GIL, *afastando-se, e dparte*:

Foi impotente a Sciencia, em que eu confiava
Para trazel-a da rasão á posse!
Renegarei da Sciencia, que me illude
Com fórmulas vazias, pedantescas,
Que são da Natureza véos mais densos
Do que os Mysterios que sublime a tornam?

Essa Divisa que adoptara, alegre,
 No idealismo feliz da mocidade,
 Foi um presentimento. O Mal, a sorte,
 O destino ou atroz Fatalidade,
 A força destructiva que atropella
 O organico impulso, me apagaram
 O simples *Bon Espoir*. O que me resta?
 Agora — *Plus joir!* Ha maior goso
 Ainda acima do *Amor* e da *Sciencia*:
 E' do *Poder* a posse e a vertigem.

JORDÃO DE SAXE, tendo-o seguido e ouvido:

A paixão da tua alma dolorida
 Para o caminho verdadeiro impelle.
 Um espirito fraco e quebrantado,
 Teria a obsessão do suicidio;
Sans plus joir, ou moralmente morto,
 Far-se-hia um penitente anachoreta.
 Teu activo temperamento impõe-te
Plus joir! Mas teu claro entendimento
 Não te leva para o prazer grosseiro!
 Ha um Prazer maior que os outros todos,
 E' o Poder! que as grandes almas visam.
 Hoje a Ordem dominicana exerce
 A acção pontifical, indiscutida,
 A maior energia que ha no mundo,
 Já presidindo a todos os Poderes!
 N'esta lucta com Dom Sancho Segundo,
 Na proxima ascensão de Affonso ao throno,
 Ha campo aberto para revelares
 Teu character audaz, preponderante!
 A Ordem monachal, que instituida
 Foi pelo *Anjo da cortante Foice*,

Teu superior espirito conhece:
O seu Poder confiara-te n'esta hora,
Que funda a paz na Côrte portugueza.
A' crypta do Convento de Saint Jacques
Vem commigo; um terrifico segredo
Só posso lá confiar-te, e o tempo urge...

(Sdem ambos apressadamente do palacio.)

Na crypta da egreja do Convento de Saint Jacques, mal alumada por um lampadario.

JORDÃO DE SAXE:

Um terrivel segredo aqui nos trouxe,
Gil, a este retiro impenetravel,
Para o communicar-te. A estas horas
Remotas, conferir juntos podemos,
E seguros.

GIL:

Attentamente escuto,
Pois que me consideras do segredo
Inviolavel, capaz de conhecel-o.

JORDÃO:

A Cruzada sangrenta se renova
Contra a turba Albigense; ao sul da França
Vão desencadear-se repentinas
Fortes devastações contra os sectarios,
Que antepõem o *Amor* ao *Verbo*.

O Legado Saint Ange á grande Causa
Trouxe a Rainha Branca de Castella,
Que á vontade do Papa se submette.
Está fundada a Inquisição, e agora
O Papa exige que funcione prompto.
Isto interessar-te-ha.

GIL:

Porque motivo?

JORDÃO:

Foi o Doutor Sigier assassinado . . .
Porque as rivalidades das Escolas,
Das doutrinas scientificas que segues,
Ante o Legado te denunciaram
Por um Medico atheu . . . Outros por menos
Foram na praça publica queimados.
Declararam que humanos corpos alves
Nos estudos da Anatomia, praxe
De Herophilo imitada. Outros te accusam
Da parodia de um drama sacro, ha pouco
Representado nas Escolas baixas,
Que o Legado Saint-Ange figurava
No *Santo Anjo* Gabriel, e seus amores
Com a Rainha, a *hontense connivence*,
Na vil phrase da escolaresca gente!
E que um magico Anel trazes no dedo,
Nas Covas de Toledo recebido,
Ao iniciar-te na Magia negra!
Que malévolo Espirito te serve
Sob a apparencia de um Escholar pobre,

**Que para toda a parte te acompanha!
Emfim que lê os proprios textos gregos
Na obra de Aristoteles, completa!**

GIL:

**Sinceridade de alma em mim conheces,
O entusiasmo e desinteresse
Pela Sciencia! e quanto me domina
O humano soffrimento. Essas intrigas
Se existem contra mim, tu me aconselha
O que devo fazer?**

JORDÃO:

**Podes salvar-te ...
Depende de uma resolução tua.
N'esta corrente desvairada e louca
De aspirações, de ideias, de doutrinas
Em convulsão revolucionaria,
Duas forças mantêm a Sociedade
No equilibrio estavel, ou a Ordem:
— Sacerdocio e Imperio! — uma unifica
Na Egreja universal todas as almas,
Sob o Poder espiritual do Papa.
Na Monarchia universal dos povos
A temporalidade tem-n'a o Imperio.
D'este Seculo audaz todo o conflicto
Proveiu da profunda dissidencia
Que houve entre os dois Poderes. O momento
Em que se reconhecem solidarios
E' chegado: o interesse os liga em frente
D'esta corrente que dissolve tudo
Pela Revolução e Livre Exame!**

Assim hoje, todo esse atroz delirio
 De Seitas religiosas e de Escolas,
 Politicas facções, sociaes problemas
 Systemas philosophicos, poesia,
 Vão ser sustados pelos dois Poderes.
 Ai de quem se oppozer a força tanta,
 Que imperturbavel esse grande plano
 Da Conservação propria a tudo impõem!
 Compreenderás agora, que a divisa
 De *Lapidibus quadris* das Jurandas,
 E a divisa das Universidades
 De *Lapidibus vivis*, nada valem
 Ante *hanc petram* em que é firme a Igreja!
 Para que tu não sejas envolvido
 No vórtice sangrento em que desaba
 Toda essa imaginosa Renascença,
 Basta um passo: A' Igreja tu te acolhe.
 Quem dirige esta repressiva lucha
 Temporal e dogmatica é a Ordem
 Dos Prégadores . . .

(JORDÃO *aproxima-se de um altar*; GIL
segue-o automaticamente.)

Gil! bem comprehendes
 Como a Fé é um acto da Vontade.
Credere voluntatis est! disse-o
 Santo Agostinho. E como se effectua
 A vontade se não no acto de força?

(*Toma o Escapulario dominicano e lan-
 ça-lh'o resolutamente ao pescôço; em-
 quanto GIL fica hesitante, apparecem
 sahindo detraz do altar o Legado
 SAINT ANGE e UMBERTO.*)

O LEGADO, *com vestes pontificaes:*

Dou-te a tonsura prima ; significa
Obediencia passiva.

(Corta-lhe uma madeixa de cabello.)

E eu te confiro
Por meu poder o Sacramento de Ordem.
E's Professo dominicano, adstricto
De agora em diante á sacrosanta Regra.
Pedro ensinou que a Fé se impõe á força
Na sua fórmula explicita : repara
No caso de Ananias e Saphira.

UMBERTO, *acolytando o LEGADO:*

Salvou-te da fogueira preparada
Ha muito, Gil, a insolita Esmeralda
Do teu Anel, em que insculpida mostra
Do Santo Anjo a Annunciação da Virgem.
Entre os Irmãos da Virgem, tu, liberto
Partilharás d'esse poder immenso
Que firma a Igreja em inabalavel pedra.

*(Ouve-se em cima na igreja de Saint
Jacques, ao som do orgão a Sequen-
cia :)*

*Foemina Stella maris,
Sic Virgo Maria vocaris.*

GIL, *para si, taciturno*:

Como se contradisse em um momento
Toda a minha existencia, dissentindo
Os principios do irrevogavel acto!
Ah, decididamente o individuo
Contra a marcha social é impotente,
Quando segue isolado. Não me custa
Por mim; dê-me o fracasso tenebroso
D'esta brilhante e leda Renascença,
Que tarde se renova! Oh Grecia, ainda
Uma outra vez hasde triumphar de Roma,
Elevando a alma humana á Sciencia, ao Bello!

O LEGADO:

Junto á Rainha Branca de Castella
Chegaram vozes, que o auctor tu eras
Do *Auto dos Zelos de José*. Eu creio
Que és extranho ao libello das Escolas;
Mas para obtêr a graça da Rainha,
Esse Anel de esmeralda lhe offerece
Com a *Annunciação do Santo Anjo*,
Mysterio que ella adora e a extasia.

GIL, *amargamente*:

Assim o cumpro.

(*Tira o Anel, beija-o e entrega-o a Ro-*
MAIN DE SAINT ANGE.)

O LEGADO:

Uma missão piedosa,
Que para mim muito é consoladora.

GIL, ajoelhando:

Pois que de mim unicamente exigem
Fé explicita — exterioridade,
Faço nas vossas mãos o simples voto...

JORDÃO:

De Obediencia inteira!

(GIL acena com a cabeça afirmativamente.)

Isto promettes.

Em tudo o teu saber é comprovado,
Como homem de estudo e disciplina,
Do Noviciado e exame estás isempto.
Vem commigo á Capella de Saint Jacques,
De professo é-te o habito lançado.

(Ao sahirem da crypta, o LEGADO DO
PAPA rejubila.)

O LEGADO:

Por ti, Jordão, a Igreja é triumphante?
O terceiro Geral serás da Ordem
Dos Prégadores, por teu feito eximio.

GIL:

Uma só cousa peço: a derradeira
Manifestação simples da Vontade,
Que eu renuncio, ao servir a Ordem.

O LEGADO:

Declaral-a podeis, Frei Gil Rodrigues.

FREI GIL:

Que eu a minha primeira Missa diga,
A *Missa aurea* no altar da Virgem,
Em Toledo, onde está a sepultura
Da Rainha leoneza, a desditosa
Dona Thereza, esposa divorciada,
Que teve fé em mim! e que m'ó disse.

O LEGADO, *aparte*:

Como eu, tambem amou uma Rainha!
Menos feliz do que eu, n'alma lhe leio.
Isso bastava para entrar na Ordem.

(Alto:)

Sei mui bem, que a Rainha leoneza
Dera o chão para a fundação em Coimbra
Do primeiro Domínico Mosteiro,
Em Portugal erecto. A *Missa aurea*
Vae celebrar ao pé da sepultura
Da mulher desditosa, a amada . . . Heresta.

Em Toledo, na Igreja do Santo Espirito, onde está a sepultura da Rainha leoneza.

FREI GIL RODRIGUES, *meditando* :

Ella em mim teve fé, e confessou-m'o!
Sua graciosidade e gentileza
De seducção e feminil impulso,
Acordaram-me a intuição na mente,
No sentimento os vehementes éstos!
O Amor, o Amor appareceu-me como
Revelação suprema da existencia.
Nem me preocupei se era casada!
Bastou-me vê-la; esse latente influxo
Que vinha d'ella, n'um olhar, n'um riso
Honesto e vago, dominou-me logo.
Nada egual a impressão de horror e magoa
Que em mim sinto, quando a rasão perdida
Manifestou no attonito delirio!
Como a expressão da gentileza e graça
Se apagou em lethargica inconsciencia!
Louca! em morte moral precipitada
Pela pressão dos intimos desgostos.
Que devia eu fazer, tendo-lhe ouvido
A palavra de confiança extrema?
Vôtei, para salvar-a, o meu futuro;
Fui a Paris cursar a Medicina,
Cuidando que á rasão a restituia,
Trazendo-a á consciencia pelo affecto.
O Amor é a maxima das forças
No Cahos do Universo, em que conflagram
Repulsivas potencias: faz-se a ordem
Só pela aggregação, do Amor a essencia,
Que as fôrmas transitorias unifica.
Em meio d'estas altas esperanças,

Veiu a morte arrancal-a ao soffrimento,
 Libertou-a! Prophetica divisa
 A minha; as esperanças apagaram-se,
 Cortando-me essa esplendida carreira
 Dos meus estudos. Vim refugiar-me
 No claustral e esteril monachismo.
 Ainda aqui eu poderei servil-a
 Na sanctificação das suas magoas:
 Vêl-a um dia sobre o altar sagrado
 Venerado seu vulto.

(Com surpresa, reparando.)

Vulto estranho
 Se aproxima de mim! Sonho ou deliro?
 Será pura illusão dos meus sentidos?
 O mesmo andar...

INFANTA D. SANCHÁ:

Ouvi a vossa missa,
 Na capella onde está a sepultura
 De minha irmã, a infeliz Rainha.
 Ella em vós tinha fé.

FREI GIL, indo ao seu encontro:

Sois vós, Senhora!
 Semelháveis apparição celeste
 Da leoneza Rainha falecida.
 Que parecença nos semblantes vossos!

INFANTA:

Além do sangue, o soffrimento uniu-nos
Dando-nos magoadas parecenças;
Communicou-me a fé que ella em vós tinha.
Sou hoje *Ancilla Christi*, renunciando
A' hierarchia minha, aos privilegios,
Votada em absoluto ao bem dos outros.

FREI GIL:

O verdadeiro Amor esse é, Senhora;
Sem elle a Fé é obsessão sombria;
A Esperança ideal irrealisavel!
Quem não amar não poderá ser crente.
E' toda a Esperança uma anciedade,
Se não a alenta o Amor, que jámais cansa.

INFANTA:

Vossas palavras tanto me transportam,
Como quando medito de Cassiano
As *Collecções dos Santos Padres do Ermo!*
A' espirital direcção vossa
Como eu feliz, segura me entregára!
Vêde em mim minha irmã.

FREI GIL, erguendo os olhos e fitando-a:

O ascendente
Moral, nas almas, não se impõe, possui-se;
Prestigio inexplicavel, que chamamos
Na terrena incerteza — Sympathia!

Natural e espontanea persistindo
 Doce affectividade, — quantas vezes
 Esses lampejos emotivos fulgem
 Em um clarão que é do Amor incendio!
 O Seraphim de Assis assim envolve
 Clara na esphera da attracção divina, —
 E chegaram a amar-se as almas puras.

INFANTA:

Compreendo esse Amor! Nem outro existe.
 Tudo o mais se resume em guerra e dores!
 Mas essa referencia vossa agora
 Ao Seraphim de Assis inconfundível,
 Lembra-me uma missão, que a cumprir tenho:
 O *Cantico das Criaturas* guardo,
 Que compoz San Francisco, e traduzido
 Na lingua portugueza por Antonio,
 Seu discipulo e nosso conterraneo;
 Deu-m'o Thereza, a ultima lembrança,
Só para vós! foram palavras d'ella.
 E' thesouro e reliquia.

FREI GIL, *reconcentrado*:

Ella amou-me . . .
 Este só pensamento me enche a vida.

INFANTA, *tirando do seio o Cantico*:

Eil-o o *Cantico*. Affirmam entendidos
 Que se perdera o texto italiano,
 A fórma portugueza subsistindo
 Em que o recita Antonio de Lisboa.

FREI GIL, *beijando o papel*:

Vem-me d'elle um perfume que hallucina,
Calor que reaccede a ardencia antiga
Da mocidade. E' o retrato d'ella
A piedosa Infanta Dona Sancha!
Fallam os Sabios na Matempsychose;
Eu creio no saber da Antiguidade.

*(Desdobra a copia do Cantico das Crea-
turas, e percorre-o com a vista.)*

INFANTA:

De Antonio de Lisboa a propria letra.

FREI GIL:

Com abreviaturas caprichosas,
Agora em voga. Eu o sentido alcanço.

INFANTA:

Nunca pude lêr bem esta poesia.

*(Lêem juntos, approximando os rostos
ante uma abreviatura difficil.)*

FREI GIL:

Este halito me embriaga, e como inflamma
Do meu sêr as latentes energias!

(A voz treme-lhe e apaga-se na leitura.)

INFANTA :

Soffreis, Frei Gil?

FREI GIL:

Um extasis, apenas.

INFANTA :

Um Director assim ambicionara.
Com tal guia os espinhos da existencia
Ao trilhal-os, convertem-se em delicias.

(Mette o rosto entre as mãos do frade.)

Occulto na penumbra de um confessorario espreita o **ESCHOLAR POBRE**, que se appresenta como frade com o nome de

FREI JOÃO FRANCEZ:

O Amor divino a encarnar-se tende;
Sae da aspiração mystica, buscando
Um Symbolo, ou melhor — a realidade
Que se toca. Frei Gil, bem se recorda
Da Montanha Latina, onde as doutrinas
Do Santo Espirito estudava attento.
Foi lá, que a milaneza Guilhelmina,
Formosa, se entregava aos que adoravam
Do Santo Espirito as visiveis fórmas.

FREI GIL, *voltando a si do extasis*:

Levantae-vos, Senhora! Eu é que devo
Rojar-me a vossos pés.

INFANTA:

Eu, vossa filha,
Minha inteira vontade vos entrego;
Por esta mão piedosa irei segura
No Itinerario da beatitude.

(Toca a garrida para o Cbro da tarde.)

FREI GIL:

São as horas canonicas.

INFANTA, *recolhendo-se*:

Separam-nos.

FREI JOÃO FRANCEZ:

A final, no Convento de Saint Jacques
Tu foste professor, buscando a força
Que tem a Ordem dos Dominicanos,
Hoje o baluarte da Orthodoxyia!
Não te levou a Fé para a clausura;
A ambição do *Poder* e o desespêro
Deram causa ao que chamas sacrificio.
Eu tambem entendi fazer-me Frade,

Como o creado do Rufian dichoso,
De uma lenda que ouvi outr'ora em Hespanha:
Sou *Frei João Francez*; cheguei a tempo
De eu ajudar tua primeira missa,
A *Missa aurea* dedicada á Virgem,
Unida á ideia sensual de Heresta.

FREI GIL, *fito com pasmo o vulto do frade, que reconhece:*

O Escholar pobre! E's tu Titivetus,
Nós estamos em franca hostilidade,
Temos os nossos arraiaes assentes.

FREI JOÃO FRANCEZ:

O Pacto guardo, em que te constituiste
Adscripto á Negação! e agora cuidas
Refugiar-te de mim junto aos altares.
Mas em ti a Rasão domina sempre,
Fez-se o *Organum* em ti de sangue e carne.

FREI GIL:

Como fazes valer o juramento,
Quando tu foste o proprio que incutiste
A negativa critica, o desprezo
Das vãs fórmulas pela vacuidade?

FREI JOÃO FRANCEZ, *apresentando a Cédula do Pacto*:

Mas diante da letra d'este Pacto,
E' tua assignatura irrefragavel,
Firmada, authenticada com teu sangue;
Ousas tu affrontar a realidade?

FREI GIL, *serenamente*:

A critica inventou a nova Sciencia
Da Exegese dos Textos, e na Letra
Mostra sentidos varios, distinguindo
O historico, o mystico, o allegorico,
E o moral, conforme a conveniência.

FREI JOÃO FRANCEZ:

Authentica é pois esta assignatura,
Por tua propria mão, com sangue, escripta.

(Mostra-lhe o texto do Pacto.)

FREI GIL, *com ironia*:

Eu julguei que mais Logica soubesses!
Não é assignatura o que ahí mostras;
Lê bem! Duas palavras — *Aegi diu*,
Que traduzidas em romance, exprimem
«Luctei por muito tempo!»

FREI JOÃO FRANCEZ:

Fui logrado!

Tão ladino és, que ainda serás Santo,
 Tanto enganas a Deus como ao Diabo.
 Não me serve dos textos a incerteza;
 Aos Theologos enrede a Exegese.
 Quando um dia se usar letra de molde,
 Multiplicando os Livros, entre o vulgo
 Espalharei as Paginas sagradas
 Para que á luz do Livre Exame as lêam.
 Eu então n'essa nova Renascença,
 Irei tentar o Sabio de outra fórma:
 Quando já velho e gasto sobre os livros
 Se recordar da extincta mocidade,
 Mostro-lhe a sedução da Natureza,
 Da ignorada Circe encantadora,
 N'um impeto sensual a alma me entrega
 Pelo regresso a alegre juventude.

*(Vae ao encontro de FREI GIL, que indo
 a beijar o Anel da esmeralda da
 pela sua falta.)*

Cessou a relação de dependencia
 Que entre nós existia: Isso que importa?
 Como espiritos criticos vivamos;
 Eu bem sei que és uma alma apaixonada,
 Que, faltando-te um dia o amor terrestre,
 Todo te absorves no Amor divino.
 Ainda assim continuarás servindo
 O espirito de Negação . . .

(Vendo um Mensageiro entregar uma carta a FREI GIL.)

Chamam-te

**De Paris, para a Junta dos Prelados ;
N'estes conflictos entre os dois Poderes
Espiritual e temporal, coopéras
Servindo a um para a ruina de ambos.**

(Desapparece. FREI GIL RODRIGUES, mette-se a caminho para Paris, chamado pelo Geral da Ordem.)

2.º Quadro — A JUNTA DOS PRELADOS

Nos aposentos do PRINCIPE D. AFFONSO, Fidalgos portuguezes emigrados em conferencia.

D. JOÃO DE ABOYM:

Chegaram os Prelados portuguezes;
Vêm de Roma contentes, sobre todos
O Arcebispo de Braga, Dom João d'Egas,
E Dom Tiburcio, o Bispo de Coimbra.

PRINCIPE D. AFFONSO:

Mas, da deposição trazem a Bulla?

D. JOÃO DE ABOYM:

Sei que trazem Capitulos assentes,
Que tendes de jurar. Com os Prelados,
Frei Domingos de Braga, franciscano,
E o dominicano Pedro Affonso
Tambem vieram, mais os dois fidalgos
Ruy Gomes de Briteiros, Gomes Viegas.

PRINCIPE:

E da Bulla do Papa não fallaram?

D. JOÃO D'ABOYM :

Antes de a Bulla vêrmos, é mostrada
Ao Legado Saint Ange; á vista d'ella
E' que se faz o casamento vosso
Com Mathilde, Condessa de Bolonha;
Deve ser celebrado hoje aqui mesmo,
Em presença da Junta dos Prelados.
As noticias de Portugal exigem
Rapidez, acção prompta. Um rumcr ouço . . .

*(Passos de gente que se aproxima; vae
d porta e volta subitamente.)*

Os Prelados e os Fidalgos chegam,
Aos vossos aposentos se dirigem;
Vêm celebrar a Junta. O tempo urge.

O ARCEBISPO, *entrando adiante:*

Como a meu Rei, senhor, a mão vos beijo.

*(Os outros personagens vão repetindo a
cerimonia, dispondo-se em volta do
PRINCIPE D. AFFONSO.)*

Entrego-vos Capitulos do Accôrdo
Entre o Poder real e o da Igreja,
Que tendes de jurar, por fundamento
De vos reconhecermos Soberano.

PRINCIPE, *percorrendo os Capitulos:*

Ecclesiasticas immuniidades?
Juro cumprir o conteúdo á risca.

GOMES VIEGAS, *entregando uma Cartula* :

Capitulos do Fôro da Nobreza
Os Fidalgos de Portugal vos trazem.

PRINCIPE, *lendo por alto* :

Juro cumprir as clausulas prescriptas
Nos Privilegios vossos de Linhagem.

(GOMES VIEGAS *vae beijar a mão do Príncipe, e os demais Fidalgos o imitam.*)

Até aqui tenho eu assegurada
A obediencia do Clero e Fidalguia.
A vontade do Povo quem garante?
O juramento de Fidelidade . . .

D. JOÃO DE ABOYM:

Pela Bulla do Papa é dissolvido.

BISPO DE COIMBRA:

Deu-a Honorio Terceiro, o Santo Padre;
Trouwemol-a; em poder é do Legado,
Que ora á Rainha Branca de Castella
A foi mostrar risonho e pressuroso.
Exige o Papa, que um Sacerdote
Corajoso, apresente pessoalmente
A Bulla que depõe Sancho Segundo
Do throno, e ao monarcha em mão a entregue!
Não é facil achar clerigo ousado
Que á cerimonia emocional, tremenda
Se preste; — só se fôr Dominicano.

PRINCIPE:

Na Junta dos Prelados portuguezes
Ha quem se preste ao acto decisivo
E o mais altivo do Poder da Egreja ?

BISPO DE COIMBRA:

De todos os Prelados que aqui vêmos,
Nenhum quer a corôa de martyrio.

(Os demais Prelados ficam silenciosos.)

PRINCIPE:

O requisito essencial me falta
Da imposição da Bulla ; vale o mesmo
Que não ter sido dada pelo Papa.

O LEGADO, *apparecendo* :

Aos Bispos e Prelados portuguezes
A Bulla que depõe Sancho Segundo
Entrego reverente. Em breves dias,
Frade dominicano a Paris chega,
De alto saber e de character firme,
Que pela obediencia não hesita
Levar a Portugal de Honorio a Bulla,
E appresental-a ao Rei solemnemente.

PRINCIPE:

Frei Gil Rodrigues ?

D. JOÃO DE ABOYM:

Sim; vem de Toledo,
 Pelo Geral da Ordem foi chamado.
 Vós partireis com elle. O plano é simples:
 Sendo intimada a Bulla, ireis de prompto
 Pelos Castellos todos, a homenagem
 Tomando dos Alcaides, começando
 Por Lisboa, por Santarem, Leiria,
 Comprando-os com dinheiro ou indulgencias,
 Conforme for preciso.

O LEGADO:

Como em breve
 Partireis para Portugal, segui-me
 Para a Capella do Palacio, aonde
 Vae celebrar-se o vosso casamento;
 A Rainha e Mathilde vos esperam.

*(Levantam-se e dirigem-se todos para a
 Capella real.)*

PRINCIPE, *d'parte*:

O casamento estava contractado,
 Da deposição era a Bulla o preço;
 Mas, não me lisonjêam tantas pressas!

O ARCEBISPO DE BRAGA, *para o PRINCIPE*:

O pensamento vosso eu estou lendo.
 Faça-se o casamento inevitavel,
 Preciso para o exito completo
 D'esta empreza, que dá de um throno a posse...

Nada de apprehensões! Roma é comnosco;
Assim como dissolve o juramento
Que liga o Povo aos Reis, tambem desata
Os laços conjugaes pelo divorcio . . .
Quando lhe dão *valiosos* fundamentos.

(Entre a RAINHA e o LEGADO, realisa-se
na Capella o consorcio do PRINCIPE
D. AFFONSO com MATHILDE, CONDESSA
DE BOLONHA.)

Na cella do Convento de Saint Jacques, dos Frades Pregadores, em Paris.

FREI GIL RODRIGUES:

Triste missão! A Junta dos Prelados
Reunida em Paris, me entrega a Bulla
Que ao Rei de Portugal depõe do throno!
Tenho de ir pessoalmente ante o monarcha
Esse raio vibrar do Vaticano.
Sancho Segundo, ativo e irascivel,
Hade aparar o golpe. Eu obedeço.
Os Capitulos jura Dom Affonso,
Que o Clero e a Nobreza lhe impozeram;
E' destemido, e já commigo parte.
Vae tomar a homenagem dos Alcaldes
Que os Castellos pelo seu Rei guardavam,
Que ora por Soberano o reconheçam.
Em meio de tudo isto, é bem patente
A dissidencia entre os dois Poderes!

Enfraquecem-se, e vão-se destruindo
Pela força latente que encaminha
Para uma Ordem nova! As criminosas
Ambições, que entre si ambos profligam,
São a acção negativa, que prepara
Para o advento da normalidade.

Outro Poder se fórma, ao que presinto,
Embora venha longe: a Intelligencia,
Da noção scientifica do mundo
Dando á humana consciencia uma outra norma,
Espiritual Poder estabelece;
A Lei escripta, que o Arbitrio annulla,
No accôrdo das Vontades fundamenta
O Poder temporal que a Ordem firma.
Não é odiosa a alta missão que cumpro;
N'este conflicto entre os dois Poderes
Eu sirvo a grande causa do futuro.

JORDÃO DE SAXE, *entrando na cella:*

Vaes para Portugal partir em breve;
Grandes são os perigos da jornada,
Maiores tens no termo da carreira.
Venho um Salvo-Conducto confiar-te,
Maravilhoso, de exito infalivel,
Na audaciosa empreza que tu cumpres.

(Entrega-lhe um bastão.)

FREI GIL:

Um bastão de jornada! é conveniente
Na perigrinação longa que enceto.

JORDÃO:

E' mais do que Bastão: é tambem Sceptro.
Confio-te o Bastão de San Domingos,
De que se conta a extraordinaria lenda:
Quando o fundador nosso esteve em Roma,
Ahi teve a visão, em que San Pedro
Apparecendo, este Bastão lhe entrega,
Dizendo: «Emprega-o como vara ou Sceptro.»
N'este momento contra a Realeza
Importa garantir a auctoridade
Da Ordem Dominicana. A ti confio
O Bastão do patriarcha San Domingos.

FREI GIL, *reverente*:

Em tuas mãos virei deposital-o.

No palacio da Alcáçova, em Santarem, aonde se achá DOM
SANCHO II, depois do rapto de D. MECIA DE HARO.

MORDOMO, *para o REI*:

Senhor! vêm Frades processionalmente,
Entrando no alcaçar; á frente avança
Frei Gil Rodrigues, o Dominicano,
Com a Bulla do Papa desdobrada
Em fórma de guião!

EL REI:

Que entrem os Frades
Com a Bulla . . . antipathica visita!
Interdicto ou anathema annuncia.

(FREI GIL entra, acompanhado por seis frades dominicanos e seis frades franciscanos com tochas accesas, até á presença do monarcha:)

Pois que é universal na Christandade
O Poder do Pontifice, esta Bulla
Manda Honorio Terceiro, destituindo
Do throno portuguez Sancho Segundo ;
E desliga os Fidalgos e os vassallos
Do Juramento de fidelidade.

(Depõe a Bulla diante do monarcha, e os Frades deixam cahir as tochas apagadas.)

EL REI. *afastando-se da Bulla :*

Frei Gil Rodrigues! és o indigno filho
Do honrado Ruy Pires Valadares,
Que foi Alcaide-mór de Coimbra outr'ora,
Sempre leal ao seu Rei nas fortes luctas
Com fidalgos e ávidos Prelados.
De quem herdaste tanta felonia?
Eu devera enviar-te para a forca
Por vil traidor. Mentiram os Prelados
Que te mandaram cá por covardia.
O Papa pusilânime me chama,
E negligente! Os factos o contestam:
Eu tomei ao dominio mussulmano
Elvas e Juromenha! tomei Serpa,
Mértola, apoz Arronches e Ayamonte!
Conquistei Aljustrel . . . e outras terras
Que enumerar não quero, dilatando
Por todo esse Alemejo o luso Reino.
E eu, que assim repelli os inimigos

Da Cruz, eu sou do Papa maltratado!
Um impulso malévolo ha na Egreja,
Que ao Poder temporal a assaltar leva;
A Ordem Dominicana é o instrumento,
E tu o servo, ambicioso frade!
Eu sei bem por que se desencadêa
Sobre mim esta odiosa tempestade:
A Rainha leoneza, minha tia,
E' que sustava os desvarios torpes
Das ambições dos Bispos e Abbades;
Meu pae me confiára á sua guarda,
Ella morreu...

MORDOMO, *sobresaltado*:

Senhor! desembarcado
Em Lisboa é o Principe, que viera
De França! Já o Alcaide a homenagem
Lhe entregou do Castello e da Cidade.

PAGEM, *precipitadamente*:

Evadiu-se de Santarem o Alcaide,
Ao saber que se achava desligado
Do juramento de fidelidade;
Ao encontro do Principe partira.
Seguir-se-ha logo o Alcaide de Leiria,
Talvez o de Coimbra... Correm vozes...

EL REI:

Espectaculo da abjecção humana,
Que a vontade de morrer incita!
A rêde das traições é vasta... a terra
Que engrandeci não cobrirá meus ossos.

(Em devaneio amargurado)

Ha um unico sitio onde a minha alma
Acha consolação — é em Toledo,
Junto da sepultura em que repousa
A Rainha leoneza! Cedo o campo
Aos traidores, á espoliação fraterna.

*(O Rei abandona Santarem e parte des-
vairado.)*

UM MESTEIRAL:

Quero vêr como Dom Affonso, agora
Assim nas mãos dos Bispos e Fidalgos,
Póde governar isto com justiça.

OVENÇAL:

Elle é bastante esperto, e com certeza
Logra as duas facções.

MESTEIRAL:

Dando a Lisboa
Confirmação de antigos privilegios,
Junto do Rei, Frei Gil assigna a Carta!

OVENÇAL:

Apesar d'esta amostra, estou na minha.
Dom Affonso hade procurar no Povo
A segurança para o seu governo,
Se elle não quizer ter do irmão a sorte.

A pretexto de ir tomar o grão In-Sacra Pagina, FREI GIL RODRIGUES dirige-se a Paris, indo primeiramente a Toledo.

FREI GIL, *ouvindo dobres funereos*:

Morreu por certo egregio personagem?
Harmonisam-se os funerarios dobres
Com o lucto que ha tanto trago n'alma.
A destituição de um Rei parece
Por pathetica, execução de morte.

OVENÇAL, *explicando o facto*:

Estes signaes que ouvis, são as exequias
Do Rei de Portugal Sancho Segundo.
Desamparou seu reino desolado
Por lhe raptarem a mulher querida,
Do Solar de Haro uma formosa dama!
Não a achou em Toledo, e ha quem diga
Que, por ser portuguez — morreu de amores.

FREI GIL:

Lenda de flores que os espinhos cobrem.

OVENÇAL:

Dizem ahi que o Alcaide-mór de Coimbra
Vindo de Portugal, seu Rei procura.

FREI GIL, *vendo na praça de Toledo um
Cavalleiro portuguez que se dirige
para elle:*

Conheci-vos de longe, pelo aspecto
De portuguez, que tanto vos distingue.

MARTIM DE FREITAS:

Recordações me acordam vossas fallas.

FREI GIL:

Pela accentuação sois de Coimbra?

MARTIM DE FREITAS:

O Alcaide do Castello da cidade.

FREI GIL, *com pasmo:*

Martim de Freitas? O preclaro Alcaide,
Que ao Principe não entregou as chaves
Do Castello, que tinha em homenagem? . . .
A Alcaidaria-mór de Coimbra teve-a
Meu pae, em tempo do Segundo Affonso.

MARTIM DE FREITAS:

Sois Gil de Valadares, celebrado
De Paris nas Escolas pela Sciencia,
É na Ordem Dominicana agora?
Vós deixaes Portugal, quando o monarcha
Mais dos conselhos vossos necessita?

FREI GIL:

Vou acabar o curso interrompido
Da sacra Theologia; assim o ordena
O Geral . . .

MARTIM DE FREITAS:

Mas, em Portugal ainda
Não ha um pleno accôrdo entre os Alcaides.
Os de Lisboa, Santarem, Leiria,
Entregaram as chaves promptamente;
De Trancoso e Faria ignoro. Correm
Canções de escaneo entre o povo, sobre
O preço da entrega dos Castellos,
Tambem das Indulgencias que absolveram
Os Alcaides do cynico prejurio.

FREI GIL:

Prejurio? quando a Bulla ha dissolvido
O juramento de Fidelidade,
Que a Dom Sancho Segundo era prestado?
Não vos pediu o Principe homenagem?

MARTIM DE FREITAS:

Dom Affonso intimou-me a que entregasse
As chaves do Castello de Coimbra
Sem quebra do meu preito; que em Toledo
Morrera seu irmão El Rei Dom Sancho.
Ser traidor não eguala o ser burlado;
Ao Principe pedi que consentisse
Na viagem a Toledo, e a verdade
Verificasse do funéreo evento.

FREI GIL:

Vossa presença aqui me denuncia
Que o Principe é rasoavel, complacente.
Na Cathedral da conciliar Toledo
Ahi jaz sepultado El Rei Dom Sancho.

MARTIM DE FREITAS:

Para socego meu de consciencia,
Necessito de vêr com estes olhos
O cadaver do Rei Sancho Segundo!
Como obtêr permissão que se alevante
A lapide da regia sepultura ?

FREI GIL:

Permittindo-o o Arcebispo de Toledo.
Poderei alcançar-vos tal licença,
Logo que finalisem as exequias.

Levantamento da lagem do sarcophago do Rei de Portugal.

MARTIM DE FREITAS:

Indubitavelmente El Rei Dom Sancho,
O Segundo de Portugal, conheço!
Como christão ajoelbo ante seus restos ;
Como subito em sua mão deponho
As chaves do Castello de Coimbra.

(Dirigindo-se ao cadaver.)

Senhor! de vossa mão, pela confiança
Na jurada fidelidade minha,
Recebi estas Chaves do Castello
Em Coimbra erecto, e de que fui Alcaide!
Eu á Soberania incontestada
Prestei preito legitimo, e devido;
Veiu a morte solver o juramento.
Em vossas frias mãos deponho as chaves,
Symbolo do Poder que delegastes,
Correspondendo á inteira confiança.
Sem felonía, agora as chaves tomo
De vossas mãos, inertes pela morte,
Que eu irei entregar a quem compete
Por successão dynastica a Corôa!

*(Ergue-se, tomando de novo as chaves do
Castello de Coimbra, e assenta-se a
lagem sepulchral.)*

FREI GIL:

Para Portugal ides promptamente?

MARTIM DE FREITAS:

Por favor, á presença conduzi-me
Do Arcebispo; eu quero o anel beijar-lhe
Grato á concessão, com que patente
Me poz do infeliz Rei a sepultura.

FREI GIL, *acompanhando-o* :

Daes da fidelidade portugueza
 Grande exemplo moral, inolvidavel;
 Hade este nome de Martim de Freitas
 Fulgir na lusa historia, que enaltece;
 E o feito com que resgastaes perfidias
 De traidores felizes, memorado
 Será de idade em idade! Com certeza
 Ha um Poder, que excede os outros todos:
 O ascendente moral — que se não perde
 Ainda além da morte, além dos tempos.

*(Abraçam-se separando-se no atrio do
 palacio archiepiscopal.)*

Em Paris, na cela do Convento de San Domingos, FREI GIL
 prepara-se para as Vespérias do Gráo doutoral em Theologia.

JORDÃO DE SAXE, *entrando inesperadamente* :

Ordem expressa o Papa me transmite,
 Que a Portugal vos mande promptamente,
 Pois vos concede o Gráo interrompido . . .

FREI GIL:

Ha conflicto entre a Curia e o Monarcha ?

JORDÃO:

As mesmas dissidencias do passado.
Queixam-se os Bispos, que não são cumpridos
Por Affonso Terceiro os que jurara
Capitulos da Junta dos Prelados!
A Fidalguia queixa-se impaciente,
Que o Rei não a escuta, nem acata
Privilegios heraldicos; que assigna
A's povoações as Cartas foraleiras,
Dando mais garantia assim ás terras,
Que ao Estatuto pessoal, criando
Resistencia e apoio entre o Povo.

FREI GIL:

Caso é para remedio immediato,
Antes que . . .

JORDÃO:

Mas ainda ha peor do que isto:
Foi Mathilde, a Condessa de Bolonha,
Que em Paris Dom Affonso desposara,
Queixar-se ao Papa, de que seu marido
Chegando ella a Cascaes em um navio,
Lhe prohibira que desembarcasse,
Nem que pisasse terra portugueza!
Nem quiz tampouco receber o filho
Do consorcio legitimo nascido.

FREI GIL:

Custa a crêr em um Principe tal crueza!

JORDÃO:

Ha caso atroz. Para o Poder do Papa
Mathilde recorreu, pois Dom Affonso
Casou com Beatriz, filha bastarda
Do grande Rei de Hespanha Affonso o Sabio,
Sendo a primeira esposa viva ainda!
Contra a violação do sacramento
Do Matrimonio e torpe bigamia,
Protege o Papa a infeliz Mathilde;
E antes que elle fulmine o Interdicto
Sobre o Rei Dom Affonso e seus estados,
Quer que vades adiante . . . em vós confia.

FREI GIL:

Que heide fazer ? ou que Instrucções recebo ?

JORDÃO:

Entende o Papa, que o melhor partido
E' residirdes perto do Monarcha.
Para não attender Nobres e Bispos,
Faz-se Affonso Terceiro sempre doente;
Vós sois Medico, e está justificada
D'elle junto uma assidua presença.
Pela intima confiança e bom conselho,
Só vós tendes poder. Parti em breve.
Outra vez vos entrego o prestigioso
Bastão de San Domingos; conservae-o
Até á morte este palladio da Ordem.

Em marcha para a Côte portugueza, entra FREI GIL em Coimbra, quando se fazia a Procissão dos Nús, no recebimento das Reliquias dos Martyres de Marrocos.

FREI GIL, para um popular :

Que procissão é esta, acompanhando
Cinco defunctos em caixões dourados?
Trasladação de ossadas de Reis, vindas
De Santa Cruz para os sepulchros?

OVENÇAL:

Certo,

Chegaes de muito longe, não sabendo
Que o Infante Dom Pedro, de El Rei tio,
Por espirito aventureiro esteve
Na Côte do Imperio de Marrocos;
E regressando agora, trouxe ossadas
De cinco frades martyres, thesouro
Que ao Mosteiro de Santa Cruz offerta.

FREI GIL:

Tem dado que fallar assás no mundo
O Infante Dom Pedro, por proêzas
De coragem de insólita bravura.
Singular procissão! com gente núa,
Tal como em bacchanal desenfreada,
E tanta compunção ao mesmo tempo!
A devoção dos Flagellantes leva
A multidão a orgiasticos delirios.

THOMAZ SCOTTO, *apparecendo entre o
poço:*

Onde vim encontrar-te, Gil! Debaixo
Da cúgula monastica escondido,
O intelligente homem que brilhava
Em Paris, nas Escolas aclamado!

FREI GIL:

Um destino conscientemente eu sigo.

THOMAZ SCOTTO:

A Portugal trouxeram-me saudades.
Não descansava sem que outra vez visse
Este céu, de um azul incomparavel,
Este ár. E que originaes costumes!
A Procissão dos Nús é imponente,
Pelo effeito macabro, pittoresco
De um tripudio diabolico; em Janeiro,
Com este frio que trespassa os ossos,
E que arripia as carnes! São milhares;
Apenas uma toalha a cinta envolve,
Ligeiro simulacro de dencencia;
Levam cruces ás costas, arrastando
Grilhões pezados. Quanto ensurdescente
E' o ruido, o bater das disciplinas
Sobre esses corpos nús ensanguentados.
Como a piedade incauta engana as almas!

Mas, que phantasmagorica lembrança
Teve o Infante Dom Pedro, dando aos Cruzios
As ossadas dos Martyres-Marrocos!
Suspeito que elle tem secreto plano:
Sabe que El Rei está ferindo a tóa
Todo o partido que lhe deu o throno,
Faltando ao juramento que aos Prelados
Em Paris lhes prestara; e até o Papa
A causa da infeliz Mathilde attende.
O Infante Dom Pedro assim prepara
A popularidade e sympathia
Que o tornem dos Prelados — Pretendente.

FREI GIL:

Sempre o critico acerbo, que eu conheço.
E' o Infante Dom Pedro audacioso,
Sonhador, prompto a intrépidas Emprezas,
Passos de Armas, e Votos denodados.

THOMAZ SCOTTO, *entrando com a Procissão dos Nús para o Mosteiro:*

O Sermão das Reliquias vae seguir-se!
Não devemos perdel-o! Nós, que ouvimos
Em Paris celebrados Prégadores,
E os mais sabios lentes. Já lá se ergue
No pulpito o Orador.

FREI GIL:

Então ouçamos.

(Vae-se attenuando o borborinho da multidão; cessam os estalidos dos Flagellantes, silencio geral.)

PRÉGADOR:

.....
 Vêde: a *Rosa vermelha* symbolisa
 Pela Fé santa o transe do Martyrio.
 E' a Alma humana a ingenua Donzella
 Que a colher a Flor mystica descende
 Para o jardim fechado. Em vez dos textos
 Da verdade buscar nos Santos Padres,
 Eu, propheticamente, a encontro expressa
 N'uma velha Canção, vulgar em França,
 Em que aos cinco botões da Rosa allude,
 E de que a *Belle Alice* fez grinalda.

THOMAZ SCOTTO, para FREI GIL:

Queres vêr como o Prégador repete
 O que fez de Cantórbery o Arcebispo
 Etienne Laugton, que a *Belle Alice*
 N'um Sermão em latim intercalara?

FREI GIL:

Eu acho interessante a coincidencia.
 Como corre o absurdo o mundo todo!

PRÉGADOR, *continuando*:

São da *Rosa florida* os botões cinco,
 Os Martyres do Imperio de Marrocos,
 Trazidos para este inclyto Mosteiro.
 Póde a comparação levar-se longe:

Santa Cruz é agora a *Belle Alice*,
Que vem colher as Flores olorosas
Com que hade com pureza engrinaldar-se.
Ora ouvi a Canção, como se canta.

(*Preludio campesino no orgdo. O PRÉ-
GADOR entôa em falsete:*)

*Belle Alix matin leva,
Son cors vesti e para
De rose fleurie.*

*Son cors vesti e para,
Enz un verger s'entra
De rose fleurie.*

*Enz un verger s'entra,
Cinq fleurettes y truva
De rose fleurie.*

(*Intervallo em que os Nús se discipli-
nam fortemente, escorrendo sangue,
como signal da comprehensão da Al-
legoria.*)

O PRÉGADOR, cantarolando:

*Cinq fleurettes y truva,
Un chapelet fet en a
De rose fleurie.*

*Un chapelet fet en a:
— Par Deu, trahez vus en là,
Vus kai n'amez amie.—*

THOMAZ SCOTTO:

Bem applicada foi a Canção velha,
Prestando-se, á graciosa allegoria.

FREI GIL:

Repelle a Egreja os Canticos do Povo ;
Só quer o fabordão gregoriano,
Com que mascára as Cantilenas bellas.
Vou descansar da viagem no Mosteiro
Da Ordem minha, aqui fundado em Coimbra.

(Despedem-se.)

Enquanto FREI GIL RODRIGUES está recolhido no Convento de San Domingos, apparece-lhe TITIVETILUS, o ESCHOLAR POBRE, como Irmão Converso, com o nome de

FREI JOÃO FRANCEZ:

Livre do meu influxo, na tua alma
Mantem a Negação seu predomínio ;
A Portugal tu vens para servil-a.
Toda esta lucta hoje entre os dous Poderes,
O conflicto de Crenças e de Ideias,
Prolongar-se-ha por seculos ainda.
Tens de assistir apathico, impotente,
A' demolição pávida de um mundo,
Sem entrevêr o plano que dirija
Tanto esforço ao trabalho constructivo.
Terão as guerras movel religioso ;
Será da Egreja o seio lacerado

Pelos Papas com fortes heresias;
Serão as Monarchias demolidas
Pelas Revoluções; e este estado
Anarchico, de crises transitorias,
Systematico e mais feroz se torna.
Foi brilhante essa phase a que assististe!
Testemunha passiva, na impotencia
Hasde morrer, embora na confiança
Do Papa e o Rei, que em arbitro te arvoram.

FREI GIL:

Prosegue na tua obra dissolvente;
Para mim esta situação me basta
De pensador sincero e isolado,
Na pessoal renuncia . . .

FREI JOÃO FRANCEZ:

Bem te entendo.

O ascendente moral é quanto aspiras!
Se um dia conseguires essa fórma
Do Poder, verdadeiro e mais completo,
Dar-me-hei por vencido. Agora escuta
O Vexamen do grão *In Sacra Pagina*,
Que em Paris preparava o Escholar Pobre:

Que importa que as beguinas dementadas
Glorifiquem teu nome em vagas lendas,
Propagadas por obcecados monges,
Se o teu nome enfileira-se entre aquelles
Que os Pactos demoniacos firmaram,
Como *Theophilo*, o Vidamo d'Andamo,

*Militarius, Proterius, e Cypriano,
Anthémios; não fallando dos antigos,
Apollonio de Thyane e Simão Mago,
Cynops e Heliodoro. Essas lendas
De sanctificação bem cedo esquecem.
Ah, se um dia, no mundo eccoar teu nome,
Ao negativo espirito essa gloria
Tu deves, pois te eleva na phalange
De Alberto Magno e de Rogerio Bacon,
De Abailard e Arnaldo Villa Nova,
Trithemio e Gilberto. Todos esses,
Accusados do Pacto com o Diabo,
A pura luz da Sciencia diffundiram.
O Theurgismo, a Alchimia e a Cabala,
A Scholastica e a Heterodoxia,
A Gnose e a Medicina te formaram
A lenda tenebrosa, que em ti sempre
A auréola da Santidade empana.*

(Canta de gallo, em dr de sarcasmo.)

Como ao cantar do gallo acordou Pedro,
De ter tres vezes renegado Christo,
Eu, Frei João Francez, tambem sou Gallo
A acordar-te as loucuras do passado.

FREI GIL, para o irmão *Converso*:

E's um pobre lycanthropo, de accessos
Passageiros, nos quaes tu te imaginas
Entidade malévola, sinistra.
Os errores nocturnos, a presteza
Com que appareces e veloz te occultas,
Cacarejos de gallo, uivos de lobo,

Em tua vida de Escholar errante
Fazem de ti, magnifico e completo
Exemplar da *Lycanthropia magica*.
Pódes ter cura. A' Medicina cabe
Dar-te as ervas solâneas, que te accalmem,
Pobre doente, bem digno de piedade.

UM LEIGO, *ds reverencias*:

Padre Mestre! é chegado um mensageiro;
Vem da parte de El Rei com uma carta,
De Santarem, onde a Frei Gil espera
Nos seus paços da Alcáçova.

FREI GIL:

Já parto.





EPILOGO

O BASTÃO E O SCEPTRO

Nos Paços da Alcaçova, em Santarem; o rei D. AFFONSO III gemendo, atacado de gotta; FREI GIL, apoiando-se no Bastão de San Domingos, ainda cansado da jornada.

D. AFFONSO III:

Bem venhaes, Padre! Espero que a presença
Vossa, de tantas dôres me liberte,
Que me amarram ao leito, como a ecúleo,
Sem eu poder tomar conhecimento
Das queixas dos Prelados e Fidalgos,
A quem eu devo unicamente o throno.

FREI GIL:

A noticia de vossos soffrimentos
Tem chegado, senhor, longe, mui longe;
A elles se attribue certas demoras
Em cumprir os Capitulos jurados...

D. AFFONSO III:

Em Paris! Foram bellos esses tempos ;
Sinto-me reviver com taes lembranças.
Emprestae-me o Bastão vosso, com elle
Quero erguer-me, e andar por esta sala.

(Tomando o Bastão, alevanta-se e move-se andando com desembaraço.)

Sinto-me outra vez homem ; não mais dôres!
N'este momento movo-me á vontade.
E' o vosso Bastão maravilhoso ;
Quanta virtude lhe communicastes!

FREI GIL, *sorrindo* :

Não esqueci ainda a Medicina,
Que estudei em Paris : esta doença
E' que vos guarda de um peor achaque,
O assalto dos Prelados e Fidalgos
Contra o Poder real que se organisa.

D. AFFONSO III, *a sorrir-se* :

Pelo vosso Bastão trocara o Sceptro,
N'este momento. Espero outro milagre:
O Papa inflige-me asperas censuras,
Tambem com o Interdicto me ameaça,
Dando ouvidos ás queixas de Mathilde,
Que em Paris desposei, n'aquelle accôrdo
Da *honteuse connivence* . . .

Vós, sómente,
Podeis trazer o Papa a bom conselho,
Concedendo o divorcio. O casamento
Com a filha do rei Affonso o Sabio,
De Portugal amplia o territorio
Aos Algarves d'áquem, — um novo Reino,
Dando á Nobreza campo a dignos feitos,
Mesmo aos Bispos mais Sés, onde a Cruz se erga.
Vendo Honorio Terceiro de alto as cousas,
De Mathilde o divorcio me concede;
De vós depende o exito do caso.

FREI GIL:

Sei que a Condessa de Bolonha é morta . . .

D. AFFONSO III, *com surpresa*:

Tomae vosso Bastão ; tenho receio
De mais milagres, que a fortuna eguallem
Do Annel de Polycrates outr'ora.

No pequeno jardim do asceterio de FREI GIL RODRIGUES, em
Santarem, onde o Rei o visita.

D. AFFONSO III:

Vem no Poema de Dante tres Doutores
Glorificados, — um é *Gil de Roma*,
Com *Sigier* de Brabant, audaz e arguto,
E o pontifice nosso *Pedro Hispano*,
O que fez de Aristoteles a Summa.

Tenho pena que o Vate florentino
N'essa constellação de pensadores
Não incluisse ahi o nome vosso,
Ao *Doctor fundatissimus* reunido.
Talvez rivalidades das Escolas
Entre o Medico e o theologo latentes? ...

FREI GIL:

O philosopho arabe Avempace
A' *Republica solitaria* guia
Quantos pensam e ao Ideal aspiram,
Sem renunciarem ao social contacto.
N'esse mundo sereno, subjectivo,
Refugia-se o espirito, encontrando
Contra o atrazo do tempo e dos Poderes
Consolação, amparo e equilibrio
Entre as aspirações e a realidade.
O Monge, na apathia da existencia
Do claustro cae no egoismo e idiotia;
O Philosopho, na abstracção se perde
Impotente, desalentado, esteril.
Sem succumbir ás decepções tremendas
De um Seculo que o retrocesso annulla,
Sem descrêr das Ideias generosas,
Na *Republica solitaria* encontro
Do sêr moral a placida atmosphaera
Da humana concordia e beatitude.
Bem haja o alto philosopho Avempace,
A' revolta e anarchia da minha alma
Pacificação deû, que gosa o Santo.

Eu prefiro ás estrophes dos Poetas
A augusta voz da Tradição do povo,
Quando a lenda consoladora fórma:
A immortalidade verdadeira
Só consiste em — viver na sympathia.
O homem erra quando affirma ou nega;
Destróe, quando edifica nas ruinas
Que revolve ao abrir os alicerces;
N'uma luta incessante o mundo existe!
Mas para que a *Verdade* a Sciencia espalhe,
E para que o Poder a *Paz* assente,
Sómente o Amor é que unifica as almas
Na vibração da intima concordia.
E' pelo *Amor*, que esta tremenda crise
Que um seculo obscurece, hade vencer-se,
Cedo ou tarde, que importa! A Natureza
Dará o impulso a nova Renascença.

A lenda dos Sete dormentes

N'uma caverna, em meio das ruinas
Do Artemision, foram esconder-se,
Foragidos das luctas do Imperio,
Sete nobres romanos.

O torpôr dos mephiticos vapôres
Quebrantando-lhe os membros, lethal somno
Em morbida dormencia os prostra, e ficam
No humano esquecimento.

Desde o imperio de Decio ao de Theodosio,
Duzentos annos passam decorridos;
Até que um dia a luz, o ár irrompem
Na caverna soturna.

Prompto os Sete dormentes despertados
Do pezadello secular, inquietos
Percorrem a Cidade, e a não conhecem!
Não entendem a lingua.

Sobre a grimpa dos templos arvorada
Estava a Cruz! Costumes diferentes,
Interesses e normas de existencia
Attonitos observam!

Como as aves da treva espavoridas
Pelo clarão do sol, — restos de um mundo
Ante a visão da Era nova, estranha,
Vão os Sete dormentes.

*

Nova Cidade se alevanta hoje,
Paz e Verdade tem por alicerces!
Dando ao alto Ideal realidade,
A Humanidade aclama!

Vós, Monarchas, Pontifices, Senhores
Dós privilegiados nascimentos,
Parasitas do Capital, do mando,
Restos do antigo abuso;

Juristas das Leis mortas sem Justiça,
Sabios estereis da banal Sciencia,
N'esta vaza de um mundo que se *extingue*
Sois os lodosos vermes.

Mais que os Sete dormentes, desvairados
 Perante a grande luz da Edade nova,
 Tornaes incompativel o presente,
 Renegando o futuro.

Fechados na caverna infecta, escura
 Das monstruosidades do egoismo,
 Cerra-vos o horisonte — o dia de hoje,
 Que augusto Ideal occulta.

Outros Symbolos fallam á consciencia,
 Da Humanidade o imperio definindo;
 Altas aspirações não vos acordam
 Oh Dormentes da lenda!

*(O Monge octogenario fica absorto em
 um prolongado extasis; o Rei vendo-o
 n'aquella serenidade, retira-se sem
 ruido da cella.)*

FREI JOÃO FRANCEZ, *apparece e desperta*
 o monge:

Vigilate, quia nescitis horam!
 Com o Rei eu ouvi toda a conversa . . .
 Quando o homem contemplo, na sublime
 Energia da ideia, e da consciencia,
 Nas paixões que o agitam, ou o elevam,
 Digo commigo: — Creação tão bella,
 Possuindo o imperio da vontade,
 Mesquinho dó me inspira! ao vêr o effeito
 Da essencia perfectivel produzindo
 Hypocritas, malvados e velhacos,
 Em maioria, governando o mundo.

FREI GIL:

Ha no erro uma alma de verdade,
 Como contém o mal bem relativo :
 E' por isso que a antithese que avultas,
 Não apaga a noção de Humanidade
 Que se destaca do odio e da anarchia !
 No atroz conflicto de paixões egoistas,
 Consegui libertar-me dos impulsos
 Que da linha ideal me desviaram ;
 Todo esse mal á perfeição me guia.

Do *Quadrante solar*, como um emblema,
 Tomo a Divisa que esta norma exprime :
 — A *luz* da altura me dirige a marcha,
 A vós sómente a *sombra* vos governa ! —

(*Duas mulheres embiocadas dirigem-se
 para o Asceterio; FREI JOÃO FRAN-
 CEZ. retira-se mysteriosamente.*)

Em visita ao asceterio, ELVIRA DURANDA, a emparedada de San Domingos, e D. JOANNA DIAS, espreitam para dentro da cella.

DURANDA:

E' aqui a morada do homem santo
 Que me salvou. Eu não tornei a vê-lo
 Desde que achei refugio na clausura.
 Frei Umberto, que escreve as *Vitae Patrum*,
 Pede noticias de Frei Gil Rodrigues ;
 Eu lhe lembrara o nome e as virtudes
 Do luminar da Ordem.

D. JOANNA :

De Toledo,

Manda pedir-lhe a Infanta Dona Sancha
Por mim, também, a piedosa benção.

FREI GIL, *levantando a cabeça, ainda em
estado extático :*

Lá vêm as Santas Mulheres
Choras, á sepultura
Aonde fôra enterrado
Jesus, sob lagem dura.
Vêm derramar piedosas
Pranto infindo de ternura ;
Era quasi ao fim da tarde,
Ainda não bem noite escura.

Ao chegarem á caverna,
Contemplam o antro sombrio,
Aonde a viva piedade
Do Discipulo encobriu
Do martyr, divino Mestre,
O corpo chagado, frio ;
Acham a lagem revolta,
E o sepulchro vasio !

Inspira ardente linguagem
Do mysterio a intuição !
E em delirio arrebatadas,
Crentes, proclamando vão :
«Ahi n'essa estreita jazida
Não podia caber, não,
O Amor eterno e immenso
Que enchia o seu coração.

«O Amor, que é a vida d'outrem,
 A dor mais o alentaria!
 Da sepultura alevanta
 A pesada lagem fria;
 Irrompe como a luz pura
 Ao raiar de alegre dia;
 Da morte às sombras dissipa,
 Os céos enche de harmonia.»

Em tanto Amor inebriadas,
 No delirio que as agita,
 Voltam as Santas Mulheres
 Ao povoado, n'alta grita:
 «Jesus succumbiu á morte,
 Mas nas almas resuscita
 Pelo Amor, que em nós se accende,
 O Amor, essencia infinita.»

*(Terminada a exaltação do extasis, pen-
 de-lhe a cabeça sobre o livro que tem
 aberto diante de si e fica inerte.)*

DURANDA, *approximando-se e vendo-o
 morto:*

Estava lendo o Poema de Boecio.

D. JOANNA DIAS, *observando o livro:*

Por letra de Frei Gil termina o Poema:
 «Lembrança da Rainha divorciada.»

(Com magoa:)

Elle não conheceu o amor immenso
Que lhe votei na alegre mocidade;
Nem todo o sacrificio de uma vida,
Gasta na penitencia por salvá-o
D'esses estudos da Magia negra.
A voz do Povo aclama-o por Santo;
E como a Santo, a mim resta-me ainda
Alevantar-lhe o sepulchral moimento,
Pela piedade que o amor puro exalta.

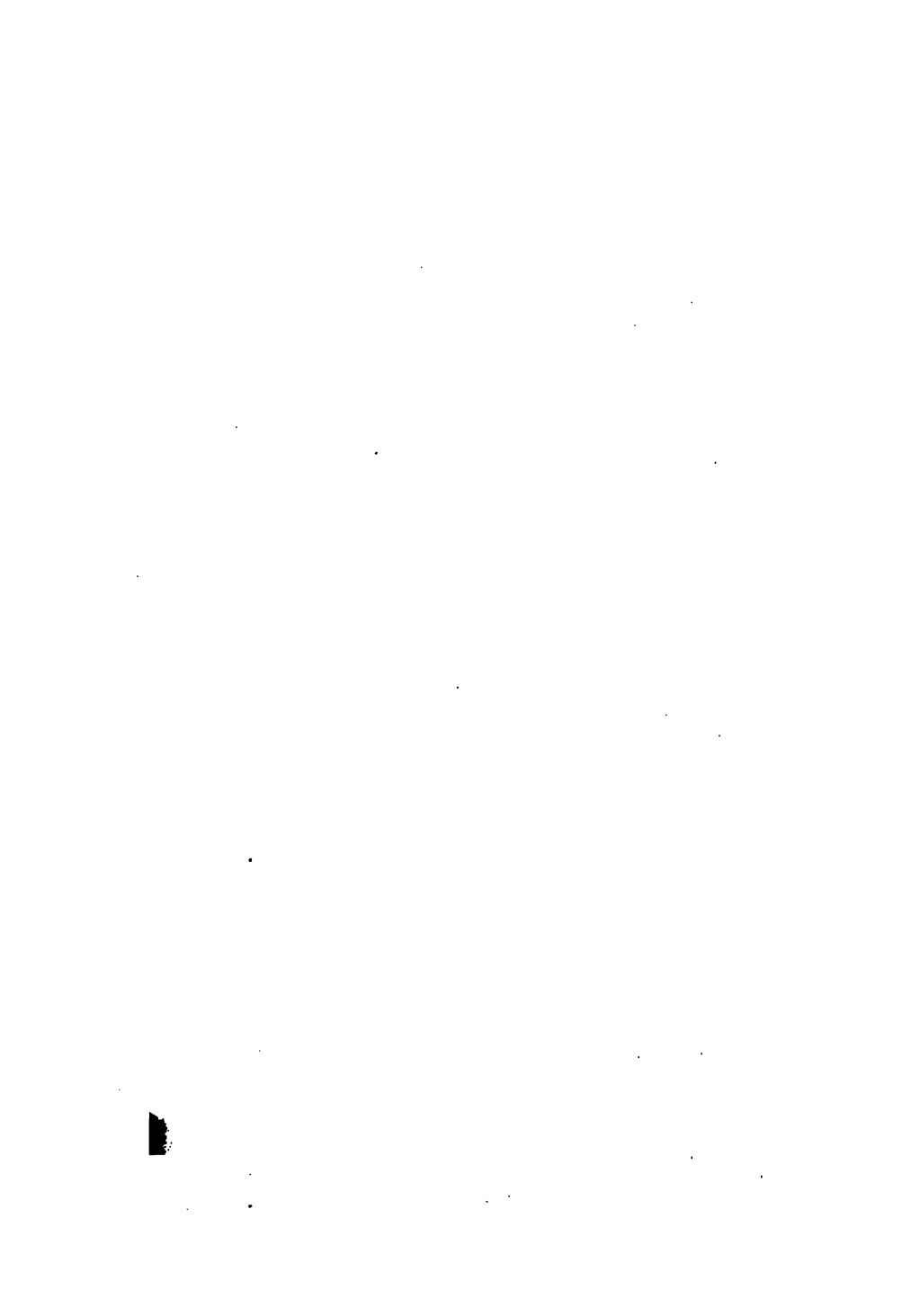
DURANDA, tomando como reliquia uma
homilia de FRAE I GIL, e lê:

«A Religião da Confraternidade
Fundou-a a condolencia feminina,
Quando deu a Jesus immortal gloria;
O mesmo sentimento excelso, ingenuo,
E' que revela a Providencia humana.»

AMBAS, ajoelhando e beijando-lhe as
mãos:

Dá-nos o amor feliz presentimento:
Mais do que a laurea doutoral do Sabio,
Refulge eterna a auréola do Santo.

FIM



INDICE

FREI GIL DE SANTAREM

	Pag.
IDEIA DO POEMA:	
i. A primeira Renascença.—Symbolisação artistica	v
ii. A Lenda agiologica e as tentativas de elaboração litteraria	xvii

PRELUDIO

Canção do Sino corrido.	1
---------------------------------	---

PARTE I

O AMOR

JORNADA PRIMEIRA

Vigilia do Escholar

1.º Quadro—A Noite da Tuna.	7
2.º Quadro—O Castello de Montemór	30
<i>Auto do Abbade João</i>	49

JORNADA SEGUNDA

Os Irmãos do Livre Espirito

- 1.º Quadro— O Pacto de Negação.
- 2.º Quadro— Os dois Livros

PARTE II

A SCIENCIA

JORNADA TERCEIRA

As Covas de Toledo

- 1.º Quadro— O Thezouro de Guarrazar
- 2.º Quadro— A insurreição mental

JORNADA QUARTA

Na Montanha Latina

- 1.º Quadro— Oh Mater alma
Auto dos Zelos de José Carpinteiro.
- 2.º Quadro— A Investida do Becjaune
Scenas da Deposição

PARTE III

O PODER

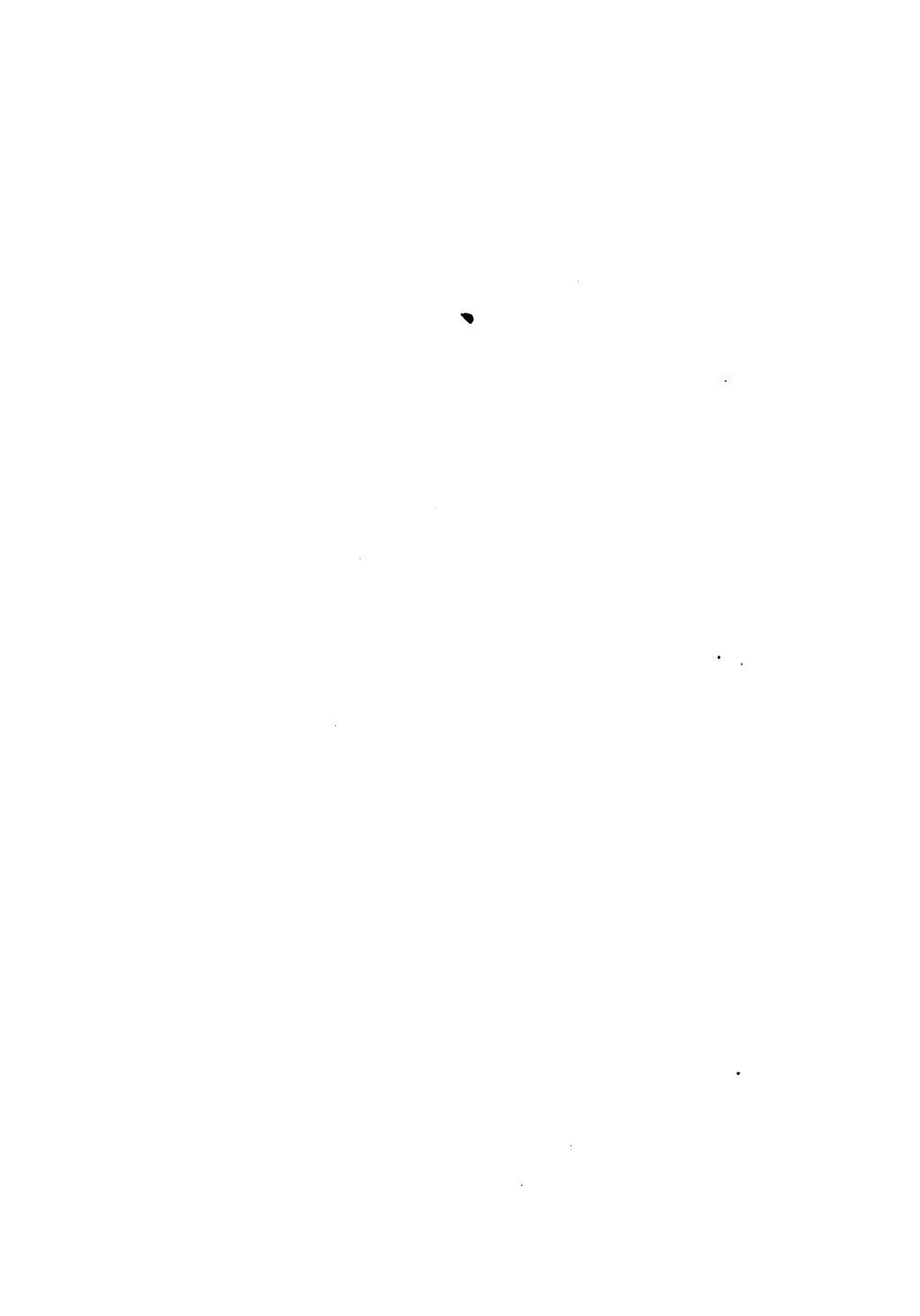
JORNADA QUINTA

A Côte de Branca de Castella

- 1.º Quadro— Honteuse connivence
Auto da Noiva de Coryntho
- 2.º Quadro— A Junta dos Prelados

EPILOGO

O Bastão e o Sceptro



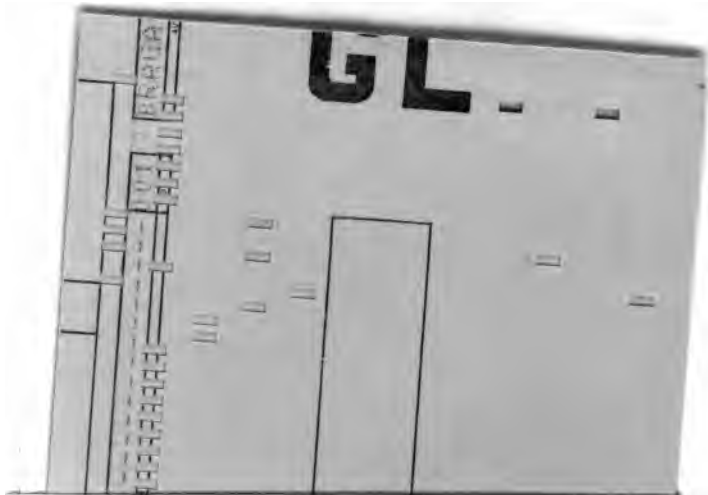
1

2

UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 02762 6251



**DO NOT REMOVE
OR
MUTILATE CARD**

